

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SÃO PAULO**

Edineide Maria de Oliveira

**As relações entre capital social e capital humano: um estudo
com alunos trabalhadores**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2016

Edineide Maria de Oliveira

**As relações entre capital social e capital humano: um estudo
com alunos trabalhadores**

Doutorado em Ciências Sociais

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de doutora em Ciências Sociais, sob orientação da Profa. Dra. Noêmia Lazzareschi.

SÃO PAULO

2016

Banca Examinadora

In memoriam

A meu, pai José Borges de Oliveira, e a minha
avó, Josefa Maria dos Santos, que foram
embora no período em que estava realizando
esta tese.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a esta vida maravilhosa que me fortalece a cada dificuldade e desenvolvimento pessoal.

Esta tese foi possível devido ao apoio e ao reconhecimento do Cônego Antônio Manzatto, quando reitor do UNIFAI, e à aprovação dos procuradores da Fundação São Paulo, nas figuras dos padres João Julio Farias Júnior e José Rodolpho Perazzolo, concedendo uma bolsa de 100% da Fundação São Paulo para o desenvolvimento do projeto de pesquisa.

A todos os professores e à coordenação do programa, especialmente a Kátia Cristina da Silva - assistente de coordenação, que sempre me atendeu nas horas mais difíceis, informando-me sobre os trajetos a serem percorridos nesta conquista. Aproveito para agradecer aos professores, colegas e amigos que conquistei nesta jornada, especialmente a Karine Freitas de Salvador.

A gratidão é imensa com relação ao conhecimento, amizade, comprometimento, dedicação e motivação que recebi da minha orientadora Noêmia Lazzareschi a qual foi minha amiga nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao meu esposo, Márcio Cavalini, que sempre me incentivou e ajudou a realizar este trabalho, pois sem a sua ajuda e incentivo acredito que não seria possível levá-lo adiante, uma vez que nossa vida, em São Paulo e Curitiba, precisou de grande planejamento, esforço e foco.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe Erondina Maria dos Santos, que também me auxiliou com conselhos e ajuda.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
REFERENCIAL TÉORICO.....	20
1 CAPITAL SOCIAL.....	20
1.1 Capital social, cultural e desenvolvimento econômico.....	36
1.1.1 Capital social e as redes sociais.....	43
1.1.2 Capital social na visão contábil e sociológica.....	47
2 TEORIA DO CAPITAL HUMANO.....	49
2.1 Início da Teoria do Capital Humano.....	55
2.2 Componentes do Capital Humano.....	57
2.3 Capital Humano e Educação.....	63
2.4. Educação um processo contínuo.....	65
2.4.1 O processo educativo enquanto um fenômeno sociocultural.....	67
2.4.2 Educação e o processo histórico do homem.....	69
2.4.3 O ato de educar na sociedade:.....	71
2.4.4 Educação: formação e qualificação profissional.....	74
3 CAPITAL HUMANO E CAPITAL SOCIAL E AS POSSÍVEIS RELAÇÕES	80
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	93
4.1 Perfil dos alunos.....	93
4.2 Pesquisa Quantitativa.....	103
4.2.1. Resultados da pesquisa quantitativa.....	105
4.3. Pesquisa Qualitativa – Entrevistas.....	116
4.3.1 Resultados de Pesquisa Qualitativa.....	125
5 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134

REFERÊNCIAS.....	141
-------------------------	------------

APÊNDICES.....	154
-----------------------	------------

Apêndice A – Questionário sobre o Capital Social e Capital Humano.....	156
---	------------

Apêndice B – Perfil dos Alunos do Curso de Administração.....	158
--	------------

Apêndice C – Entrevista com alunos concluintes do Curso de Administração.....	159
--	------------

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Rede confiança.....	23
Figura 2 - Quadro mostrando Capital social positivo e negativo.....	33
Figura 3 - A comunidade cívica nas regiões italianas	41
Quadro 1 – CHA – Conhecimento, Habilidade e Atitudes	64
Quadro 2 - Quatro Pilares	64
Quadro 3 - Frequência de publicação de artigos acerca do capital social e o humano em periódicos nacionais desde 1977.....	88
Figura 4 – Gráfico mostrando os percentuais de gênero.....	94
Figura 5 – Gráfico mostrando o estado civil.....	95
Figura 6 – Gráfico mostrando os percentuais relacionados à faixa etária	95
Figura 7 – Gráfico mostrando os percentuais das questões relacionadas à raça e cor.....	96
Figura 8 – Gráfico mostrando os percentuais de alunos que possuem casa própria.....	97
Figura 9 – Gráfico mostrando os percentuais de alunos que possuem automóvel.....	98
Figura 10 - Gráfico mostrando os percentuais de alunos que moram nas regiões de São Paulo.....	98
Figura 11 - Gráfico mostrando os percentuais de alunos que investiram na profissão: estágio e renda	99
Figura 12 - Gráfico mostrando os percentuais de grau de instrução dos pais dos alunos.....	101
Figura 13 - Gráfico mostrando os percentuais das religiões dos alunos.....	102
Figura 14 – Recorte do questionário utilizado na coleta de dados, mostrando uma das questões de capital social.....	105
Quadro 4 – Lista das questões e possibilidades de respostas presentes no questionário utilizado na pesquisa.....	105
Figura 15 - Gráfico mostrando as duas primeiras perguntas do questionário.....	106
Figura 16 - Gráfico mostrando os percentuais das questões relacionadas à confiança em instituições e governo.....	107

Figura 17 - Gráfico mostrando os percentuais das questões relacionadas à confiança.....	108
Figura 18 - Gráfico mostrando os percentuais das questões relacionadas à reciprocidade.....	109
Figura 19 - Gráfico mostrando os percentuais das questões relacionadas à amizade dos participantes da pesquisa.....	110
Figura 20 - Gráfico mostrando os percentuais das questões relacionadas à participação em redes virtuais e desdobramentos relacionados a emprego dos participantes da pesquisa.....	112
Figura 21 - Gráfico mostrando os percentuais das questões relacionadas à relação entre o capital social e o capital humano.....	113
Figura 22 - Gráfico mostrando os percentuais das perguntas relacionadas à questão ética.....	113
Figura 23 - Gráfico mostrando os percentuais da experiência de trabalho dos participantes da pesquisa.....	113
Figura 24 - Gráficos mostrando os percentuais das questões relacionadas à educação dos participantes da pesquisa.....	115
Figura 25 - Gráficos mostrando os percentuais das questões relacionadas ao investimento na profissão dos participantes da pesquisa.....	115
Quadro 5 – Lista das questões para entrevista da pesquisa	117

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

CHA	Conhecimento, Habilidade e Aptidão
ENADE	Exame Nacional de Desempenho
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FDC	Fundação Dom Cabral
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FMI	Fundo Monetário Internacional
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PINTEC	Pesquisa de Inovação Tecnológica
PISA	<i>Programme for International Student Assessment</i>
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SOFTEX	Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro
UNESCO	Acrônimo de United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

RESUMO

OLIVEIRA, Edineide Maria de. **As relações entre capital social e capital humano: um estudo com alunos trabalhadores**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

Esta tese de doutorado estudou as possíveis relações entre o capital social e o capital humano, especificamente dos alunos concluintes do curso de Administração, empregados no momento da pesquisa que buscam melhor qualificação para o mercado de trabalho. O objetivo geral foi verificar as possíveis relações entre o capital social e o capital humano desses alunos. Os objetivos específicos consistiram em apresentar, interpretar e discutir dois indicadores de capital humano (experiência e educação); as respostas dos alunos acerca do capital social; as possíveis relações entre capital humano e capital social dos estudantes. A concretização dos objetivos se deu por meio da metodologia quantitativa, em que se aplicou um questionário e uma pesquisa exploratória. A metodologia qualitativa foi realizada por meio de dez entrevistas. A problemática deste estudo baseou-se em verificar a composição do capital social, em 2015 e 2016, dos alunos trabalhadores e suas respectivas relações, houve a confirmação das hipóteses, quase na totalidade, em que a maioria dos alunos tem uma rede de relacionamentos virtuais, somente na parte recreativa, e tem atitudes de confiança e reciprocidade. O aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e pessoais que lhe proporciona mostrar o seu capital humano. Conforme os autores Coleman, Putnam, Bourdieu e Schultz, houve relação entre o capital social e o capital humano dos alunos nas questões e entrevistas realizadas.

Palavras-chave: Capital Social. Capital Humano. Conhecimento. Habilidade. Atitude.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Edineide Maria de. **The relationship between social capital and human capital: a study with students workers.** Thesis (Doctorate in Social Sciences). Program of Graduate Studies in Social Sciences. Pontifical Catholic University of São Paulo. 2016.

This thesis studied the possible relationship between social and human capital specifically on the graduating students of management, who were employed by the time of the research, but seeking a better qualification for the labor market. The main objective was to verify the possible relationship between social and human capital of those students. For this reason, to assist in this research, the specific objectives consisted in presenting, interpreting and also discussing two human capital indicators (education and experience); as well as the students' responses about social capital; the possible relationship between human capital and social capital of the students. So that, the achievement of the objectives was through quantitative methodology, which was applied a question narrate complement a qualitative methodology was also performed by ten interviews with graduating students of business school. Therefore, the problem of this study was based on checking the composition of the capital, in 2015 and 2016, of employed students and based on this, there was confirmation of the hypothesis, almost entirely, showing that most students have a network of virtual relationships only in the recreational part with attitudes of trust and reciprocity on that. So that it was proved that the student has a network of virtual and personal relationships that allow them to show their human capital. According to the authors Coleman, Putnam, Bourdieu and Schultz, there was proved a relationship between social and human capital of students based on the questions and interviews.

Keywords: Social Capital. Human Capital. Knowledge, Skills. Attitude.

INTRODUÇÃO

Quantificar os aspectos comportamentais é um grande desafio, principalmente quando se estudam os comportamentos dos trabalhadores nas organizações e na sociedade com inúmeras pesquisas realizadas com o objetivo de verificar quais comportamentos influenciavam os processos produtivos e organizacionais. Num contexto social determinado, destacam-se, entre elas, as investigações realizadas por Mintzberg (1996), que enfatiza as estratégias e procedimentos das organizações pautados no comportamento dos seus funcionários. De maneira inversa, outros autores, como Kaplan e Norton (1992), Edvinsson e Malone (1997), Stewart (1998) e Sveiby (2002), trouxeram contribuições significativas para mensurar, de maneira financeira, os recursos intangíveis das organizações. Entretanto, não é possível detectar a totalidade do comportamento das pessoas, somente nas organizações, sem antes verificar o contexto ao qual pertencem.

As pessoas participam de um contexto social e econômico desde que nascem, porque precisam da outra pessoa, ou melhor, de outras pessoas para que se sintam inseridas. É necessário que haja uma interação positiva¹ com outros indivíduos no âmbito familiar, pessoal, profissional, acadêmico e social, devido à participação efetiva em um grupo no qual compartilham propósitos e objetivos comuns. Características como afabilidade e urbanidade são imprescindíveis, para conseguir e manter relações positivas, porque tanto a afabilidade, quanto a urbanidade, segundo a ética jurídica, significam respeito e cortesia para com o próximo. Da mesma forma, Ferreira (1987) indica que a urbanidade é a qualidade de urbano; civilidade; cortesia e afabilidade, mostrando que são necessários o respeito e a civilidade entre as pessoas (p.1221). Essa interação e a participação em grupos são consideradas a formação do capital

¹ Interação positiva Influência recíproca: a interação da teoria e da prática. Diálogo; contato entre pessoas que se relacionam de uma maneira adequada com a finalidade de promover o bem coletivo.

social e autores como Putnam (1988), Coleman (1988) e Bourdieu (1988) foram os pioneiros em divulgar o conceito e pesquisar o tema. Entretanto, não há pesquisa quantitativa na busca de mensurar o capital social de um grupo de estudantes nesse quesito.

O capital humano também é outro aspecto subjetivo que necessita de métricas para fomentar, desde melhor capacitação e qualificação profissional, como também para realizar políticas públicas no propósito de conseguir educar a população, no intuito de promover conhecimento, habilidade e atitude. Essas ações resultam em melhor competência e aptidão, em determinadas áreas de saber do profissional, possibilitando que ela receba renda e consiga participar do contexto econômico, com os recursos necessários para uma vida digna.

No mesmo sentido, buscando comprovar numericamente os aspectos comportamentais em um contexto econômico e social, este estudo realizou um recorte, no capital social e no capital humano, dos alunos trabalhadores concluintes do curso de Administração e, por esse motivo, houve um destaque para a educação, o que também será visualizado na pesquisa quantitativa e qualitativa, procurando demonstrar quanto de capital social e de capital humano os alunos, que buscam uma qualificação maior, a partir da empregabilidade por meio de ensino superior, detêm no momento da pesquisa.

É notório que tanto o capital social, neste estudo entendido como redes de relacionamentos dos alunos com as características de confiança e reciprocidade, como o capital humano, que foi entendido como recursos intrínsecos às pessoas, compreendidos como imateriais, conforme a linguagem da teoria econômica preconizada por Adam Smith (1983) são intangíveis no primeiro momento e de difícil mensuração matemática e monetária. No entanto, no mundo acadêmico esses recursos, no primeiro momento considerados subjetivos, são tratados como ativos que agregam valores às organizações

precisam ser preparados por um curso técnico ou pelo ensino superior, sabendo-se que existe a possibilidade de formação autodidata (MENDES, 2003).

Da perspectiva da gestão do conhecimento, esse ativo considerado intangível tem um valor maior que o monetário, pois armazena anos de experiência, relacionamento e conhecimento, bem como propicia eficácia e eficiência ao processo produtivo das organizações e da sociedade. Alinhadas aos mercados advindos da globalização e das novas tecnologias, as empresas têm se voltado para a administração do conhecimento, enfatizando a importância dos recursos considerados intangíveis, que podem ser representados pelo capital social e pelo humano, que, neste estudo, trará um recorte com alunos trabalhadores concluintes do curso de Administração (STEWART, 1998).

A presente tese resulta da intenção de se realizar um estudo empírico assentado nas teorias do capital social e do capital humano. Segundo Schultz (1973), o capital humano é fruto de investimentos com a finalidade de promover a formação educacional e profissional do indivíduo, destacando-se as aptidões, competências, habilidades e atitudes pessoais inatas ou adquiridas que proporcionem ao indivíduo receber mais renda no futuro. A teoria do capital humano refere-se aos investimentos para a produção do capital humano e, neste estudo, relacionou-se com os alunos que estão no término do curso no ensino superior em Administração.

São várias as conceituações de capital social, porém nesta pesquisa foram apresentadas as principais para, em seguida, focar uma rede de relações de amizade e coleguismo que cada indivíduo constrói no decorrer da sua vida, podendo ser positiva ou negativa. Se positiva, estará relacionada com laços de confiança e reciprocidades; se negativa, verifica-se a dificuldade de compor o capital social no contexto da confiança e reciprocidade, pois as relações de coleguismo e amizade não são visíveis como no capital social positivo. O capital social pode estar contido em uma cultura, conforme elucida Pierre Bourdieu na

sua obra “O Capital Social”, pois a cultura faz parte de uma sociedade que tem relação direta com a educação, os costumes, os hábitos, os gostos e as preferências. Verificando-se por outro foco, a cultura faz parte do capital econômico, considerado como o acúmulo de bens e serviços de uma sociedade, num determinado momento. Difere do capital humano, no tocante às atividades desempenhadas pelo indivíduo no seu grupo, podendo interferir nas relações de trabalho, visto que o local de tarefas é composto por uma equipe de trabalhadores que tem conhecimentos, habilidades e atitudes que serão imprescindíveis para realização de uma atividade.

Destacam-se, como estudiosos do capital social, os americanos James Coleman, no final da década de 80, e Robert Putnam, para quem um conjunto de práticas sociais, normas e relações de confiança promovem o capital social. O colombiano Silvio Salej Higgins pesquisa há mais de quinze anos o capital social. Nesse sentido, é necessário salientar que Sergio Luiz Boeira e Julian Borba mostram que existem publicações significativas acerca do capital social, totalizando 326 em línguas inglesa e espanhola, no período de 1986 a 2001. Esses autores realizaram uma resenha sobre o trabalho de Silvio Salej Higgins, intitulada “Os Fundamentos Teóricos do Capital Social”.

No entanto, no Brasil, a expressão, de acordo com a sociologia, é nova e pouco conhecida, apesar de haver artigos científicos explorando o tema e aprofundando a discussão. Para tanto, será exibido um quadro com os periódicos nacionais acerca do capital social no decorrer do estudo.

A problemática deste estudo consiste em verificar a composição atual de capital social, em 2015 e 2016, e suas respectivas relações da amostra dos estudantes no quesito rede de relacionamentos e confiança e seus impactos sobre as indicações de trabalho, considerando-se, o estudante trabalhador, o sujeito pesquisado. As hipóteses norteadoras da pesquisa de campo desta tese são:

- a) o aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e pessoais e não tem atitudes de confiança e reciprocidade;

- b) o aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais que lhe concede um conhecimento para o trabalho e tem atitudes de confiança e reciprocidade;
- c) o aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e pessoais que lhe proporciona mostrar o seu capital humano;

Os resultados produzidos poderão alertar gestores e pesquisadores acerca da interdependência existente entre o capital social e o capital humano dos alunos trabalhadores que estão prestes a concluir o curso de graduação em Administração e pretendem participar com seus recursos pessoais nos processos organizacionais. Sendo assim, é importante, com vistas a ampliar a capacidade gerencial sobre capitais constituídos por recursos subjetivos, realizar estudos que esclareçam a relação entre essas duas categorias de capitais considerados inicialmente intangíveis, mas após a execução, ou seja, quando saem da abstração, tornam-se tangíveis e visíveis quando manifestados na sua essência, formando o capital social e o capital humano.

Para a realização da pesquisa, o que se pretendeu averiguar, no tocante às relações entre os dois ativos intangíveis dos discentes trabalhadores do curso de Administração, foi perceber que, apesar de haver o coleguismo entre os estudantes e também um conhecimento que os capacite para o trabalho, não é evidente que esses dois capitais subjetivos se relacionem conjuntamente e, também, não há certeza da comunhão e reconhecimento desses capitais por parte dos alunos. Assim sendo, para conseguir chegar à meta estabelecida para esta pesquisa, elaboraram-se diretrizes que colaboraram para que o objetivo fosse alcançado. E com essas diretrizes foi possível apresentar, interpretar e discutir cada capital intangível e depois realizou-se sua inter-relação. Portanto, os objetivos estão assim organizados:

Objetivos

Geral:

- Verificar a relação entre capital social e capital humano dos alunos trabalhadores do curso de Administração.

Específicos:

- Apresentar, interpretar e discutir dois indicadores de capital humano (experiência e educação);
- Apresentar, interpretar e discutir as respostas dos alunos acerca do capital social;
- Apresentar, interpretar e discutir as relações entre capital humano e capital social dos estudantes do curso de Administração.

Para a concretização dos objetivos deste estudo, é aconselhado, dada a especificidade do tema e de acordo com Gil (2010), uma pesquisa exploratória com um método que contemple tanto a pesquisa quantitativa, como a qualitativa, pois dado o perfil dos alunos trabalhadores, foi oportuno realizar uma pesquisa quantitativa com coleta de dados, para averiguar o capital social, o capital humano e, depois, a relação entre ambos. No segundo momento, para realizar uma observação, fazer descrição, compreender e confirmar os dados coletados na pesquisa quantitativa realizou-se também, uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas com alunos participantes da pesquisa quantitativa.

MÉTODO –

Pesquisa exploratória, quantitativa e qualitativa com aplicação de questionários e entrevistas.

- **Participantes**

Este estudo contou com a participação de, aproximadamente, 83 alunos do curso de Administração de um centro universitário particular, situado na região sul de São Paulo, que atuam em empresas públicas, ou privadas, no segmento da administração, do sexo masculino e feminino. Foram escolhidos aleatoriamente, assim como houve a necessidade de concordância para participar do estudo. Dentre esses, foram entrevistados somente 10 alunos concluintes do curso de Administração.

- **Local**

A aplicação do questionário realizou-se no local de estudo dos participantes.

Instrumento e Procedimentos

Os dados do estudo foram coletados por meio de um questionário autoaplicável, contendo as seguintes medidas:

- Medida de Capital Social (MCS) - utilizou-se a escala de Likert, em que foram elaboradas questões contendo situações de confiança, reciprocidade e cidadania;
- Questionamento de Capital Humano (QCH) – os dados sobre Capital Humano foram obtidos por meio de questões fechadas acerca de três indicadores: experiência, educação e renda. As respostas foram dadas por meio de um software SDAPS 2015;

- Perfil dos participantes - ao final do questionário foram coletados os dados demográficos das características da clientela pesquisada, como etnia, idade, sexo, religião, estado civil e grau de instrução dos pais.

Este trabalho foi estruturado em cinco capítulos: o primeiro realizou uma revisão da literatura sobre capital social, apresentando os primeiros conceitos e autores importantes, considerados seminais no estudo, como Pierre Bourdieu, James Samuel Coleman, Robert Putnam, Francis Fukuyama e autores brasileiros; o início da teoria do capital humano, juntamente com importantes conceitos e autores, foram abordados no segundo capítulo, representados por Theodoro W. Schultz, Gary S. Becker. Simultaneamente enfatizou a aquisição do conhecimento, habilidade e atitude – CHA, segundo Theodoro W. Schutz e a importância da educação para a formação do capital humano. As possíveis relações entre capital social e capital humano foram elucidadas no terceiro capítulo, lembrando que este estudo focou o capital social nas redes de relacionamento, embasado em confiança e reciprocidade. O quarto capítulo tratou de aspectos metodológicos do estudo, mostrando o perfil dos alunos à pesquisa quantitativa e seus resultados e, em seguida, a da pesquisa qualitativa e o resultado das entrevistas. O quinto capítulo forneceu análise e discussão dos resultados. Finalizando, as considerações finais destacaram a resposta da questão de pesquisa e suas hipóteses; em seguida, os objetivos atingidos; as contribuições e limitações do estudo; sugestões para futuras pesquisas sobre o tema e indicações que poderão alertar os gestores e acadêmicos a respeito da gestão e da importância do capital social e do capital humano.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico contempla a história do capital social e do capital humano e o seu desenvolvimento na sociedade e nas organizações. Apesar de um número reduzido² de trabalhos com o tema, o ineditismo deste estudo procurará fazer um apanhado geral na contribuição que o assunto pode oferecer. Em seguida serão destacados o capital social e o capital humano no quesito rede de relacionamentos que os alunos concluintes do curso de Administração possuem para adquirir emprego, por meio dos relacionamentos.

1 CAPITAL SOCIAL

São vários os conceitos de capital. No entanto, todos eles consideram o capital social intangível, num primeiro momento e, quando manifestado, é considerado tangível e mensurável. Existem estudos buscando fazer uma contabilização para que o capital social seja identificado e mensurado na sua totalidade, com destaque ao trabalho de Silvio Salej Higgs³, porém se faz necessário conhecer a origem do conceito.

Há registro com o nome de capital social, no século 19, quando pensadores relacionavam a vida associativa com a democracia, porém foi reconhecido como um termo ligado às relações sociais apenas por volta de 1900. Em 1916, Lyda Judson Hanifan, que trabalhava como supervisor de escolas, no Estado da Virgínia – EUA verificou que havia relações entre elas, promovendo o desenvolvimento da aprendizagem; então, deduziu que a amizade, o coleguismo e o companheirismo contribuíram como ponto de partida para o seu estudo e articulou o seguinte conceito sobre capital social:

² Neste estudo foi realizada uma pesquisa de artigos contemplando os temas voltados à relação entre capital social e capital humano. Foi encontrado, na base de dados, um trabalho no Repositório da Universidade de Lisboa no endereço <http://hdl.handle.net/10451/379>.

³ HIGGIS, Silvio Salej. “Precisamos de capital social sim? Mas socializando o capital”. Revista Eletrônica de Pós Graduação em Sociologia Política da UFSC, nº 1 (3), vol.2, janeiro – julho, 2005, pp. 1-21.

As substâncias tangíveis que contam para mais no cotidiano das pessoas: boa vontade, ou seja, companheirismo, solidariedade e relações sociais entre os indivíduos e as famílias que compõem uma unidade social. O indivíduo é impotente socialmente, se entregue a si mesmo. Se ele entra em contato com o seu próximo, e com outros vizinhos, haverá uma acumulação de capital social, o que pode imediatamente satisfazer suas necessidades sociais e que pode conter uma potencialidade social suficiente para a melhoria substancial das condições de vida de toda a comunidade. A comunidade como um todo será beneficiada pela cooperação de todas as suas partes, enquanto o indivíduo vai encontrar em suas associações as vantagens da ajuda, a simpatia, e a comunhão dos seus vizinhos. (HANIFAN, 1916, p.130-138)

Pode-se considerar que Hanifan colabora para a existência do primeiro conceito de capital social de que este estudo tem conhecimento, mostrando a importância da união de pessoas em busca de um bem comum. Ele aborda o valor de haver relacionamentos com boa vontade, camaradagens e simpatia na sociedade, pois o indivíduo é impotente sozinho, mas, com a união de diversas pessoas, a coletividade terá forças para buscar a melhora de condições de vida para a sociedade.

Acredita-se que, a partir desse conceito, verifica-se a relação da aprendizagem de acordo com o capital social, pois a rede de relacionamentos facilita que os alunos aprendam, uma vez que surgem deste contexto amizades e essas podem auxiliar os alunos, que estão munidos de capital humano, a conseguir um trabalho por meio do capital social, que é o objetivo desta pesquisa com os alunos trabalhadores e concluintes do curso de Administração.

Outra autora que merece destaque é Jane Jacobs que, em 1961, publicou um livro intitulado “Morte e vida de grandes cidades”, evidenciando a participação social em espaços públicos, como ruas, calçadas e parques. A autora enfatiza a presença da sociedade civil, na busca de proporcionar um ambiente organizado em que todos os componentes do bairro fossem privilegiados, com espaços públicos adequados para o bom convívio de crianças, jovens e adultos. No entanto, a expressão capital social, para Jacobs,

não é tão enfatizada, como Putnam menciona, nos seus estudos voltados para as regiões da Itália.

Com investigação sobre as regiões na Itália, no período de 1970 a 1989, Robert Putnam (2002) identificou o capital social nas relações de união, confiança, reciprocidade e prosperidade na parte norte da Itália, momento em que inicia a sua teoria acerca do capital social, conforme o que segue:

Capital social refere-se a aspectos da organização social, tais como redes, normas e laços de confiança que facilitam a coordenação e cooperação para benefícios mútuos. Capital social aumenta os benefícios de investimento em capital físico e capital humano. Diante de uma definição tão fluida e abrangente, o capital social torna-se um conceito amplo e difuso, uma vez que redes de confiança e solidariedade podem referir-se desde a uma densa rede de organizações e associações civis (tais como ONGs, associações profissionais, de classe, religiosas, de bairros, entidades filantrópicas, cooperativas de produção, grupos em geral etc.) até as conexões sociais mais informais, como relações de amizade. (PUTNAM, 1998, p. 17)

Para o autor, o conceito de capital social concentra-se na união de pessoas, porém destaca que o capital humano é beneficiado pelo capital social, pois aumenta os benefícios de investimento e a prosperidade acontece devido à ampliação de atividades realizadas por meio da coletividade e, não somente, por um indivíduo. As redes de confiança, as organizações civis e sociais, têm uma força maior para conseguir benefícios para uma sociedade, pois formam grupos de pessoas que têm objetivos em comum, portanto a possibilidade de conseguir benfeitorias para a sociedade torna-se possível.

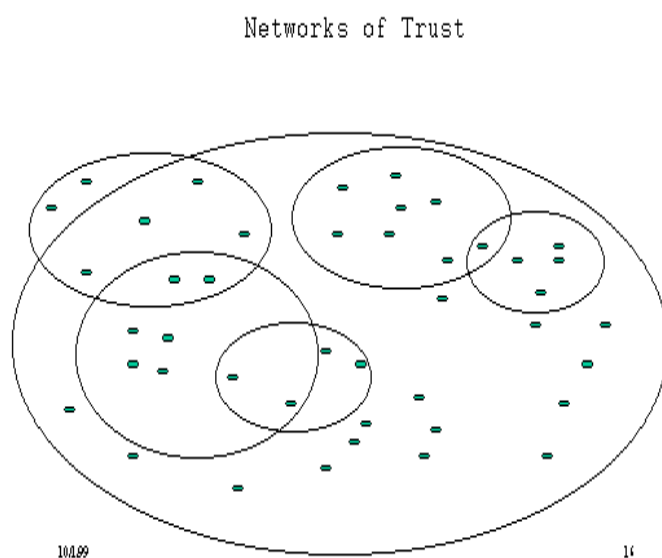
Putnam (1995) mostra que o capital social tem uma definição ampla e importante e, assim como afirmam Albagli e Maciel (2002), existe uma grande probabilidade do conceito de capital social ser mais valorizado num cenário econômico. A abrangência e importância do capital social vão desde as associações, com ou sem fins lucrativos, as religiões, até simples amizades. O autor mostra que as ONGs e associações de classe são movidas pelo capital

social, pois são compostas por grupos de pessoas que têm um objetivo comum que, geralmente, é ajudar a coletividade e praticar o bem comum.

O autor acima citado enaltece também os grupos religiosos. No Brasil, é visível a diversidade de grupos com princípios e crenças, diferentes realizando rituais, ditando comportamentos morais e intelectuais, de acordo com a sua filosofia. Estariam criando o capital social, por meio dos encontros sociais propiciados pelas igrejas, para que os jovens possam adquirir um emprego, devido aos relacionamentos e aos conhecimentos adquiridos neste momento.

Para Macke (2006), as relações intragrupos são as primeiras redes às quais o indivíduo pertence e estão no âmbito da família, da escola, da religião, o que muito pode contribuir para as pessoas conseguirem um trabalho ou ajudar aqueles que estão sem trabalhar. Em virtude dessa possibilidade social, esta pesquisa buscará conhecer qual é a religião do aluno quando for apresentado o perfil dos participantes.

Figura 01 – Redes de Confiança



Fonte: Internet – sem autor

A figura mostra as conexões formadas em um ambiente social, representado pelo círculo maior e os círculos menores simbolizam os grupos

sociais, nos quais estão inseridas as pessoas, marcadas pelos pontos. Os grupos podem ser pequenos ou grandes, vai depender de capacidade de cada pessoa de fazer conexões sociais que podem ser consideradas simples ou mais extensas, participando assim de vários grupos sociais, como indicam, na figura, os três círculos, realizando interconexões entre dois.

Putnam (1995) mostra que uma simples amizade auxilia na criação do capital social, devido a esses relacionamentos poderem ser oriundos de atividades diversas, como frequentar constantemente um parque e fazer amizades, assim como atividades esportivas, em que as pessoas buscam uma qualidade de vida saudável e grupos de ajuda como os alcoólicos anônimos em que as pessoas estão ajudando, ou estão sendo ajudadas. Em relação a grupos e indivíduos, Silva^a (2006, p. 352) mostra que “o capital social pode ser definido como um conjunto de relações e redes sociais que um agente - um indivíduo - possui e todos os recursos que ela/ele pode reunir no mercado local utilizando tais relacionamentos”. Um exemplo de conjuntos de relações é o convívio com os vizinhos que, na cidade de São Paulo, não é tão intensa como em cidades do interior, devido às características dos locais, mas, mesmo assim, existe a possibilidade de relacionamentos, pois se trata de um grupo que tem interesses comuns, que é o bom andamento do espaço comunitário em um condomínio ou em uma rua, vila, bairro, cidade e até o Estado.

O livro de Putnam “Comunidade e democracia” foi publicado inicialmente em forma de resenha bibliográfica, por Abu-el-Haj, em 1996, pela FGV⁴, em português, depois o livro teve a sua tradução para vários idiomas. A contribuição de Putnam acerca do conhecimento do capital social foi, sem dúvida, um marco histórico, pois, a partir de suas publicações, houve inúmeros artigos e livros sobre o capital social. Apesar de ser uma pesquisa destinada às regiões norte e sul da Itália, é importante mencionar sua contribuição, mesmo se tratando de um estudo que visa a pesquisar o capital social e o humano dos alunos

⁴ Fundação Getúlio Vargas

trabalhadores e concluintes do curso de Administração, pois se trata de uma importante pesquisa no contexto do capital social.

Outro destaque para o conceito de capital social foi a publicação de *Les trois états du capital culturel*, em 1979, em que Pierre Bourdieu faz alusão ao capital social na cultura, uma de suas contribuições, principalmente no contexto educacional. Em seguida, em 1980, lança um artigo intitulado “O capital social: *notas provisórias*”, traduzido para diversos idiomas. No Brasil, a tradução foi realizada em 1998, em que o autor conceitua o capital social da seguinte maneira:

É o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1998, p. 67).

O autor enfatiza que as relações são firmadas numa rede de pessoas que tem vínculos permanentes e úteis, observados e percebidos por toda sociedade. Entende-se que as ligações permanentes são as relações familiares, importantes para a criação do capital social, principalmente quando se referem a ligações úteis e educação. Pois para Bourdieu (1998), o capital social e cultural influenciam no aprendizado escolar.

Para Bourdieu (1998^a), o ensino na escola não é transmitido da mesma forma para todos os alunos como deveria ser, porque os alunos de classe social mais elevada trazem consigo, desde o início, uma herança, denominada pelo autor de Capital Cultural⁵. Esse termo explica como a cultura, numa sociedade de classes, transforma-se em uma espécie de moeda de troca, em que as

⁵Capital cultural é uma expressão colocada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De certa forma o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. (SILVA, 1995, p. 24)

classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças, não promovendo, assim, o capital social.

Segundo o autor, a cultura se transforma em instrumento de dominação, pois a classe dominante impõe à classe dominada a sua própria cultura que lhe parece ter valor incontestável, fato esse que Bourdieu chamou de arbitrário cultural, significando que uma cultura se impõe sobre outra cultura. Essa situação contribui para que essa cultura dominante continue sendo distribuída como principal e superior e, dessa forma, favorecendo alguns alunos em detrimento de outros. Os desfavorecidos não têm capital cultural como heranças da família, tampouco acessam livros, cinemas, teatros, lugares e informações essas acessíveis somente aos estudantes mais ricos. Por isso o conceito de capital social se restringe ao acúmulo de relações sociais da classe dominante, devido às estruturas sociais, porque a sociedade produz categorias e formas de produção.(BOURDIEU, 1998^a)

Segundo Bourdieu (1998^a), os desfavorecidos não conseguem dominar os mesmos códigos culturais que a escola valoriza. Assim, o aprendizado marginaliza os alunos das classes populares e privilegia os alunos das estruturas sociais elevadas, dificultando a aquisição do capital social e mostrando a importância da família na formação do capital social e capital humano.

Bourdieu (1998) converge com Coleman (1988), por este também acreditar que o vínculo com a família é importante, tanto nas relações internas como externas. Para Bourdieu, (1998^a) o “*habitus*” é o princípio gerador dos estilos de vida, é adquirido primeiramente com a família e depois na escola e, em seguida, no local de trabalho; ele é adquirido nos ambientes pelos quais o indivíduo foi passando sendo influenciado e também influenciando as demais pessoas, criando-se assim uma rede social, que promove o capital social.

Todavia, Coleman (1988) diverge de Bourdieu (1986), pois acredita que o capital social é oriundo de relacionamentos sociais de determinados grupos que não fazem parte da elite, como sindicatos, igrejas, associações comerciais, academias de treinamentos físicos, espirituais, filosóficos e outros. Outra relação que merece destaque, segundo Coleman (1988), é com o capital humano, pois nos vínculos permanentes com as famílias, em que os pais possuem capital humano, há grande probabilidade de os filhos adquirirem tal capital, fato que, para o autor, torna os capitais humano e social complementares. Bourdieu (1998) diverge de Coleman (1987), porque acredita que a concorrência entre indivíduos e a busca do poder pertencente ao capital social, principalmente da classe dominante é o responsável pela dominação, principalmente no quesito educação.

Para Bourdieu (1998), o capital social é fruto das estruturas sociais designadas pela educação, pois a origem social reflete na escolaridade e enaltece as desigualdades de informações, impactando na cultura que, na visão do autor, é o quesito principal do capital social. No Brasil, pode-se destacar que a educação passou a ser vista como propulsora da cultura com a função de promover a aprendizagem e promoção social, conforme os seguintes períodos: 1924 – criação da ABE – Associação Brasileira de Educação; 1930 – formação do Ministério dos Negócios de Educação e Saúde Pública; 1934 – Promulgação da Constituição – estabelecendo necessidade de um Plano Nacional de Educação, da gratuidade e obrigatoriedade do ensino elementar e proposições de inúmeras reformas educacionais. Surgem, neste período, os Renovadores – Movimento Escola Nova - escola pública, laica, gratuita e obrigatória com um plano nacional de educação. A Constituição de 1934 atendeu aos renovadores – defendem a educação como direito de todos e deveres do estado. (XAVIER, 2004)

Esse destaque acerca da educação no Brasil é devido ao estudo ter como objeto, os alunos concluintes e trabalhadores do curso de Administração, em

que a educação permeia as esferas do ensino e aprendizagem desses alunos que almejam ter a sua empregabilidade adquirida por meio de conhecimento, habilidade e atitude.

Uma das maneiras de ascensão social e obtenção de um emprego são por meio da educação e cultura. Entretanto, a cultura não se restringe à educação, mas também ao ambiente econômico, isto, é, à estrutura econômica e social de um determinado local onde os indivíduos lutam constantemente para conseguir uma posição melhor na sociedade, ou seja, por meio de prestígio, poder, reconhecimento, seja pelo acúmulo de bens materiais, seja pelo predomínio do capital econômico. Mas, para Bourdieu (1998^a), o capital cultural advindo de uma educação escolar é o mais importante, pois fornece condições de obter capital econômico e, particularmente, capital humano que visa a preparar o indivíduo para perceber mais renda, conhecimento, habilidade e aptidão para o trabalho, contribuindo, assim, com as próximas gerações.

Os autores SILVA e SANTOS (2014) demonstram que as duas vertentes referentes à relação entre capital humano e capital social não são convergentes, entendendo que:

[...] debate internacional privilegia o estudo das duas vertentes: a vertente que trata do capital social como um “*Proxy*” do capital humano e, por outro lado, a vertente que acredita não haver uma ligação direta de dependência entre os mesmos. (2014, p.09)

Observa-se que os autores elucidam que o capital social deve ser foco de atenção, tanto do Estado como da sociedade, com o objetivo de educar o cidadão, para atingir uma consciência sobre seus direitos e obrigações e gerar uma postura preocupada com o bem coletivo. Também destacam a importância da inserção da disciplina Sociologia com a finalidade de ligação entre o capital social e o capital humano.

Seguindo a sequência, Coleman também foi um dos primeiros a estudar o capital social, cujo artigo intitulado “*Social capital in the creation of human capital*”, em 1988, foi um marco para que o conceito de capital social fosse difundido, principalmente devido a vários estudos realizados no segmento da educação. Ele acredita que o capital social deve refletir a totalidade das relações, proporcionando suporte para o desenvolvimento e a organização da sociedade, porém essas relações devem ser pautadas em confiança e reciprocidade, pois a união dos grupos é fundamental para existir o capital social.

Para Higgs (2005), Coleman foi mais ousado na tentativa de reconstruir uma visão diferente da Sociologia no tocante ao capital social, por mostrar que a relação dos indivíduos, ao promover o bem comum na sociedade gera prosperidade, principalmente quando os recursos atingem os objetivos, ou seja, a satisfação da coletividade, convergindo assim com Fukuyama (1990) no tocante à geração de desenvolvimento social e econômico.

Matos (2009) acredita que o conceito de Coleman acerca do capital social é funcional e visa a facilitar o capital humano e o capital monetário devido às transações no mercado e às ações individuais e coletivas. Também influenciou Robert Putnam e outros autores, apesar de os estudos de Robert Putnam ter em mais repercussão. Para a autora, os estudos de Coleman são mais abrangentes do que os de Robert Putnam, pois tratam dos efeitos do capital social, principalmente na educação, no contexto individual e social.

Coleman (1988) enfatiza a reciprocidade que, para Marcel Mauss (1974), é o pilar da sociedade. A importância das trocas, segundo o autor, é baseada no tripé: dar, receber e retribuir. Esse tripé faz parte do capital social. Resumidamente, o dar pode ser uma obrigação, o receber não pode ser recusado e o retribuir é assumir uma obrigação. No entanto, a discussão

consiste na questão: “O que move os indivíduos à doação”? A teia das relações é complexa e a união do capital social ao capital humano pode gerar também a solidariedade e as trocas justas, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas e diminuição da pobreza.

De acordo com a problemática deste estudo, que é verificar a composição atual de capital social em 2015 e 2016 e suas respectivas relações, da amostra composta por alunos trabalhadores e concluintes do curso de Administração, verifica-se a importância das redes de relacionamentos, enfatizando o que a educação pode proporcionar ao ensinar aos alunos a importância do dar, receber e retribuir, visto que a sociedade precisa de atitudes de solidariedade e reciprocidade, ações que o chamado capitalismo selvagem não menciona, muito pelo contrário, as pessoas ficam individualistas e realizam atitudes de “solidariedade mecânica”, conforme mostra Durkheim (1969). Um exemplo são atitudes agressivas no trânsito, com os idosos, crianças e assim como outras atitudes que, se houvesse mais solidariedade, poderiam tornar a sociedade mais gentil, não só no Brasil como em vários países que buscam o desenvolvimento econômico, conforme preconiza Fukuyama (1999), quando mostra a organização dos sistemas democráticos e os seus desenvolvimentos por meio do capital social que tem a característica confiança como principal.

O tema capital social também tem merecido destaque na promoção do desenvolvimento socioeconômico dos países em que os organismos internacionais, como o Banco Mundial e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, que não são objeto de estudo desta pesquisa, mas merecem ser destacados, evidenciando que eles também buscam investigar e incentivar estudos acerca do capital social em vários países, desenvolvendo escala para tentar mensurar o capital social, por meio de questões tipo *survey*, para gerar dados quantitativos referentes às dimensões do capital social, com a finalidade de promover políticas públicas para combater a pobreza. Como exemplo, destacam-se os estudos quantitativos realizados na Tanzânia, Bolívia, Indonésia, Gana, Uganda e Guatemala. Apesar de ser um

estudo permeado de conhecimento, esta pesquisa terá como foco o capital social e o capital humano dos alunos trabalhadores concluintes do curso de Administração, com viés no capital social, que tragam a empregabilidade advinda dos relacionamentos virtuais ou presenciais dos alunos.

Resumindo, sobressaem como estudiosos do capital social os americanos James Coleman, no final da década de 80, e Robert Putnam, o qual acredita que um conjunto de práticas sociais, normas e relações de confiança promovem o capital social. Pierre Bourdieu (1998) realizou seus estudos sobre a cultura e contribuiu significativamente para o conceito de capital social. Merece também destaque o colombiano Silvio Salej Higgins (2005) que pesquisa, há mais de quinze anos, o capital social.

No Brasil, existem artigos científicos, dissertações e teses sobre o assunto; exemplos são os artigos e livros de Maria Celina D'Araujo. A autora estuda o capital social, ao buscar entender como a democracia, o desenvolvimento econômico e a igualdade são elementos principais para o capital social. Heloiza Matos também publicou em 2009 um livro intitulado “Capital social e comunicação: interfaces e articulações”, em que traz primeiramente uma revisão bibliográfica a respeito do capital social no Brasil e no exterior.

Outra obra que merece destaque é o livro “Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade”, publicado pela Rocco, do economista e filósofo nipo-estadunidense Francis Fukuyama, em 1996, o qual faz alusão à confiança como principal característica para a formação do capital social, é um método para criar conceitos, normas que produzam cooperação. O autor mostra o questionamento dos economistas sobre a origem do capital social, tendo como possível explicação o dilema dos prisioneiros na teoria dos jogos, com destaque para a cooperação. No primeiro momento, o jogo não conduz a um resultado cooperativo, devido ao abandono de uma das partes, caracterizando o

equilíbrio de Nash⁶. No segundo momento, tem-se um jogo interativo em que a cooperação gera cooperação e o abandono gera abandono; o resultado será cooperação em ambos os lados.

Na vida cotidiana, as pessoas interagem umas com as outras repetidamente ao longo do tempo, possibilitando, assim, o desenvolvimento de algumas habilidades como participação em sociedade, reputação, honestidade e confiabilidade. Para Fukuyama (1996), o reconhecimento da confiança é a maior virtude em determinadas culturas e compõe o capital social.

Fukuyama (1999) estabelece uma relação entre a teoria econômica de Adam Smith e a sociologia de Kant: Adam Smith observou que, para a economia ter o seu ciclo de atividades, era necessário que os indivíduos desenvolvessem as virtudes sociais burguesas, como honestidade, laboriosidade e prudência. No tocante a Kant, uma sociedade composta inteiramente de “demônios racionais” irá desenvolver capital social ao longo do tempo simplesmente como uma questão de longo prazo e autointeressados “diabos”.(FUKUYAMA, 1999, p. 32)

O autor relata que, na teoria dos jogos, no quesito cooperação, o capital social se faz presente, pois os prisioneiros que têm em si a cooperação finalizam o jogo ajudando os demais prisioneiros, mostrando que ela é uma característica importante para a realização do capital social. Também mostra que a sua falta que gera o capital social negativo e também “por demônios racionais” em que Mattos (2009) elaborou e mostrou a diferença entre o capital social positivo e negativo, conforme elucida no quadro a seguir:

⁶ Criado por John Nash, prêmio Nobel de Economia em 1994, por revolucionar o campo da Matemática, conhecido como Teoria dos Jogos. O equilíbrio de Nash é usado no jogo conhecido como Dilema do Prisioneiro, em que dois homens são presos suspeitos de terem praticado o mesmo crime. São interrogados separadamente e encorajados pela polícia a delatar um ao outro, ganhando em troca a liberdade.

Figura 02 – Quadro mostrando o Capital social positivo e negativo

CAPITAL SOCIAL POSITIVO	CAPITAL SOCIAL NEGATIVO
Condições e contextos de emergência	
<ul style="list-style-type: none"> • Contextos de maior igualdade, inclusão e paridade entre indivíduos e grupo • Condições básicas para a existência de políticas redistributivas, justiça social e direitos fundamentais • Condições para o fortalecimento político dos cidadãos • Normas inclusivas e universais • Esferas públicas plurais e robustas 	<ul style="list-style-type: none"> • Contextos de desigualdade material e social, exclusão e intolerância. • Condições que perpetuam uma distribuição injusta dos recursos entre indivíduos e grupos • Grupos e indivíduos em situação de vulnerabilidade • Relações de poder e opressão • Ausência de esferas públicas inclusivas
Princípios e valores em causa	
<ul style="list-style-type: none"> • Redes associativas caracterizadas pela confiança, reciprocidade e normas socialmente partilhadas • Igual oportunidade para influenciar debates públicos e processos decisórios • Interações voltadas para o entendimento recíproco e publicamente justificáveis • Tolerância e reforço da comunidade • Instituições que facilitam o acesso coletivo a recursos • Autonomia e liberdade • Reconhecimento social amplo 	<ul style="list-style-type: none"> • Relações baseadas na desigualdade de poder e na autoridade do mais forte • Pouco incentivo às deliberações inclusivas e fraca capacidade de resistir às opressões • Interações voltadas para persuasão e obtenção de ganhos pessoais, sendo publicamente injustificáveis (barganha e corrupção) • Reforço do particularismo e negligência quanto ao bem-estar coletivo • Concentração de recursos de poder • Normas rígidas que reforçam um nível reduzido de iniciativa individual • Exclusão de <i>outsiders</i>
Consequências e condições de retroalimentação	
<ul style="list-style-type: none"> • Aumento do grau de cooperação, reciprocidade e confiança • Preocupação generalizada com o bem coletivo (solidariedade) • Desenvolvimento da democracia • Aumento da densidade das redes interativas e conversacionais • Maior engajamento cívico e maior participação política • Aprimoramento dos níveis cognitivos e educacionais 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento do sectarismo e da discriminação • Presença de comunidades e grupos rígidos e exclusivistas • Fomento de conflitos intergrupais • Aumento da corrupção e do ceticismo • Terrorismo • Crime organizado • Rivalidades étnicas, religiosas e culturais • Fatalismo e descrença na política e nos políticos • Crescimento do clientelismo

Fonte: Matos, 2009, pags. 170-171

A figura 02 ilustra as diferenças nas condições e contextos de emergência, princípios e valores em causa e finaliza com as consequências e condições de retroalimentação entre o capital social positivo e negativo. Fukuyama (1999) e Matos (2009), nas condições e contextos de emergência do capital social positivo predominam as esferas públicas plurais e capazes de promover uma reflexão em benefício da coletividade, o que significa visibilidade das atividades públicas com debates e discussões democráticas, possibilitando

obter respostas para problemas apresentados; a sociedade estará propensa a defender o bem coletivo e, como consequência, haverá prosperidade para o local. No capital social negativo, a ausência de esferas públicas inclusivas promove a desigualdade social, o empobrecimento dos debates públicos e a manutenção de uma estrutura social e econômica opressiva e desigual. Por sua vez, Putnam (1998) concorda que os princípios e valores em causa, pautados nas redes associativas caracterizadas pela confiança, reciprocidade e normas socialmente partilhadas, fazem parte do capital social positivo.

A pesquisa de Putnam (1998), no sul da Itália, demonstrou existir uma predominância da desigualdade material e social, exclusão e intolerância, promovendo a falta de civismo devido às relações de poder e opressão, pois as esferas públicas não são inclusivas, constando a ausência de capital social positivo e prevalecendo o capital social negativo.

Para ABU-EL- HAJ, a confiança promove o associativismo, conforme o que segue:

A hipótese principal de Putnam vincula proporcionalmente o nível de engajamento cívico à natureza do associativismo. O associativismo lança normas e redes de relações cívicas virtuosas, ao passo que a verticalidade — associativismo dominado por desconfiança, ausência de normas transparentes, faccionismo, isolamento etc. — causa a obstrução da ação coletiva. Ações coletivas horizontais promovem engajamento cívico intenso, produzindo prosperidade e política, resultados ausentes das regiões dominadas por associativismo vertical. (1999, p. 65)

Observa-se que o autor mostra os princípios e valores em causa do capital social positivo e negativo. A confiança promovendo o associativismo e as redes de solidariedade compõem o capital social positivo. Ao contrário, verifica-se no capital social negativo a desconfiança, ausência de normas transparentes e sem normas rígidas e predomínio do individualismo, sem a preocupação com o coletivo.

Matos (2009) afirma que os princípios e valores do capital social positivo criam redes associativas caracterizadas pela confiança e reciprocidade e normas socialmente partilhadas. Converte com Putnam (1998) e Coleman (1988) nos conceitos de capital social, segundo os quais a confiança e reciprocidade são características fundamentais para gerar igualdade de oportunidade para todos. Elas serão investigadas por meio da pesquisa e entrevistas com os alunos do curso de Administração. A tolerância e o reforço da comunidade são aspectos que fortalecem as relações, possibilitando a emergência de instituições capazes de facilitar o acesso coletivo a recursos, de acordo com a integração e interação, promovendo, assim, a autonomia e liberdade.

Em sentido inverso, o quadro mostra que os princípios e valores em causa no capital social negativo têm relações baseadas na desigualdade de poder e na autoridade do mais forte que, segundo Goerg Simmel, (1967) faz parte dos problemas mais graves da vida moderna. Busca-se preservar a autonomia e a individualidade da existência e, para tanto, o desenvolvimento por meio da especialização parece ajudar o capital social negativo a se manter. No entanto, esse mecanismo sociotecnológico que capacita o individualismo é a causa da expansão do capital social negativo e da “solidariedade mecânica”, ao invés da solidariedade social, conforme mostra Durkheim (1999). A solidariedade social deveria acontecer pela consciência coletiva para realizar a ligação entre as pessoas formando grupos por afinidades.

Para Matos (2009), é impossível separar as consequências da geração do capital positivo do negativo, em virtude do processo de autoalimentação de que fazem parte, e esse processo não é duradouro, tampouco estático. No entanto, para Araujo (2003), as consequências e condições de retroalimentação do capital social positivo levam ao desenvolvimento da democracia, de acordo com a preocupação generalizada com o bem coletivo que, para Putnam (1998) aumenta o grau de cooperação, reciprocidade e confiança, devido às redes de relacionamentos que compõem o capital social.

No quadro, Matos (2009) afirma que as consequências e condições de retroalimentação do capital social negativo geram aumento do sectarismo e da discriminação, fomento de conflitos intergrupais, aumento da corrupção e do ceticismo, terrorismo, crime organizado, rivalidades étnicas, religiosas e culturais que, segundo Simmel (1967), a vida metropolitana pode facilitar em virtude da intensificação dos estímulos nervosos e da falta de intelectualidade devido à sociedade estar organizada de uma maneira ineficiente, com políticas públicas incapazes de promover o desenvolvimento econômico (FUKUYAMA, 1999) e voltadas para o acúmulo de capitais financeiros, além do domínio do intelecto de poucos que têm o poder de dominação, convergindo assim com o capital cultural, conforme mostrou Pierre Bourdieu (1989). Um exemplo apresentado pela autora é a máfia como um tipo de associação criminal que não pratica a reciprocidade e a cooperação, e sim a violação de suas próprias normas, resultando em conflitos que geram violência e dificultam o desenvolvimento econômico.

1.1 Capital social, cultura e desenvolvimento econômico

O capital social é reconhecido como uma possibilidade de promover o desenvolvimento econômico de um local, conforme atesta Fukuyama (1999), mais precisamente de uma comunidade, afetando a sociedade, porque é formado pelas relações sociais que, segundo Putnam (1998), são frutos de relacionamentos, redes, laços de amizade que se vinculam positivamente, pautados na confiança e na reciprocidade, conforme ilustrado no tópico anterior, particularmente na tabela em que constam as consequências e condições de retroalimentação do capital social positivo.

Para visualizar o capital social, é necessário conhecer, aceitar e respeitar a cultura do local, como demonstrado nos conceitos de Bourdieu (1998), Bauman (2002) e Eagleton (2005), pois a cultura é um componente de vital importância para a formação do capital social e, conseqüentemente, para o

desenvolvimento econômico, conceituado pelo aumento dos índices dos indicadores sociais, como saúde, educação, diminuição da pobreza e da mortalidade, e longevidade. Esses indicadores são apresentados no Índice de Desenvolvimento Humano–IDH, que fará a medição também da distribuição de renda do país e a sua responsabilidade social e ambiental, metas para promover o desenvolvimento sustentável, pensando nas futuras gerações, conforme relatórios do Desenvolvimento Humano divulgados pela PNUD todos os anos, mas especificamente o de 2015 destaca a importância do trabalho como condutor de inserção dos indivíduos na sociedade e promotor do capital social e humano.

A relação entre capital social, cultura e desenvolvimento econômico é fundamental para que uma sociedade tenha uma dinâmica econômica positiva. Segundo Coleman (1988), essa relação faz parte do capital econômico composto de renda e riqueza material, representada pela produção de bens e serviços. Para Bourdieu (1989), a sociedade é um espaço em que os indivíduos, por meio da cultura do capital social e do humano, elaboram estratégias diversificadas para conseguir uma posição social.

De acordo com Araujo (2003), “o capital social corresponde à rede de relações interpessoais que cada um constrói, com os benefícios ou malefícios que ela pode gerar na competição entre os grupos humanos.” Está também relacionado com o capital cultural, conforme elucida Pierre Bourdieu (1998) na sua obra “O Capital Social”. (2003, p. 07). O autor mostra que o capital social é diferente do capital humano ao colaborar nas atividades desempenhadas pelo indivíduo no seu grupo e, assim, pode interferir nas relações de trabalho, visto que o local é composto de uma equipe de trabalhadores.

Todavia, o Banco Mundial, a partir de 1990, divulgou uma nova distinção para as seguintes nomenclaturas de capitais: capital natural refere-se aos recursos naturais que um país possui; capital financeiro está relacionado à

produção da sociedade, mas contabilizado em valor monetário; capital humano é aquele que faz referência ao que o indivíduo sabe fazer de acordo com a saúde, educação e nutrição da população. Por fim, o capital social que, de acordo com Araujo (2003, p. 11), “mostra a capacidade que uma sociedade possui de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vista à produção de bens coletivos”.

Para o Banco Mundial (1993), é importante que o capital social seja regulamentado por leis e regras para a normalidade das instituições, porque é necessária a organização do sistema econômico. Fato que nos remete a diversos autores, com destaque para Montesquieu (1996) que, na sua obra mais conhecida “O Espírito das Leis”, demonstrou que a regulamentação e a separação dos poderes são importantes para a organização da sociedade, pois para ele uma sociedade democrática deve ter os poderes independentes e, assim, praticar a equidade social. Na ditadura, as organizações governamentais impedem as manifestações da sociedade civil, colocando fim aos direitos de cidadania, manifestações e de associação e, portanto, impedindo a formação do capital social.

Junto com o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceram metas para 2015, que são: reduzir pela metade a quantidade de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza (pessoas que vivem com menos de um dólar por dia); matricular todas as crianças na escola; proporcionar acesso à saúde; reverter os custos ambientais e promover a igualdade social entre homens e mulheres. O país que estiver no caminho para atingir essas metas tem uma grande probabilidade de atingir a prosperidade por meio de um capital social, que, segundo Hirschman (1984), é aquele que aumenta dependendo da intensidade de seu uso, no sentido de praticar cooperação e confiança.

Nesse raciocínio, Araujo (2003) acredita que o capital social proporciona uma troca harmônica para a economia e para a sociedade, pois não gera apenas riqueza, mas também um sentimento de justiça, de igualdade e de bem comum. O crescimento econômico seria uma consequência do desenvolvimento econômico (resultados dos indicadores sociais positivos), mas não apenas dos resultados do aumento de produtividade em bens físicos, mas sim em questões sociais, como diminuição da pobreza, melhoria na qualidade de vida (moradia adequada, saúde, educação) distribuição de renda socialmente justa e desenvolvimento socioeconômico.(FUKUYAMA, 1999)

O conceito de capital social é importante para as Ciências Sociais porque, segundo Putnam (1996), é utilizado para diversas respostas acerca de vários fenômenos sociais, como movimentos sociais, criminalidade, democracia e cultura. O capital humano está inserido nas Ciências Sociais Aplicadas, especificamente nas Ciências Econômicas e Administrativas, porém, ambos, capital humano e capital social, são considerados, no primeiro momento, ativos e intangíveis; mas, após a sua manifestação, tornam-se tangíveis. O termo capital social é antigo, entretanto ficou mais evidente no século XX quando, segundo Araújo (2003), foi usado para promover uma sociedade justa e melhor, com destaque para o desenvolvimento socioeconômico, ou seja, contribuindo com o governo e todas as esferas da sociedade na busca de um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) melhor, compatível com uma economia de primeiro mundo, conforme a colocação brasileira⁷.

⁷ Conforme projeção do FMI, a economia brasileira ficará em nono lugar na contagem do PIB – Produto Interno Bruto em 2016. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1690764-brasil-cai-e-e-nona-maior-maior-economia-global-preve-fmi.shtml>.

O Brasil perdeu 18 posições no ranking que avalia a competitividade de 140 países, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial em parceria com a Fundação Dom Cabral. Na 75ª colocação - a pior posição na série histórica-o país sofre com a deterioração de fatores básicos para a competitividade, como a confiança nas instituições e o balanço das contas públicas; e fatores de sofisticação dos negócios, como a capacidade de inovar a educação. https://www.fdc.org.br/blogespacodialogo/Documents/2015/relatorio_global_competitividade2015.pdf.

Todavia, a cultura de um local influencia o capital social, porque, segundo Bauman (2005), “a cultura é um sistema fechado de características que distingue uma comunidade de outra”. Para Bourdieu (1989), a cultura faz parte das pessoas que habitam certa região, mas proporciona uma característica importante quando faz a divisão por estrato social em que a classe dominante consegue se sobrepôr à classe dominada, utilizando-se da cultura e do conhecimento.

Em outra linha de raciocínio, Eagleton (2005), em seu livro “A ideia de Cultura”, mostra aspectos culturais com abordagem temporal histórica e evolutiva e o conceito de cultura em diversas versões. Seu livro está organizado em cinco capítulos com os seguintes títulos: Versões de cultura; Cultura em crise; Guerras culturais; Cultura e natureza e Rumo a uma cultura comum. Para Eagleton (2005), “Cultura” é uma questão do desenvolvimento total e harmonioso da personalidade, mas ninguém pode realizar isso sozinho, seu desenvolvimento tende a vir de influências sociais que podem envolver até questões políticas e econômicas e promover o capital social positivo ou negativo. De acordo com o autor, a Cultura é vivenciada, ou seja:

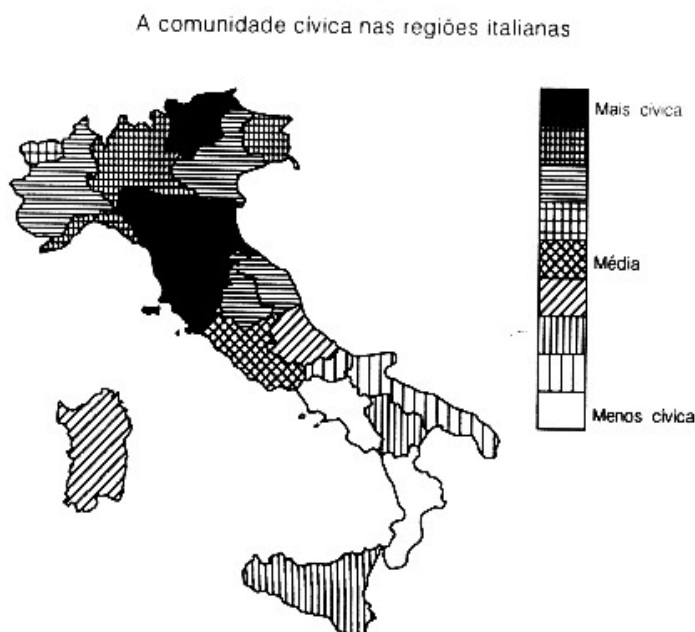
Cultura não é unicamente aquilo que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo de que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado do último: tudo isso está mais próximo, para a maioria de nós, do que cartas de direitos humanos ou tratados do comércio. (EAGLETON, 2005, p: 41)

Diante desse conceito de Eagleton (2005), pode-se verificar o quanto de capital social existe relacionado com a cultura, pois a união de pessoas promovidas por vínculos sociais, derivados da família, amizade, profissionais são componentes imprescindíveis para a composição do capital social e também do capital humano, pois a probabilidade das relações sociais promover a construção do capital humano é perceptível, conforme elucidou Coleman anteriormente.

Situação semelhante é narrada por Putnam (1998), que teve como meta entender as disparidades de desenvolvimento entre o norte e sul da Itália. No norte da Itália verificou-se uma atenção especial ao lazer e a outras atividades prazerosas, destacando a facilidade das pessoas cooperarem e confiarem no governo, nos vizinhos, criando, assim, laços, ou seja, relacionamentos positivos. No sul da Itália, não ocorre o mesmo processo, pois a desconfiança entre os cidadãos em relação ao governo era visível, impedindo, assim, a civilidade e promovendo o desinteresse político, pois a falta de gestão administrativa com processos muito burocráticos impede a agilidade e desenvolvimento da região.

Assim, o autor conclui, conforme a figura a seguir, que a comunidade cívica é predominante no norte da Itália e, conseqüentemente, maior presença de capital social, que permitia um desenvolvimento socioeconômico de acordo com a cultura local, conforme mostra a figura a seguir.

Figura 03 – Comunidade cívica nas regiões italianas



Fonte: Putnam, 2002, pag. 30

Putnam, quando realizou sua pesquisa na Itália, verificou, dentre diversas características do capital social, que a civilidade se destacou e elaborou o mapa da Itália com níveis civilidade que classificou como regiões mais cívica, média e menos cívica. A região norte, considerada mais cívica tinha como característica principal a participação na política, a confiabilidade e participação da população em projetos de interesse coletivo. Na parte central, que Putnam (2002) chamou de média, não há tanta participação da população em projetos coletivos e na política. O grau de cidadania é menor do que o da região norte, mas melhor do que a região sul, em que se constatou que o interesse coletivo pelo bem comum é menor. Os indivíduos não confiam nas pessoas e nem na política. Os aspectos de cidadania são menores do que as duas regiões pesquisadas (norte e centro). Putnam (2002, p. 31) mostra que a região sul “padece de uma política verticalmente estruturada, uma vida social caracterizada pelo isolamento.”.

Neste sentido, para ARAUJO:

O capital social está definido por três fatores inter-relacionados: confiança, normas e cadeias de reciprocidade e sistema de participação cívica – sistema que permite às pessoas cooperar, ajudar-se mutuamente, zelar pelo bem público, promover a prosperidade. (2003, p: 19):

A cultura propicia as relações que podem ser de confiança ou não, pois segundo Bauman (2005), o homem é o único ser que pode desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo, no tocante à organização da sociedade, especificamente no âmbito da justiça, da liberdade e das relações que se materializam no coletivo, de acordo com cooperação, solidariedade e reciprocidade, fatores pertencentes ao capital social.

1.1.1 Capital social e as redes sociais

Apesar de a cultura fazer parte do capital social, essa situação é modificada devido ao avanço das redes sociais, com a finalidade de auxiliar o homem nas suas atividades rotineiras, ou seja, facilitar a vida devido a tantos afazeres. Conforme Castells (1999), estamos em um ritmo cada vez mais acelerado devido às grandes descobertas do conhecimento dentro de uma economia global, caracterizada pelos fluxos de trocas rápidas da informação, capital e comunicação cultural.

No mesmo sentido, apesar de não se referir ao nome capital social, Granovetter (1995) destaca o avanço das redes sociais e a expansão delas nas redes de relacionamentos, também impactando no capital social com as características predominantes que são confiança e reciprocidade. O autor destaca os laços fortes em que há um vínculo mais intenso, pautado na confiança e credibilidade e laços fracos que são os relacionamentos mais superficiais e que podem levar as pessoas a conhecer outros grupos, ou melhor, outras redes de relacionamentos, que, poderão ter probabilidade de conseguir uma indicação para emprego.

Os avanços das telecomunicações revolucionaram as relações de trocas, inclusive no tocante ao capital social e ao capital humano, pois a combinação de novas tecnologias, pautadas em tecnologia de transmissão e optoeletrônica⁸, modificam o conceito de tempo e as relações interpessoais, contribuindo para que a comunicação seja mais eficiente e as relações se tornem virtuais.

Conforme Castells (1999), a revolução da tecnologia da informação, implantada pelos norte-americanos, com destaque aos empresários empreendedores que deram início ao Vale do Silício e criaram o conceito de

⁸Transmissão por fibra ótica

paradigma tecnológico, auxilia nas relações econômicas e sociais, impactando no capital social e capital humano. O autor enumera cinco características importantes:

[...] a primeira característica do novo paradigma é que a informação é sua matéria prima: são as tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores. (1999, p. 108)

Observa-se que a informação é a maior riqueza no momento, considerada matéria-prima para realizar o intercâmbio entre a tecnologia e a sociedade, organizar os processos no tocante à sobrevivência individual e coletiva, proporcionar a formação do capital social nas relações baseadas nas informações e na tecnologia.

A segunda característica refere-se à penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias. Quando analisamos os costumes e hábitos de certa região, é notório que existe um paradigma forte que mantém as tradições, mas, quando se trata das novas tecnologias, verifica-se uma adesão e mudança de hábito, pois a presença das novas tecnologias possibilitou mudança de paradigmas. A terceira característica consiste na lógica das redes, em qualquer sistema ou conjunto de relações, usando essas novas tecnologias da informação. A quarta é baseada na flexibilidade ao sistema de redes, em que existem ligações fortes entre pessoas e tecnologias para fortalecer e expandir os serviços de acordo com a tecnologia e a informação utilizada. A quinta característica é a convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado, possibilitando a conectividade das informações geradas serem direcionadas em tempo real, como acontecem os relacionamentos advindos de palestras e cursos por videoconferências.

Castells (1999) chama de rede os relacionamentos realizados com os fornecedores, produtores, clientes, cooperação tecnológica e as estratégias para

essas redes continuarem ativas, ou seja, mantendo-se e ampliando o capital social com todas as esferas que proporcionam as condições necessárias para a empresa continuar oferecendo bens e serviços.

Realizando um paralelo referente à relação do capital social com a cultura, pode-se verificar que os laços de confiança e reciprocidade também acontecem ou não por meio da tecnologia, mais propriamente pelas redes sociais, que eram exclusividade das mensagens enviadas por e-mail, pela Internet, mas, após 2010, surgem outras formas, como: *Orkut*, *Facebook*, *Instagram*, *Linkedin*, *Blogs*, *WhatsApp* ou outros meios de comunicação instantânea. Apesar de haver debates acerca das possíveis relações entre as novas tecnologias da informação e comunicação e o declínio do capital social, apresentado por Putnam (2002) e Uslaner (2004), existem pessoas que conheceram colegas, amigos e até parceiros por meio dessas redes sociais e possuem relacionamentos virtuais.

Também há relatos de amizades que se tornaram mais sólidas com as redes sociais. Casos inversos são relatados também. Uslaner (2004) mostra que existem duas possibilidades de olhar para a rede: a primeira de aproximação entre pessoas, e, ao mesmo tempo, como responsável pela diminuição do engajamento cívico e pela fragilização dos laços sociais. No entanto, segundo o autor, a Internet aproxima as pessoas, mas não faz com que elas tenham confiança mútua, um atributo essencial para o capital social, conforme preconiza Putnam (1998). A segunda possibilidade seria a responsável pela diminuição dos encontros familiares e de amizades, em que se acredita que um telefonema ou envio de mensagens instantâneas podem suprir a presença virtual, mas até que ponto essa situação é benéfica? Ganho de tempo pode ser uma resposta, porém, no século XXI, as pessoas reclamam que não têm tempo e que ele está passando muito rápido.

No entanto, segundo Matos (2009), com o surgimento da televisão houve uma expectativa de que as pessoas tivessem acesso à informação e a

utilizassem para o seu conhecimento, participando de questões sociais, aplicando a civilidade e participando da política. Putnam (1995) não concorda com a expectativa e mostra que a televisão é um aparelho que não ajuda a formação do capital social e, sim, a sua extinção. Com relação à Internet, Putnam (2000) ainda não tem uma postura decisiva sobre os aspectos positivos e negativos no tocante ao capital social, mas uma diminuição do engajamento cívico, que acredita ser por faltar confiança nos condutores das políticas.

Críticos, tais como: Schudson (1996), Skocpol (1996); Uslaner (2004), ao artigo de Putnam: “*Bowling alone: America’s declining social capital*”, em que o autor escreve sobre o declínio da participação política do cidadão americano, ou seja, no quesito diminuição do capital social, no desengajamento cívico, devido ao uso da televisão, mostra que não há clareza no engajamento cívico, confiança, socialização e forças sociais e políticas. Também não descreve o tipo de noticiário que gera um desinteresse cívico na sociedade americana. Esses autores acreditam que Putnam não especificou, minuciosamente, como o cidadão americano ficou desiludido com a política, mencionando que, após a Segunda Guerra Mundial, precisamente o período 60 e 70, houve um desinteresse do povo americano ao engajamento cívico e ao capital social o que, para Klaus Frey:

Constata um declínio generalizado do engajamento político nos últimos trinta anos; taxas decrescentes de participação em eleições e campanhas eleitorais, uma redução de todo tipo de engajamento direto em questões políticas e governamentais e a diminuição a disposição de se associar a partidos políticos e outras organizações sociais e políticas locais. Este declínio do associativismo não se restringe à vida política, mas se manifesta em todas as esferas da vida cívica e se estendem ao envolvimento em grupos religiosos, sindicatos de trabalho, associações de pais e professores e outros tipos de organizações cívicas e fraternais. Até os encontros e atividades sociais informais, o trabalho voluntário e a filantropia têm diminuído significativamente, apesar de existirem algumas tendências antagônicas que, de acordo com Putnam, não são suficientemente relevantes para poder contrariar o diagnóstico geral. (FREY, 2003, p 177)

Observa-se que a falta de capital social no quesito confiança é uma realidade nos Estados Unidos da América, pois segundo Frey (2003), a

diminuição da participação dos indivíduos em grupos, ou seja, na sociedade civil, religiosa, filantrópica tem diminuído nos últimos trinta anos.

Para Matos (2009), o capital humano integra os elementos do capital social, realizando uma performance que irá contribuir para os componentes do capital social, pois a confiança e a reciprocidade são características que compõem o capital social, verificando-se, então, a relação entre capital social e capital humano.

1.1.2 Capital Social na visão contábil e sociológica

O capital social de uma empresa é demonstrado em um balanço contábil, apurando o valor do montante que cada componente da empresa, possui, ou seja, quanto um ou mais sócios despende para iniciar as atividades do negócio até gerar valores monetários e, por conseguinte o lucro almejado. Quando há mais de um sócio, é necessário um contrato social para o registro da composição da empresa. É também conhecido como valor a se integrar, ou integralizado, que corresponde ao valor que os sócios ou acionistas depositaram para o início das atividades, ou para manutenção, ou crescimento do empreendimento.

No contexto sociológico, o contabilista é a peça chave de uma empresa, pois é o responsável pela contabilização do material mensurável e também pelo capital humano, que são as pessoas envolvidas no processo. Quando o capital humano aumenta, ou seja, o conhecimento, habilidade e atitudes de seus trabalhadores expande, conseqüentemente, o capital da empresa, graças às relações de trocas do saber.

A análise sociológica vai além, pois enxerga as relações sociais dentro da empresa de uma maneira diferente, não apenas por meio do capital e sim das relações que esse capital poderá manifestar. Como por exemplo, Morgan (2007) considera a empresa como a máquina e organismo e afirma que sua estrutura resulta da composição de estilos de pensamentos diferentes de todos os que a constituem. Na empresa como máquina, existe um ambiente estático, fechado, ou seja, uma estrutura rígida; na empresa como organismo, o ambiente é vivo, flexível, interativo, com objetivo de satisfazer as necessidades de todos, porém existe a presença do capital social baseado nos relacionamentos de solidariedade e reciprocidade, visto que no ambiente empresarial é necessário haver o mecanismo de trocas.

Morgan (2007) destaca que as organizações, para o seu funcionamento, precisam do processamento de informações que são utilizadas na tomada de decisões por administradores estratégicos que detêm um capital humano.

2 TEORIA DO CAPITAL HUMANO

A teoria do capital humano tem seus primórdios na teoria clássica econômica com a ideia de valor por tempo de trabalho. Defendida por Ricardo (1982), era considerado o fundador do conceito valor utilidade, conforme determinado pelas remunerações dos fatores de produção (terra, trabalho e capital), não contemplando o tempo de trabalho que um operário gastaria para fabricar uma determinada mercadoria. Foi o autor acima citado, com sua familiarização com cálculos matemáticos, que iniciou a contabilização do tempo de trabalho que cada trabalhador dispensaria para a produção de uma determinada mercadoria, para compor o valor de um determinado produto e serviço.

A contabilização por tempo de trabalho se fazia com as mercadorias que têm como objetivo satisfazer as necessidades materiais; faz parte de um sistema de administração da produção que é a maneira pela qual a sociedade está organizada, segundo os princípios do capitalismo, predominando a economia de mercado, em que as empresas são proprietárias dos meios de produção e distribuição, objetivando a maximização do lucro e a minimização dos custos. MARX (1975), o maior crítico do sistema capitalista, em “O capital” mostra a composição orgânica do capital composto pelo capital constante e o capital variável, mostrando que a composição do capital se altera com a competitividade.

MARX (1988) se contrapôs às ideias de SMITH (1988) com relação ao valor trabalho, porém é favorável às ideias de Ricardo (1982) acerca do valor determinado pelo tempo de trabalho. O autor citado acima informa que uma mercadoria tem o seu valor determinado pelo tempo de trabalho nela contido, ou seja, é necessário contabilizar as horas de trabalho realizadas pelo operário para formar o preço da mercadoria, ideia contrária à do valor trabalho, que contém apenas os custos dos fatores de produção. Dessa argumentação, MARX (1975)

inicia a teoria da mais valia demonstrando a apropriação do excedente, na qual o trabalhador produz mais valor do que o valor de sua força de trabalho, isto é, produz valor excedente apropriado pelo capitalista, fruto do trabalho pelos detentores dos fatores de produção.

Para Marx (1975), o tempo de trabalho depende das condições de trabalho determinadas pelo grau de desenvolvimento da tecnologia e pelo grau de habilidade e destreza do trabalhador, pois quanto maiores forem, será menor o tempo de trabalho necessário para produzir as mercadorias, pois o valor da mercadoria diminui com a qualificação profissional e a tecnologia, significando que:

O tempo socialmente necessário à produção das mercadorias é o tempo exigido pelo trabalho executado com um grau médio de habilidade e de intensidade e em condições normais, relativamente ao meio social dado. Depois da introdução do tear a vapor na Inglaterra, passou a ser necessária talvez apenas metade de trabalho que anteriormente era necessário para transformar em tecido certa quantidade de fio. O tecelão manual inglês, esse continuou a precisar do mesmo tempo que antes para executar essa transformação; mas, a partir desse momento, o produto da sua hora de trabalho individual passou a representar apenas metade de uma hora social, não criando mais que metade do valor anterior. (MARX, 1975, p.33)

O que interessa é a tecnologia e o grau de habilidade e destreza do trabalhador, isto é, do capital humano, porque o tempo socialmente necessário para a produção de um bem ou um serviço dele depende. O tempo de trabalho, por sua vez, está relacionado com a habilidade e destreza do trabalhador, representado pelo capital humano; porém, para Marx (1975), é importante acrescentar as condições tecnológicas, conforme elucidado a seguir:

A grandeza de valor de uma mercadoria permaneceria, evidentemente, constante se o tempo necessário à sua produção permanecesse constante. Contudo, este último varia com cada modificação da força produtiva ou produtividade do trabalho, que, por sua vez, depende de circunstâncias diversas: entre outras, da habilidade média dos trabalhadores, do desenvolvimento da ciência e do grau da sua aplicação tecnológica, das combinações sociais da produção, da extensão e eficácia dos meios de produção e de condições puramente

naturais. A mesma quantidade de trabalho é representada, por exemplo, por oito alqueires de trigo se a estação é favorável e por quatro alqueires somente, no caso contrário. (MARX, 1975, p.34)

Observa-se que o autor ratifica novamente as características que fazem parte do capital humano, como a habilidade média dos trabalhadores e destreza, que dependem da educação, da pesquisa científica e tecnológica e das combinações sociais da produção. Ele fornece vários exemplos de mercadorias da sua época, como plantações de trigo, açúcar, café e ferro, para mostrar que o tempo de trabalho irá depender de situações exógenas. Entretanto, a habilidade do trabalhador é endógena e faz parte do capital humano que, segundo Schultz,(1973), é um componente que diferencia as nações.

Segundo Adam Smith (1988), na teoria das vantagens absolutas, um país deve se especializar na mercadoria que melhor sabe produzir, podendo exportar o excedente. Com esta separação, os países que são mais intensivos na produção de manufaturas devido à sua alta tecnologia, considerados países centrais e desenvolvidos, ou seja, são proprietários dos meios de produção de maior valor ou com maior valor agregado, o trabalhador gasta menos tempo de trabalho para realizar um processo, que resultará em um bem ou serviço.

Por outro lado, existem os países periféricos que exportam “commodities”, isto é, bens primários, porque têm abundância de terra e mão de obra, mas são conhecidos como países emergentes e subdesenvolvidos por serem dependentes da importação de tecnologia. Geralmente, nos países subdesenvolvidos, um trabalhador gastará um tempo de trabalho maior para realizar um bem ou prestar um serviço devido à falta de capital humano, ou seja, é necessária uma educação de qualidade que lhe permita o desenvolvimento das habilidades e competências exigidas pelas tecnologias da informação.

Esse raciocínio converge com Marx (1988), pois se a população trabalhadora não tem habilidade e destreza para realizar o trabalho, tudo que ela faz contém mais tempo:

Se o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho despendido durante a sua produção, poderia parecer que quanto mais preguiçoso ou inábil seja um homem, tanto maior o valor de sua mercadoria, pois mais tempo ele necessita para terminá-la. O trabalho, entretanto, o qual constitui a substância dos valores, é trabalho humano igual, dispêndio da mesma força de trabalho do homem. A força conjunta de trabalho da sociedade, que se apresenta nos valores do mundo das mercadorias, vale aqui como uma única e a mesma força de trabalho do homem, não obstante ela ser composta de inúmeras forças de trabalho individuais. (MARX, 1988, p. 49)

A título de exemplo, registre-se a diferença entre brasileiros e japoneses, pois tudo que o trabalhador brasileiro produz, contém mais tempo de trabalho; por outro lado, os bens e serviços que um trabalhador japonês produz, contém menos tempo de trabalho, devido à sua habilidade e competência e à tecnologia sofisticada do país.

É importante salientar que a capacidade intelectual do trabalhador faz uma diferença significativa no processo produtivo, pois o conhecimento permite antever os problemas que podem surgir a partir de uma ação realizada, possibilitando os processos de gestão administrativa com qualidade-o trabalho com eficiência e eficácia. (DUBAR, 1998)

Segundo Manfredini (1997), no Brasil, o grande desafio é garantir a educação de qualidade para todos, pois há carência de profissionais competentes e com as habilidades (capital humano) solicitadas pelo mercado de trabalho. De acordo com Porter (1985), as empresas multinacionais advindas de países considerados desenvolvidos, e também as empresas nacionais que precisam se desenvolver para serem competitivas no cenário econômico mundial, necessitam de mão de obra qualificada para trabalhar nas novas

condições tecnológicas e organizacionais, que impõem novas competências profissionais, tais como:

Capacidade de abstração, raciocínio crítico e presteza de intervenção, ou seja, capacidade para ler, interpretar e decidir com base em dados formalizados e fornecidos pelas máquinas, além de qualidades sociomotivacionais, de personalidade e caráter, que garantam o bom relacionamento com os colegas das equipes de trabalho. Em outras palavras: as tecnologias de base microeletrônica – tecnologias da informação – e as novas técnicas gerenciais do processo produtivo e da prestação de serviços estão exigindo trabalhadores multifuncionais por sua capacidade de realização de todas as tarefas de uma mesma etapa do processo de trabalho (LAZZARESCI, 2008, p. 129).

A capacidade de abstração e o raciocínio lógico são atributos escassos no Brasil, dada à baixa qualidade da educação escolarizada aos jovens (15 a 39 anos). O ensino fundamental e o médio não desenvolvem a capacidade de ler, entender e interpretar textos e dados e, conseqüentemente, não há como exigir trabalhadores multifuncionais. Também as características sociomotivacionais que fazem parte do capital social são escassas, inibindo o trabalho em equipe.

Os países que investiram na universalização da educação básica e do ensino superior formaram um capital humano expressivo, que colaborou com o crescimento e desenvolvimento da nação. Schultz (1973) comprovou a importância da educação como fator de desenvolvimento econômico e, no século XXI, países como Xangai (China), Cingapura e Hong Kong e os países escandinavos são exemplos de investimento em educação, conforme dados do *Programme For International Student Assessment PISA* – Programa Internacional de Avaliação de Alunos, que consiste em auferir o rendimento escolar de estudantes com idade de 15 anos, em 65 países. Este programa é realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). No Brasil, o Pisa é coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Xangai, na China, obteve a primeira colocação nos testes realizados em 2012 e divulgados em dezembro de 2013. Em seguida, Cingapura, em segundo lugar e Hong Kong, em terceiro lugar.

O Brasil ocupa a posição 55º no ranking de leitura, 58º no de matemática e 59º no de ciências. O responsável pelo Pisa, Andreas Schleicher, em entrevista à BBC, em 08 de abril de 2015, afirmou que o importante não é a quantidade de dinheiro investido na educação, e sim a qualidade do ensino, ou seja, de como o dinheiro é gasto. Como exemplo, mostra que 10% dos estudantes pobres de Xangai, na China, sabem mais matemática do que 10% dos estudantes mais privilegiados dos Estados Unidos e de outros países europeus.

Outra forma de mostrar o capital humano é por meio do valor das atividades econômicas que se expressa no capital financeiro, que deriva das remunerações dos fatores de produção, representando a atualização do valor monetário no presente e no futuro, favorecendo as trocas e a circulação monetária dentro das fronteiras de um determinado sistema econômico. No entanto, esse conceito de capital é confundido com o de capital produtivo, embora atuem em esferas diferentes no contexto econômico e social, enfatizando a qualidade no setor produtivo, surgindo também o capital reputacional das empresas, que visa à qualidade dos serviços e produtos também conhecidos como ativos intangíveis. (MACHADO FILHO & ZYLBERSZTAJN, 2004)

A busca pelo lucro e a composição adequada do valor de um produto são explicadas por Marx (1975), ao desenvolver os conceitos de mais valia absoluta e relativa, conforme a variação da renda, ou melhor, do salário pago pelos proprietários, que segundo Karl Marx (1975) eles se apropriavam da hora de trabalho dos operários. Essa situação foi discutida, também, pelos componentes da teoria econômica clássica⁹, até a teoria neoclássica¹⁰ econômica, que

⁹ Adam Smith, Jean-Baptiste Say, Thomas Robert Malthus e John Stuart Mill.

¹⁰ Carl Menger, William Stanley Jevons, Léon Walras, Alfred Marshall, Knut Wicksell, Vilfredo Pareto e Irving Fisher.

também procuravam relacionar o crescimento econômico de diversos países. Após a II Grande Guerra Mundial, alguns países localizados na parte ocidental da Europa conseguiram ter a estabilização da economia com crescimento; não foi possível esmiuçar os motivos do crescimento econômico, quantificando somente os fatores de produção capital e trabalho, porque era necessário quantificar a educação por meio do capital humano. (BECKER, 1983)

2.1 Início da Teoria do Capital Humano

Nos Estados Unidos, na década de 50 do século XX, o professor Theodore W. Schultz, que ministrava a disciplina Economia da Educação, foi reconhecido por relacionar a economia com a educação, demonstrando os ganhos de produtividade advindos de uma educação qualificada e organizada, promovendo o crescimento da produção de bens e serviços. Esse reconhecimento chegou ao seu apogeu em 1963, quando foi lançado o livro “O Valor Econômico da Educação”. Suas pesquisas acerca do capital humano lhe concederam o prêmio Nobel de Economia, em 1968.

Na década de 70, preocupado com o desenvolvimento econômico de países como Alemanha, Japão e Reino Unido, prejudicados pela guerra, Schultz (1973) notou que havia diferenças no crescimento econômico desses países no quesito educação, com relação aos fatores de produção capital e trabalho. Procurou, então, realizar estudos a respeito da possibilidade de mensurar o esforço intelectual de cada trabalhador, no tocante ao retorno de investimentos a partir da educação. Esses estudos resultaram na publicação do livro “O Capital Humano: Investimentos em Educação e Pesquisa” (1971), traduzido em 1973 para o Brasil.

De acordo com Schultz (1973), o capital humano é imprescindível, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, na geração de mercadorias e

prestação de serviços e necessita da interação de ambos para alcançar um objetivo final, conforme descreve abaixo:

A característica distintiva do capital humano é a de que ele é parte do homem. É humano por quanto se acha configurado no homem, e é capital porque é uma fonte de satisfações futuras, ou de futuros rendimentos, ou ambas as coisas. (...) nenhuma pessoa pode separar-se a si mesma do capital humano que possui (...) quer o sirva na produção ou no consumo". (SCHULTZ, 1973, p.53)

Schultz (1973) mostra que o objetivo proposto é a verificação e a interação da importância do trabalho como parte do indivíduo e da mão de obra, que possibilita o crescimento da produção e satisfação das necessidades das pessoas no presente e também no futuro. Entretanto, não conseguiu inicialmente entender se o investimento em capital fixo, isto é, nas máquinas e equipamentos, resultaria na produção final da mercadoria, calculando inclusive o tempo de trabalho do operário. No entanto, poderia ser mensurada a produtividade dos trabalhadores, conforme o processo produtivo, por meio de investimento em qualificação, produtividade, habilidade e competência, resultando em renda.

Outros autores, a partir de Schultz, estudaram a teoria do capital humano, mas, com referência à educação e ao investimento, destacou-se Garry S. Becker (1983), que recebeu também o Prêmio Nobel de Economia por relacionar aspectos econômicos ao comportamento humano. Becker é conhecido como um dos fundadores do conceito referente ao capital humano, por fazer referência aos custos de oportunidade¹¹, mostrando que o capital humano se refere a qualquer atividade que tenha um custo no presente que possibilitará um aumento da atividade no futuro, tornando-se assim um investimento. Refere-se à educação e ao investimento pautado nas pessoas, portanto é um capital que necessita ter o conhecimento, habilidade e atitudes, promovendo uma performance para a vida, por meio do trabalho.

¹¹O **custo de oportunidade** é um termo usado em economia para indicar o **custo** de algo em termos de uma **oportunidade** renunciada, ou seja, o **custo**, até mesmo social, causado pela renúncia do ente econômico, bem como os benefícios que poderiam ser obtidos a partir desta **oportunidade** renunciada ou, ainda, a mais alta renda gerada em alguma aplicação alternativa.

2.2 Componentes do Capital Humano

O capital humano se expressa na inteligência e destreza do trabalhador que transforma a matéria-prima em bens e serviços, na sua competência para gerar riqueza materializada. Portanto, o capital humano cumpre o objetivo de satisfazer as necessidades presentes e futuras, conforme elucida Schultz (1973) e Becker (1964).

No século XX, no decorrer dos anos 80, Becker (1983) aperfeiçoou a pesquisa pautada no comportamento humano, relacionado ao investimento em capital humano, contribuindo para o desenvolvimento econômico e empresarial de organizações que necessitavam de ensino voltado para o processo administrativo. Essa situação influenciou os organismos internacionais, particularmente o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, para desenvolverem pesquisas. Com isso, a teoria do capital humano foi difundida para várias partes do mundo, com destaque para os países europeus (França, Alemanha e Espanha) e Estados Unidos que influenciaram o Brasil, onde se têm estudos a partir da década de 90 relacionados com a teoria do capital humano em diversas áreas do saber.

Dentre os estudos brasileiros, podem ser destacados aqueles voltados para a área das organizações, enfatizando a importância dos trabalhadores, fornecedores e clientes no contexto da gestão do conhecimento, em que fica evidenciado o valor do capital humano. Destacam-se os trabalhos de Ruiz (2007), Ruiz (2009), Santos (2007) sobre o capital humano e empreendedorismo. Castro (1972), Corragio (1996), Ruckstadter (2005) e Silva (2006) realizaram estudos relacionados à educação, treinamento, produtividade e investimento. No entanto, conforme Moretto (1997, p. 68), a finalidade primeira dessa teoria é a seguinte:

[...] capital humano é sempre algo produzido, isto é, algo que é o produto de decisões deliberadas de investimento em Educação ou em treinamento. Em todas as economias modernas, o grau de educação possuído por um indivíduo correlaciona-se positivamente com os rendimentos pessoais. (MORETTO, 1996, p. 68)

Um exemplo que reforça essa postura é a atuação das instituições de ensino profissionalizantes e superior, as quais recebem a incumbência de realizar essa tarefa, ou seja, preparar o indivíduo para ser mais produtivo e eficiente na sua profissão, conforme a lógica do capital. Desse modo, ele receberá renda e consumirá os produtos oferecidos pelo mercado e fará o multiplicador da economia atuar eficazmente. (MORETTO, 1996)

A autora também destaca que, ao longo do século XX, aconteceram mudanças advindas da globalização e da reestruturação produtiva, exigindo que uma parcela da população necessitasse ter educação de nível técnico e superior para formar trabalhadores, isto é, segundo Silva (2006) com competência e habilidades de capital humano, com a finalidade de ter mais renda. A título de exemplo, o governo federal lançou um subprojeto do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que ampliou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia; também aumentou a oferta de cursos tecnológicos e sequenciais oferecidos pelas instituições de ensino superior em nível de graduação e especialização.

Mesmo com a ampliação da oferta de cursos superiores e profissionalizantes, não resolveu o problema do ensino médio diagnosticado pelo TCU, o qual relata:

[...] que o conteúdo das disciplinas não prepara os alunos nem para o exame vestibular e nem para ingressar no mercado de trabalho, hoje muito competitivo. A maioria, segundo o relatório do TCU, não consegue fazer uma redação com o mínimo de rigor lógico, identificar a ideia central do texto ou fazer contas mais complexas que exigem conhecimento de álgebra. (LAZZARESCHI, 2008, p 25)

É preciso investir nos ensinos fundamental e médio, e na atualização do indivíduo, para promover as novas competências na formação do trabalhador moderno que seriam condicionantes e as características dessas chamadas competências. Quanto às características, estaria entre as exigências do perfil do trabalhador atual, maior capacidade de comunicação e de tomar decisões sobre assuntos diversos, criatividade, capacidade de adaptação e de trabalho em grupo. (DUBAR, 1998)

O ministro da Educação, na gestão do presidente interino Michel Temer, José Mendonça Filho, em entrevista à Revista Veja¹², afirmou que o “Ensino Médio Vai Mudar” e informou que o Ministério da Educação está trabalhando para realizar mudanças significativas no currículo nacional, pois o modelo atual não é adequado para as demandas de que o mercado de trabalho e a sociedade necessitam:

O primeiro passo será mudar de uma vez por todas o modelo de ensino médio no Brasil. Ele é único no planeta, e não funciona. O atual sistema se apoia em uma ideia falaciosa, a de que ensinando uma única cartilha a todo mundo garante-se a igualdade de oportunidades. Pois é justo o contrário. Pessoas têm ambições, gostos e aptidões diferentes. Desconsiderar isso e querer que todos passem por um mesmo amontoado maçante de disciplinas é um erro que sepulta oportunidades no lugar de ampliá-las. Metade dos alunos deixa a sala de aula antes de concluir a escola. Que chance estamos dando a esses jovens? Zero (WEINBERG, 2016, p. 15).

Verifica-se que tanto o TCU, Dubar (1998) e o atual ministro da Educação do Brasil acreditam que é preciso uma mudança urgente no ensino médio, pois o atual modelo não contempla as competências básicas, conforme elucida Zarifian (2001), para que o estudante e futuro profissional consigam atender as necessidades do mercado de trabalho e da sociedade. Uma parte significativa procura o ensino superior em instituições privadas, sem ao menos dominar as

¹² WEINBERG, Mônica. O ensino médio vai mudar. Revista Veja São Paulo, p. 15 - 27 abril, 2016.

disciplinas básicas como a língua portuguesa e matemática. Não conseguem realizar de maneira adequada uma redação e responder questões sobre atualidades.

Com as mudanças no processo de trabalho e o advento das novas tecnologias e agilidade nas informações, o mercado de trabalho e a sociedade exigem investimento maciço em educação pautada na habilidade e competência, pois é por meio da educação que o país se torna mais competitivo e eficiente e os futuros profissionais precisam estar preparados para as necessidades da sociedade que está em constantes mudanças e para tanto, será preciso que os futuros profissionais estejam preparados para que o país continue na trajetória de crescimento e desenvolvimento socioeconômico. (ZARIFIAN, 2001).

Segundo Schultz (1973), não é desconhecido que os países que melhor enfrentaram os problemas relativos à requalificação da mão de obra, frente às mudanças exigidas pela reestruturação produtiva, foram aqueles que, entre outras características, programaram a universalização da educação básica e do ensino superior nos anos que antecederam a chamada Terceira Revolução Industrial.

A qualidade da Educação no ensino superior, para algumas pessoas, é considerada um forte indicador de capacidade para a adequação das formas de geração e difusão de tecnologia nos diversos setores da economia, para assim capacitar os estudantes, tendo em vista a competitividade e o crescimento econômico. (BALASSIANO, ET AL, 2004)

Considerando-se diferentes interpretações, observa-se que uma questão bastante frequente trata de desenvolver condições para a manutenção ou obtenção do emprego e dar respostas à crescente exigência das chamadas novas competências, o que passa pela adequação não só da qualidade profissional, promovida pela universidade, como, também, ensino básico, que no

Brasil é denominado como ensino fundamental e ensino médio, a que grande parte da população tem acesso . (ZARIFIAN, 2001)

Para Philippe Zarifian (2001), competências, ou melhor, formação e gestão das competências são as práticas bem tradicionais que consistem em definir as capacidades que um indivíduo deve possuir para ocupar um posto de trabalho. É o que se chama tecnicamente de referencial do emprego, isto é, a lista de “capacidades que um indivíduo deve possuir para poder ocupar um determinado emprego ou posto de trabalho”. O referencial de formação é deduzido do referencial do emprego. (ZARIFIAN, 2001, p. 15)

Porém, conforme Rossi (1975) há forte tendência de não se considerar a necessidade de ampliação da educação básica unicamente sob o enfoque da competitividade, mas, principalmente, porque está relacionada com direitos e cidadania, o que foi elucidado também por Putnam (1988) acerca da civilidade.

Essa é uma discussão relevante. Não restam dúvidas de que a educação não pode ser vista como solução capaz, ela mesma, de gerar empregos ou impulsionar processos econômicos, conforme mostra Frigotto (1989). Novos empregos são gerados, segundo Manfredini (1997), quando há políticas adequadas para o crescimento das economias e por novos investimentos produtivos. Por outro lado, a disponibilidade de trabalhadores qualificados para ocupar parcelas significativas dos postos de trabalhos oriundos das mais recentes mudanças tecnológicas, apresenta-se como indicador preponderante da capacidade do país para tornar-se competitivo (STEWART, 1998). O ensino superior auxilia nesta competitividade sistêmica de um país que se revela não só pelos aspectos econômicos, mas também por uma significativa mudança qualitativa de seus indicadores sociais, dentre os quais o nível de escolaridade de suas populações. (CORAGGIO, 1996)

No Brasil, ainda perduram as dificuldades acerca da educação e competitividade, conforme divulgado no Fórum Mundial:

O Brasil perdeu 18 posições no ranking que avalia a competitividade de 140 países, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial em parceria com a Fundação Dom Cabral. Na 75ª colocação - a pior posição na série histórica – o país sofre com a deterioração de fatores básicos para a competitividade, como a confiança nas instituições e o balanço das contas públicas, e fatores de sofisticação dos negócios, como a capacidade de inovar a educação está no baixo nível da Educação básica da população, que irá se refletir no Ensino Superior. Manifesta-se, ainda, a preocupação acerca de uma tendência ao agravamento desse fator, na medida em que novas competências serão necessárias para o trabalho industrial. (FDC, 2016, p.11)

Contudo, essa formação é vista com ressalvas, posto que alguns entendam que pode estar havendo uma exagerada expectativa acerca do papel da educação, diante desse quadro de mudanças econômicas e produtivas. Ressalta-se com essa observação que, apenas a competitividade, não pode ser o agente de mudanças nos currículos educacionais. (MANFREDI, 1997)

O mundo mudou; hoje, as habilidades e competências solicitadas são também diferentes, essa situação remete de imediato para outra, que está presente na ideia de empregabilidade, entendida por muitos, e também bastante questionada, como o poder de dotar o indivíduo de atributos que teoricamente lhe são válidos no mercado de trabalho. Há, por parte de muitos, o entendimento de que, ao se considerar a educação sob essa ótica, é arriscado criar expectativas no indivíduo que não vão se concretizar porque o mercado não poderá absorvê-lo, na medida em que postos de trabalho têm sido constantemente eliminados. (LAZZARESCHI, 2008)

A educação desenvolve a criatividade, qualidade fundamental para a inovação; no entanto, para inovar é preciso elaboração de políticas públicas que permitam a remissão das muitas dificuldades enfrentadas pelas universidades,

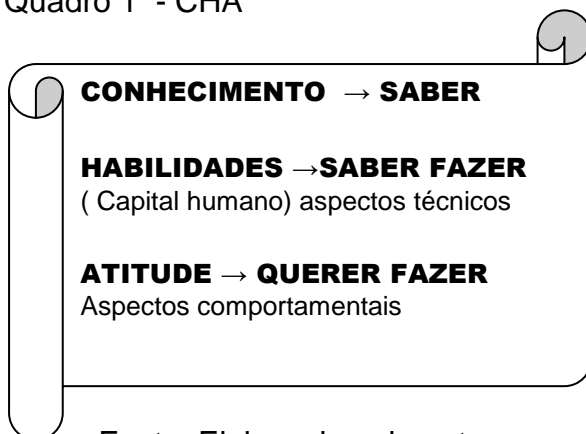
centros de pesquisa e empresas, advindas da carência do ensino fundamental, médio e, conseqüentemente, o profissionalizante e superior. (SPANBAUER, 2003)

Segundo Zarifian (2001), a característica politécnica das chamadas novas competências pressupõe, então, sob esse ponto de vista, sólida formação básica; sugere a superação da dualidade existente entre formação técnica e geral e encaminha as demandas educacionais na perspectiva de uma qualificação ampla, integrada, flexível e crítica.

2.3 Capital Humano e Educação

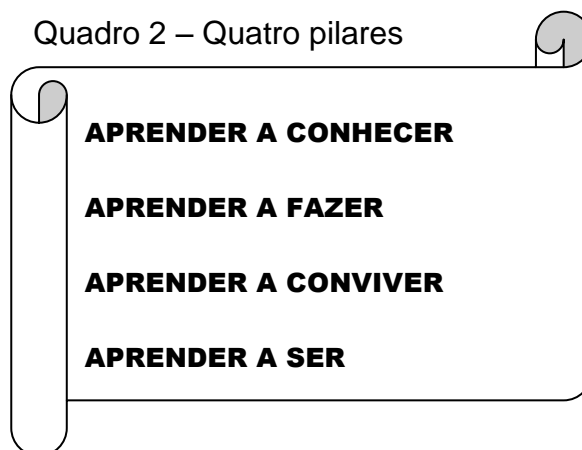
Um dos indicativos para formação do capital humano é por meio da educação, conforme afirmam Schultz (1967) e Becker (1964), pois ambos acreditam que a educação colabora no sentido dos indivíduos adquirirem o capital humano que neste trabalho elucidou o conhecimento, habilidade e atitude – CHA. Segundo Chiavenato (2008), apesar do conhecimento não ser estritamente adquirido na escola, é por meio da educação que o conhecimento se faz presente e proporciona mecanismo, para que as pessoas possam realizar as suas atividades. Conforme o quadro 2, o conhecimento traz o saber, ou seja, o primeiro passo é a conquista do saber, ter saber. Saber algo que permita a conquista e a aquisição de competência em determinada atividade. (ZARIFIAN, 2001). O segundo passo é a habilidade, o saber fazer, evidencia a parte técnica, de posse do conhecimento, é necessário colocar em prática o que aprendeu. E, por último, é a atitude, o querer fazer, considerando aspectos comportamentais, em que a pessoa precisa ter a atitude de colocar em prática o conhecimento e a habilidade adquiridos.

Quadro 1 - CHA



Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 2 – Quatro pilares



Fonte: Elaborada pela autora

Para ter acesso ao conhecimento, é preciso aprender a conhecer, conforme elucidado no quadro 2, em que Delors (2003) mostra os quatro pilares para educação do século XXI, em que inicia pelo aprender a conhecer, mas destaca que é preciso aprender a aprender e, assim, acontecerá o aprender a conhecer; é importante ter o interesse e a motivação para buscar o conhecimento. O Aprender a fazer se relaciona com a atitude, é ter coragem, força, dinamismo para realizar o que deve ser feito. O aprender a conviver está relacionado com o capital social, é conviver com as diferenças e respeitar o próximo como ele é. O aprender a ser mostra os aspectos de personalidade e comportamentos que o indivíduo possui e que adquire nas relações sociais de que participa, ou seja, aquisição de capital social, como confiança, honestidade, pro atividade, reciprocidade.

O aprender colabora para aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes resultando na aquisição de competências que o mercado de trabalho exige e, assim, o indivíduo pode conseguir ascensão social e emprego, por meio da educação e cultura.

2.4 Educação: um processo contínuo

O termo educação, no sentido etimológico, indica “sair de um estado” ou “condição para outra” – o que possibilita a concepção de educação em dois sentidos: individual e social. Em sua origem, o verbo latino “e-ducare” significa “fazer sair”, “conduzir para fora” -- expressando, dessa forma, no sentido individual, a “ideia de estimulação e liberação de forças latentes”. Esse verbo latino, ao mesmo tempo, pode significar “alimentar”, “criar”, ou seja, ter um sentido social com a ideia de que a educação é algo “externo”, “concedido a alguém”. (BRANDÃO, 1981, p.47-8)

Libâneo (1985), ao tentar definir o ato pedagógico, retoma esse sentido original da palavra educação, interpretando-o como a possibilidade de “modificar numa certa direção o que é suscetível de educação”. Para ele:

O ato pedagógico pode ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, tanto ao nível do intrapessoal como ao nível da influência do meio, interação essa que configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos, visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. (LIBÂNEO, 1985, p. 97)

Por outro lado, Pinto (1991), coloca-se além do “ato pedagógico”, ao conceituar educação em sentido amplo, e afirmar que ela diz respeito à existência humana, na sua duração e todos seus aspectos.

Para explicitar o caráter histórico-antropológico que a educação guarda em si, esse último autor tenta esmiuçar o que caracterizaria esse fenômeno. Dessa análise, destacam-se a seguir alguns enfoques importantes para que se possa compreender a multiplicidade desse processo, em seu sentido maior e mais profundo: a educação é um processo decorrente de um fenômeno (a formação do Homem no seu tempo), portanto é um fato histórico.

Todavia, é histórico em duplo sentido: primeiro, no sentido de que representa a própria história individual de cada ser humano; segundo, no sentido de que está vinculada à fase vivida pela comunidade em sua contínua evolução. Sendo um processo, desde logo se vê que não pode ser racionalmente interpretada com os instrumentos da lógica formal, mas somente com as categorias da lógica dialética. (PINTO, 1982, p.29)

A educação é um fato existencial, isto é, refere-se às ações exteriores que vivencia, o “Homem se faz ser Homem”. Este processo constitui enquanto ser humano.

A educação configura o homem toda sua realidade. Pode-se dizer (em outra versão da definição) que é o processo pelo qual o homem adquire sua essência (real, social, não metafísica). É o processo constitutivo do ser humano. PINTO, 1982. p.30)

A educação é um fato social, ou seja, pertencente à sociedade, portanto é através deste procedimento que ela se reproduz a si mesma em seu tempo e espaço. É também, um fenômeno cultural, pois ela transmite e integra a cultura em todos os aspectos, através dos moldes e meios que a própria cultura existente possibilita.

É determinada pelo interesse que move a comunidade a integrar todos os membros à forma social vigente (relações econômicas, instituições, usos, ciências, atividades, etc.). É o procedimento pela qual a sociedade reproduz a si mesma ao longo de sua duração temporal. (PINTO, 1982, p.29)

E, finalmente, é um processo exponencial, isto é, multiplica-se por si mesma com sua própria realização. Quanto mais educado, mais necessita o Homem educar-se e, portanto exige mais educação. Um processo inacabado, o sujeito adquire o conhecimento existente (educação transmissiva), ingressando em outra fase criadora do saber educação inventiva. (PINTO, 1982. p.33)

2.4.1 A Educação enquanto um fenômeno sociocultural

Sob a ótica delineada por Brandão (1985), Libâneo (1981) e Vieira (1991), para compô-la em sua multiplicidade, observa-se que em todos os lugares existentes na sociedade (em casa, na rua, na igreja ou na escola) estamos envolvidos com a educação e existe a possibilidade de criação de capital social.

Em todo o percurso da nossa vida, ela permeia nossos caminhos. Existem diversos modelos de educação. Para Brandão (1981), “a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”. (BRANDÃO, 1981,p. 9)

As sociedades tribais também educam seu povo com a cultura traduzida de geração em geração. A aprendizagem do cotidiano, as necessidades primárias de sobrevivência são fundamentadas. Exemplificando, pode-se relatar a experiência descrita no livro “O que é Educação”, de Brandão (1981). Nele, o autor demonstra que o conceito de educação está intimamente ligado à cultura em que se realiza: sendo assim, existe a convergência com Bourdieu (1988), em que mostra a importância da cultura na educação e na criação de capital cultural e social.

Brandão (1981) revela essa ligação por intermédio de um fato acontecido nos Estados Unidos com os homens brancos e os índios. Esse relato demonstra que uma cultura mais “civilizada” não contribui na educação de outra cultura, que muitas vezes pode necessitar de uma aprendizagem mais direta para caça ou a pesca situações essenciais para a sua sobrevivência, como é o caso dos índios americanos. Assim,

Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo, ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a

mais de sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos. (...) A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros: e deles faremos homens. (BRANDÃO, 1981, p. 9 -12)

Na contextualização exposta acima – homem, educação e cultura – observa-se que o homem aprendeu, através da sua evolução, a dominar e a transformar a natureza; com o trabalho e a consciência realizou invenções inúmeras e construiu um patrimônio cultural que para Putnam (2002) promove a virtude cívica, elemento essencial para a composição do capital social, também convergindo com Bourdieu (1998) acerca do capital cultural em detrimento da educação que insere o sujeito nas relações sociais.

É justamente nessa transformação que o Homem se faz e perfaz uma trajetória histórica, constituindo ao mesmo tempo bens que farão parte da cultura material e não material (simbólica), refletindo o duplo que o constitui.

Brandão (1981) acentua esse caráter de mediação dado à educação pela cultura, citando outro autor:

A natureza do homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação. Na educação, como o homem a prática, atua a mesma força vital, criadora e plástica, que espontaneamente impele todas as espécies vivas à conservação e à propagação de seu tipo. É nela, porém que essa força atinge o seu mais alto grau de intensidade, através do esforço consciente do conhecimento e da vontade dirigido para a consecução de um fim. (JAEGER, 1978, p. 14).

Verifica-se que Brandão ratifica por meio de outro autor que a educação é o mecanismo que proporciona atingir o mais alto grau de intensidade do conhecimento.

2.4.2 Educação e o processo histórico do homem

Filosoficamente, a educação pode ser compreendida como sendo “uma mediação da existência humana” (Severino, 1994, p.3). Ou ainda, como enfatiza Freire (1970), a educação é “um que ‘fazer humano’, que ocorre no tempo e no espaço, nas relações dos homens entre si”. (FREIRE, 1970, p.65)

Com efeito, o trabalho, a vida social e as expressões simbólicas da subjetividade constituem as mediações concretas, reais, da existência dos homens. A educação é vista, então, como o conjunto das atividades mediante as quais os educandos são inseridos no tríplice universo do trabalho, da vida social e da cultura simbólica, realizando assim redes que possibilitam a criação do capital social e do capital humano.

Desse modo, para Severino (1994) só se compreende educação enquanto forma de uma mediação histórica da existência humana, como uma luta em busca de condições sempre melhores de trabalho, de sociabilidade e de vivência da cultura simbólica. Portanto, ela só se legitima como mediação na construção da cidadania. Em relação ao indivíduo, a educação se propõe a construir e desenvolver a cidadania. “Em relação à sociedade, a construir a democracia, entendida como garantia a todos os indivíduos da efetivação universalizada dessas mediações”. (SEVERINO, 1994, p.9-10)

Nessa concepção, o Homem é um ser em permanente construção, que vai se fazendo no tempo pela mediação de sua prática, de sua ação histórica. Um ser que vai se criando no espaço social e no tempo histórico.

Historicamente, segundo essa concepção, os Homens estabelecem relações com a natureza material, da qual retiram todos os elementos para manutenção de sua existência material e para sobrevivência, estabelecendo

relações de produções -- constituindo o que hoje é designado como trabalho. Entretanto, tal atividade para os seres humanos não se dá de maneira puramente mecânica, ao contrário dos demais seres vivos, que também precisam se relacionar com a natureza para sobreviver. O trabalho humano é marcado pela intervenção de um elemento novo: a subjetividade, caracterizada como equipamento de simbolização, pelo qual os Homens conseguem antever e projetar sua ação de intervenção sobre a natureza.

Justificam as transformações do mundo natural pela reação humana à natureza, já que a ação produtiva do Homem vai forçando a natureza a se adaptar a ele, para melhor atender às suas necessidades. A sociedade é formada no desenvolvimento dessas relações, pois nelas o homem pode estabelecer simultaneamente relações entre si, ultrapassando o nível puramente transitivo das relações gregárias que prevalecem entre os demais seres vivos, entendendo a sociedade, não apenas como o somatório dos indivíduos, mas como um agrupamento tecido por uma série de relações diferenciadas e diferenciadoras que formará o capital social.

O processo de constituição da especificidade histórico-antropológica, segundo esse mesmo referencial a que se apontou no presente momento, os Homens, concomitantemente ao processo de desenvolvimento das relações produtivas e das relações propriamente sociais, desenvolvem igualmente outro plano de relações – o das relações simbólicas. Com elas, criam um universo com relações e representações simbólicas.

Constitui-se, assim, o universo da consciência subjetiva, o universo da subjetividade, onde os homens se apreendem como sujeitos e, inclusive a própria identidade dos indivíduos acontece.

Assim, ao mesmo tempo em que os homens desenvolvem relações com a natureza por meio da prática produtiva, com os seus semelhantes por meio da

prática política, eles desenvolvem ainda relações no âmbito de sua própria subjetividade por intermédio da prática simbolizadora, pela qual criam signos e lidam com eles. Assim, observa-se a criação do capital humano e social. Mediante os signos elaborados no plano da subjetividade (conceitos, valores, imagens, juízos, raciocínios e seus correspondentes objetivados como expressões culturais: palavras, frases, obras de arte, comportamentos, rituais), os diversos envolvidos em suas relações com a natureza e com a sociedade ganham uma dimensão simbólica. (SEVERINO, 1994)

2.4.3 O ato de educar na sociedade

A sociedade mostra-se a nós e revela-se a si própria como uma situação educativa. A educação, portanto, em uma perspectiva sociológica, orienta-nos para uma dupla possibilidade: a da mudança e da transformação. Quando tem, por princípios, normas rígidas de conduta e traz em si valores conservadores, pode levar à robotização, à massificação e a própria manutenção do “status quo”. Por outro lado, ao concebê-la como contradição e movimento de renovação de valores, promoverá mudanças na sociedade.

A Sociologia, ciência que nos aponta, em seu quadro, alguns pensadores, conhecidos sociólogos, como Dürkheim (1974), Mannheim (1964), Linton (1967), Marx (1975), muitas vezes, mostra direções diferentes entre si para os fins da educação e para explicação desse fenômeno.

Das considerações feitas pela Sociologia (Foracchi, 1974) e da educação, depreende-se que a educação pode ser concebida, por alguns sociólogos, como um conjunto de processos, institucionalizados ou não, que visam a transmitir aos indivíduos conhecimentos e padrões de comportamentos, para garantir a continuidade da cultura e da estrutura de determinada sociedade. Para outros, no lugar de continuidade ou manutenção, deveria levar a transformações.

Dürkheim (1969), por exemplo, preocupou-se em distinguir o termo educação, propõe duas funções básicas para o ato educativo: a função homogeneizadora e a função diferenciadora. A educação é, portanto, um processo socializador. As relações de convívio entre as gerações constituem o foco central desta abordagem. A ação modeladora que a geração adulta exerce sobre a geração jovem é que dá sentido ao ato educativo. Do ponto de vista cultural, Linton (1967) encara a ação socializadora como aprendizagem de papéis. Para esclarecer os mecanismos socioculturais que regulam a aprendizagem de papéis, esse autor utiliza-se das noções de personalidade básica e personalidade 'status'. Ao trabalhar com esses dois conceitos, Linton, desse modo, aperfeiçoa a noção de ser social utilizada por Durkheim.

Brookver (1974), outro sociólogo que se interessou pela educação, definiu-a como um processo de socialização de controle social; este desempenha funções inovadoras ou conservadoras, que atuam em consonância com o contexto histórico-social. Da mesma forma pensa Mannheim (1964), quando vê na educação um fator de mudança. Para este sociólogo, "a educação é uma técnica social" que pode ser usada tanto com implicações conservadoras, quanto como fator construtivo de transformação consciente e intencional da ordem vigente, ou seja, como elemento de reconstrução social.

Como se pode constatar, ao compararmos dois dos autores acima, enquanto Durkheim (1969) atribui à juventude um papel acentuadamente passivo, Mannheim (1964) considera o papel da juventude como sendo potencialmente criador suscetível de ser orientado para diferentes objetivos, tudo dependendo do sistema global no qual as novas gerações são formadas e chamadas para atuar.

Em contrapartida, os estudos realizados por K. Marx e F. Engels (1974) também forneceram elementos para a análise do fenômeno educacional . Embora esses autores não tenham publicado nenhum texto específico sobre

educação, são inúmeras as passagens de obras desses autores que tratam da questão educacional.

Inúmeros pensadores da corrente marxista têm analisado a escola e chegado a conclusões divergentes e até contraditórias. Um primeiro bloco de teorias refere-se ao que Saviani (1983) chamou de teorias crítico-reprodutivistas:

Atribuem à educação a função própria de reprodução da sociedade e postulam não ser possível compreender a educação senão a partir dos seus condicionamentos sociais. Há neste bloco três vertentes: a primeira encara o sistema de ensino enquanto violência simbólica que situa a ação pedagógica uma imposição arbitrária da cultura (também arbitrária) dos grupos e classes dominantes aos grupos ou classes dominadas; uma segunda vertente considera a escola um aparelho ideológico do Estado sustentando que escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção do tipo capitalista. (SAVIANI, 1983, p. 27-28)

Finalmente, Saviani (1983) refere-se a uma terceira vertente que denominou de teoria da escola dualista, criada pelos estudiosos franceses Baudelot e Establet (1971), que se aplica a este estudo, devido à pesquisa ser realizada com alunos do ensino superior.

Se empenham em mostrar que a escola dividida em duas (e não mais as duas) grandes redes, as quais correspondem à divisão da sociedade capitalista em duas classes fundamentais: a burguesia e o proletariado. Podemos retirar diferentes posições e concepções que essa ciência sociológica traz em seu bojo, como as de: homem, sociedade, e educação. São concepções, ou visões, que se contrapõem entre si. Contribuem por sua vez, para manter ou alterar as relações de poder existentes na sociedade. (SAVIANI, 1983, p.37)

Destaca-se finalmente, dentro de uma perspectiva sociológica de educação, algo que se considera pesadoso no ato de educar: é o seu poder de dominação e manutenção. Essa, quando serve ao poder dominante, reproduz o próprio sistema social e leva ao fracasso sua intenção, não cumprindo seus objetivos principais, acabando por transformar-se, infelizmente, na sua própria negação.

2.4.4 Educação: formação e qualificação profissional

Segundo Dutra (2001), a aprendizagem ajudará em uma reestruturação produtiva e tecnológica no Brasil. Para Manfredi (1997), as exigências quanto à qualificação profissional e à requalificação da força de trabalho são encontradas, sobretudo em poucos focos de excelência e competitividade, resultantes da modernização alcançada no país, e que o conjunto da economia brasileira não aponta para condições favoráveis à generalização de novos padrões educacionais, havendo a necessidade de uma reforma do sistema educacional como condição à incorporação do progresso técnico.

De acordo com Assis (2002), se as restrições à modernização permanecessem no país, as demandas educacionais poderiam ser resolvidas por meio de programas de requalificação promovidos pelas empresas ou de programas públicos aplicados. Nesse caso, a questão educacional deve ser ampliada para além do enfoque econômico, para ser inserida também no enfoque dos direitos básicos da cidadania, ou seja, esses programas devem ser direcionados a todas as pessoas pertencentes à sociedade.

A educação, discutida de modo integrado à questão da formação profissional, aparece como patrimônio social e deve dar condições para o trabalhador se qualificar para atender as demandas da sociedade. É preciso um ensino integrado, salientando assim o capital social e o capital humano dos trabalhadores. (ASSIS, 2002)

Nos projetos de tecnologia e de emprego, quatro pontos básicos são fundamentais, para o que se entende ser adequado para a formação dos trabalhadores: 1) melhora nos padrões de escolaridade básica da população; 2)

novas metodologias de ensino que permitam ao trabalhador desenvolver plenamente suas capacidades, com vistas aos desafios mais ambiciosos do processo de produção; 3) adequação operacional do sistema formador à nova realidade (descentralização, flexibilização, aproximação da concepção e da execução) 4) democratização da gestão do sistema, com maior participação dos trabalhadores. (ASSIS, 2002)

Para os trabalhadores, a educação formal é fator de grande importância para o segmento profissional, o que reflete a histórica reivindicação por ensino básico de qualidade, porém, segundo Silva (2007) e Rifkin (1995), não é suficiente para atender as exigências que o mercado de trabalho necessita, devido à mudança dos empregos oferecidos e à redução da força de trabalho não qualificada para as demandas atuais.

No documento “Competitividade”, realizado pela UNESCO há mais de 40 anos, foi expresso, já naquela época, o ponto de vista dos empresários brasileiros na discussão sobre a educação e seu papel na busca da competitividade da economia do país. A avaliação do processo de transformação científica e tecnológica atual pressupõe que:

[...] os ganhos de produtividade e eficiência passam a depender, antes de tudo, da agregação de conhecimentos aos métodos de trabalho. A contribuição de pessoas com sólida educação básica e boa formação profissional assume, portanto, papel central na economia...(UNESCO, 1975)

Para esse setor, a deficiência na educação é um dos fatores do chamado “custo Brasil”, mencionado em 1975, mas ainda presente em 2016. Devido ao equacionamento dessa questão, constitui um dos principais requisitos para melhorar o desempenho das empresas. Os encaminhamentos decorrentes desse enfoque baseiam-se nos pressupostos: a contribuição da educação na sociedade moderna é questão de interesse nacional; a melhora da qualidade educacional é o ponto crítico do desempenho necessário do sistema de ensino

do país; os empresários são também responsáveis pelas ações favoráveis à melhora da educação e da qualificação profissional; a parceria e a cooperação entre as entidades privadas e públicas são essenciais aos novos projetos educacionais e ao desenvolvimento tecnológico. (RIFKIN, 1995, p. 45-46).

A Universidade Corporativa é uma maneira do empresário colaborar para a formação dos seus empregados e também com estudantes que buscam uma formação focada em determinado segmento do mercado. Ela busca auxiliar no aprendizado de acordo com as necessidades das corporações, conforme cita Eboli:

As Universidades Corporativas surgem como uma vantagem competitiva e solução para o alinhamento das iniciativas de treinamento com a estratégia por meio de aprendizado permanente, pois são tidas como laboratórios para a aprendizagem, de uma maneira estratégica de desenvolvimento para colaboradores e fornecedores, visando ensinar a eles técnicas para melhorar o desempenho organizacional. (EBONI, 2002, p.62)

Observa-se que há necessidade de treinamento, para que um profissional tenha conhecimento, habilidade e atitude – CHA, na busca do desempenho profissional, visto que os profissionais que são entregues ao mercado carecem de técnicas para melhorar o desempenho de suas atividades nas organizações, pois apenas o ensino educacional no Brasil não contempla, na totalidade, essas competências, para que os estudantes adentrem no mercado de trabalho com a finalidade de suprir as necessidades que as organizações precisam para implantação e execução de tarefas.

As propostas para a superação da crise educacional do Brasil, no Programa de Governo: Coligações Lula Presidente em 2002 são apresentadas com as seguintes “macroprioridades”: colocação da educação básica numa posição central nas estratégias de proporcionar qualidade para educação; necessidade de valorização do professor, com melhora de sua formação e remuneração; implementação da gestão de qualidade nas escolas, com

fortalecimento dos sistemas de avaliação, estímulos à participação da comunidade no gerenciamento desses sistemas e introdução de princípios e metodologias de gestão na formação de professores; surgimento de oportunidades e estratégias para a educação e qualificação dos profissionais; contribuição efetiva da universidade na formação do magistério para a educação básica e no desenvolvimento da competitividade industrial. Entretanto, essas ações não foram executadas, mostrando que continua sendo um problema a ser resolvido.

O documento “Educação profissional – um projeto para o desenvolvimento sustentado”, elaborado pela Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional – SEFOR, do Ministério do Trabalho, em 1995, p. 07, já demonstrava preocupação com a qualidade do trabalho, afirmando que:

Necessidade da empresa, interesse do trabalhador e da própria sociedade, a qualidade para o trabalho exige uma estratégia integrada, construída mediante articulação e parceria entre os vários atores sociais – governo, empresas, trabalhadores, educadores – de modo a beneficiar não apenas setores modernos da economia, mas toda a sociedade. (SEFOR, 1995, p.07)

Tal construção passa, desde logo, pelo repensar da educação geral e profissional, no plano conceitual, pedagógico e de gestão. Em face da crescente difusão de um novo perfil de competências no mercado de trabalho, começa a perder sentido a dicotomia “Educação – formação profissional” e a correspondente separação de campos de atuação entre instituições educacionais e de formação profissional. Trabalho e cidadania, competência e consciência não podem ser vistos como dimensões distintas, mas reclamam desenvolvimento integral do indivíduo que, ao mesmo tempo, é trabalhador e cidadão, competente e consciente. (MANFREDI, 1997 p. 05)

O governo brasileiro tem a preocupação com a educação dos trabalhadores. Essa situação é visível com a implantação do PROVÃO¹³ pelo Ministério da Educação, no Governo Fernando Henrique Cardoso e também do ENEM¹⁴ e ENADE¹⁵, no Governo Michel Temer. Tem, pela frente, o desafio de melhorar os indicadores de educação, pois, segundo o relatório elaborado pela Pearson – ligada ao jornal britânico Financial Times e pela consultoria britânica *Economist Intelligence Unit* – EIU, divulgado em maio de 2014, o Brasil está na 38ª posição na comparação dos 40 países. Está apenas na frente do México e da Indonésia. Também é visível o despreparo dos trabalhadores para cargos e funções que exigem um conhecimento qualificado, conforme relatado por Susana Falchi (2014), que acredita num cenário cada vez pior, devido ao número crescente de jovens que não trabalham e nem estudam, conforme divulgação do IBGE¹⁶. O panorama apresentado dificulta a aquisição do capital humano e, por consequência, do capital social.

Para tentar resolver essa situação, o Governo Federal, por meio do Programa Bolsa Família, objetivando a inclusão social das famílias, distribuiu valores monetários para os que estão abaixo da linha de pobreza, ou seja, o valor para extrema pobreza é de setenta e sete reais e da pobreza de cento e cinquenta e quatro reais; na inclusão social destaca-se a educação, que deve ser acessível para as crianças, impedindo que elas trabalhem para ajudar no orçamento familiar. Mas, quando o motivo é a qualificação dos trabalhadores, os diversos programas como: ETCS, PROUNI, SISU, SISUTEC, PRONATEC e o EDUCA MAIS BRASIL têm a missão de promover a qualificação e a inserção no mercado de trabalho, promovendo o capital humano compatível com as exigências da globalização e inovação.

¹³O **Exame Nacional de Cursos (ENC-Provão)** foi um exame aplicado aos formandos, no período de 1996 a 2003, com o objetivo de avaliar os cursos de graduação da educação superior, no que tange aos resultados do processo de ensino-aprendizagem.

¹⁴ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

¹⁵ENADE – Exame Nacional de Desempenho do Estudando – voltado ao ensino superior.

¹⁶ A já preocupante qualificação do trabalhador brasileiro deve piorar. Um estudo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizado em 2013, confirmou a conclusão de um levantamento do IBGE divulgado no ano anterior: um em cada cinco jovens entre 15 e 29 anos (9,6 milhões de pessoas) não trabalha nem estuda. É a chamada "geração nem-nem".

Existe concordância entre Moretto (1997) e Souza (2007), no que se refere à compreensão de que a teoria do capital humano mostra que, primeiro, as pessoas concebem educação e, assim, se apropriam dela; em seguida, as pessoas adquirem novos conhecimentos e habilidades e, finalmente, quanto mais o indivíduo estuda, investiga e pesquisa, mais ele recebe o resultado desse esforço. Esse proveito como resultado será expresso com a ampliação das suas capacidades cognitivas, podendo receber mais rendas devido à sua contribuição para o trabalho possibilitando, assim, um desenvolvimento nas organizações e no sistema econômico.

A crítica referente à concepção e à apropriação da educação se fundamenta no fato de que ocorrerá uma transformação que beneficia o homem e seu desenvolvimento com recursos criados e produtivos, em que a educação se faça presente na formação do capital humano e no capital social, que são demonstrados através dos estudos. Quanto ao capital humano, essa transformação possibilitará um desenvolvimento de potenciais que auxiliará as organizações na tomada de decisão e nos procedimentos administrativos, favorecendo, conseqüentemente, o contexto micro e macroeconômico. (BALASSIANO, SEABRA e LEMOS, 2004)

A teoria do capital humano ganha espaço no contexto social com ênfase na educação e nas organizações devido à sua complexidade relacionada ao desenvolvimento dos indivíduos nas sociedades e no mercado de trabalho. No mesmo segmento, quando o assunto são os considerados capitais intangíveis, o capital social também ganha notoriedade na sociedade e nas organizações.

Na sequência, será apresentada a relação entre o capital humano e o capital social.

3 CAPITAL HUMANO E CAPITAL SOCIAL E AS POSSÍVEIS RELAÇÕES

Quando Putnam (1995) conceitua capital social, em decorrência de suas pesquisas especificamente nas regiões da Itália, mostra a relação entre capital social e capital humano, em razão de “o capital social aumentar os benefícios de investimento em capital físico e capital humano”. No entanto, para haver essa relação é necessário que exista uma rede contendo laços de confiança, para criar uma organização permeada de leis, normas e regras com a finalidade de proporcionar o bem comum.

Coleman (1988) acredita que o capital social e o capital humano são complementares, devido às pessoas habitarem em um contexto social permeado de normas, confiança interpessoal, redes sociais e organizações sociais que são importantes para o funcionamento da sociedade e da economia. As organizações sociais são formadas também por famílias que, conforme Dowbor (2005) são um dos primeiros laços de relacionamentos, ou seja, o primeiro grupo de que o indivíduo participa e a probabilidade de adquirir um capital humano, conforme a educação recebida seja muito significativa.

O crescimento econômico, para Coleman (1988), é fruto do capital social, conforme a necessidade de produção para abastecimento da sociedade e os mecanismos de trocas em que poderá haver relações confiáveis entre os indivíduos promovendo, assim, a dinâmica econômica. Verifica-se uma relação entre capital humano e capital social, pois a troca não é somente no contexto econômico; mas também na parte social, como família, escolas, grupo de estudos, igrejas e outras associações. Coleman (1988) afirma que esse contexto colabora também para a criação de capital humano, conforme defende Dowbor (2005), sobre a participação da família na criação desse capital.

Para Silva e Santos (2014), não há dependência direta entre o capital social e o capital humano, em razão de o estado e a sociedade não terem

mecanismos que relacionem os dois capitais, pois, para que isso ocorra, seriam necessárias políticas voltadas à cidadania e ao bem comum, em que a coletividade se responsabilizasse pela socialização consciente dos seus direitos e obrigações.

Segundo Fukuyama (1996), o capital social difere do capital humano em algum momento devido à cultura e também aos costumes de uma sociedade que envolve a religião, a alimentação, ou seja, os hábitos que são adquiridos por meio da maneira de ser da população, de acordo com seus aspectos culturais. No entanto, a relação com o capital humano ocorre, quando há investimento em educação, por meio de políticas sociais em que o governo constrói escolas e incentiva a esfera pública a investir nesse segmento, promovendo o conhecimento, habilidade e atitude - CHA da população, e que neste estudo verifica-se o investimento em educação dos alunos concluintes e trabalhadores do curso de Administração.

Para Coleman (1988), outro grupo composto de capital social e capital humano são as empresas, cuja atividade econômica está organizada sob diferentes instituições, tais como jurídicas, econômicas, sociais e políticas. As empresas buscam atender às necessidades da sociedade dentro de um contexto econômico, porém, de acordo com as mudanças globais, as empresas buscam inovar e empreender.

Segundo Lazzareschi, (2008), a inovação deriva do conhecimento e da informação, porque inovar significa ser criativo, realizar algo diferente com base em determinado conhecimento, com aplicação da informação para a produção de riqueza. Distingue-se de invenção que é criar algo novo, ou seja, é o conhecimento não aplicado na geração de valor, que precisa estar de acordo com o capital social positivo, que requer confiança e reciprocidade do inovador em seu produto e, conseqüentemente, conseguirá persuadir outras pessoas da

sociedade para acreditar que a sua inovação e criatividade poderão contribuir com o sistema social refletindo, assim, na parte econômica.

No Brasil, o SEBRAE Nacional, junto com o DIEESE, realizou uma pesquisa entre 2002 e 2012, informando que o número de mulheres empreendedoras cresceu 18% e o de homens, 8%. O Microempreendedor Individual - MEI cresceu significativamente neste período e se estima que continuará a crescer nos próximos anos. Para o SEBRAE, o motivo do crescimento explica-se segundo os vários contextos em que se encontra a situação econômica do país, pois, na falta de emprego com carteira registrada, as pessoas buscam uma atividade em que tenham competência e habilidade para sobreviver na sociedade. As mulheres, não tendo como deixar os filhos com familiares ou em creches, optam para ter uma profissão em que seja possível conciliar o trabalho com os afazeres domésticos. Os empreendedores, pessoas que não desejam trabalhar como empregados, buscam sua liberdade e aceitam organizar o seu tempo da maneira que acreditam ser melhor.

Para Dornellas (2001), o empreendedor é um visionário e contribui para a sociedade e principalmente para a economia, pois gera empregos proporcionando a expansão da atividade econômica. Conforme Joseph Schumpeter (1949), economista, considerado um dos autores que iniciaram pesquisas acerca do empreendedorismo, o empreendedor é a expressão da capacidade empresarial, pois ele cria e insere novos produtos e serviços na economia. Também cria novas formas e modelos de organização, destruindo e construindo recursos que movimentam a atividade econômica, colocando junto o capital social e o capital humano nesse contexto.

Dornelas (2001), por sua vez, afirma que, principalmente no século XX, o mundo tem passado por diversas transformações e que também foi neste período criada a maioria das invenções que mudaram o estilo de vida da

população. Invenções, ao contrário da inovação, podem ser algo inédito ou coisas existentes, porém vistas de outra forma. Mas, por trás dessas invenções, há pessoas ou equipes que têm outra visão, que questionam, buscam coisas diferentes, arriscam-se para fazer acontecer e empreendem. Em meio a isso, o autor define empreendedor como:

Empreendedores são pessoas diferenciadas, que possuem motivação singular, apaixonadas pelo que fazem, não se contentam em ser mais um na multidão, querem ser reconhecidas e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado. (DORNELAS, 2001 p. 19)

Para esse autor, a partir do momento em que empreendedores estão mudando e revolucionando o mundo, eles promovem o capital social e o capital humano, visto que para empreender é preciso ter laços de confiança e reciprocidade, adquiridos nas relações de trabalho com o capital humano, pois o empreendedor precisa se qualificar, aprender, desenvolver novas maneiras de gerar um produto ou atividade, para suprir uma ou várias necessidades. O empreendedor terá que ter competências e habilidades capazes de enaltecê-lo e capacitá-lo para saber fazer e saber ser na busca de um capital humano e um capital social.

Assim sendo, observa-se que tanto o capital humano, quanto o capital social estão presentes em atividades empreendedoras, em virtude dos relacionamentos de grupos de trabalhos que deverão cooperar entre si para que o projeto empreendedor seja realizado. No contexto do capital humano, o empreendedorismo mostra uma inovação, em que as pessoas deverão saber fazer e terão competência e habilidade para realizarem a função ou atividade requerida.

Situação importante foi o empreendimento no Vale do Silício ou dos clones de PCs em Taiwan, que também podem ser considerados de intraempreendedores, pois muitos indivíduos trabalham em multinacionais,

especificamente no Japão e Europa e montam os seus negócios nos Estados Unidos, conforme informa Castells:

Com isso, há um aumento da velocidade da inovação tecnológica e uma difusão mais rápida dessa inovação à medida que mentes talentosas, impulsionadas por paixão e ambição, vão fazendo pesquisas constantes no setor em busca de nichos de mercado em produtos e processos. (1999, p. 107)

Observa-se que sempre existe a possibilidade de formar um novo paradigma, uma inovação e, portanto, desenvolvimento, principalmente quando o foco é comunicação e relação, pois a revolução da tecnologia da informação trouxe novos hábitos e necessidades, no tocante ao capital social e também ao capital humano, principalmente nas relações de trocas, conforme relatam Putnam (1988) e Granovetter (1983), pois o capital social contribui para o capital humano nas relações de parentesco e amizades, na medida em que os pais procuram preparar os seus filhos de acordo com as competências e habilidades que possuíam e suas atualizações.

No tocante à inovação, à criatividade e ao empreendedorismo é importante mencionar que a PINTEC¹⁷ é uma Pesquisa de Inovação realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e tem como finalidade a construção de indicadores que mostram o nível de inovação do país comparados com outros países. A pesquisa também consiste em verificar o comportamento inovador das empresas, os esforços para realizar atividades empreendedoras, os obstáculos e outros fatores.

É importante para o país ter um indicador que mensure a inovação, se está crescendo ou não, pois para Joseph Alois Schumpeter, considerado o primeiro economista a atrelar o desenvolvimento do país com ações

¹⁷PINTEC – Pesquisa de Inovação Tecnológica.

empreendedoras, o empresário e o empreendedorismo são atributos essenciais para o país conquistar o desenvolvimento socioeconômico. Semelhante, John Maynard Keynes, outro economista que revolucionou o sistema capitalista, mostra a importância da figura do empresário para o crescimento do sistema econômico do país, pois gera emprego, que é um dos objetivos de política macroeconômica (alto nível de emprego).

Empresário e empreendedor são figuras parecidas, mas não idênticas. O empresário, segundo Schumpeter (1949), é aquele que administra o sistema de produção que, segundo Maximiliano (2009), é o responsável profissionalmente pela atividade econômica, organizada com o objetivo de produzir e distribuir os bens e serviços que competem à empresa. O empreendedor, segundo Drucker (1986), é aquele que busca alternativas para inovar, ele nasce com características inovadoras capazes de mudar e transformar a economia de um país, porque é talentoso para antever uma necessidade ou várias necessidades.

Para Schumpeter (1949), o empreendedor é capaz de destruir e construir uma atividade, na busca da melhoria contínua, pois ele é hábil para detectar um negócio ou uma oportunidade e praticá-los, ou seja, fazer acontecer, ter conhecimento, habilidade e atitude – CHA.

Os economistas Cantilon (1955) e Jean Baptiste Say (1986) também abordaram questões de empreendedorismo, principalmente das empresas que buscaram uma nova alternativa para a produção, possibilitando a expansão do capitalismo, cujo capital social e capital humano foram imprescindíveis para esse crescimento.

Outro autor que mostra a relação entre capital social e capital humano é Bourdieu (1998), porque acredita que a sociedade, para cumprir o seu papel, necessita do capital cultural, capital social e capital humano, porém os indivíduos são incumbidos desses capitais de forma individualizada, às vezes com excesso

de um e falta de outro. O capital cultural pode promover o capital social e, consequentemente, o capital humano. No entanto, nem sempre o capital humano poderá trazer o capital cultural. Para Bourdieu (1998), o capital cultural acaba delimitando a atuação tanto do capital humano e como do capital social, pois o acesso à cultura depende da região e é atributo de poucos.

Para que ocorra o desenvolvimento econômico, o capital social e o capital humano precisam estar relacionados também com a cultura, conforme elucida Fukuyama quando demonstra o conceito de capital social:

[...] é um conjunto de valores ou normas informais partilhadas por membros de um grupo que lhes permite cooperar entre si. Se espera que os outros se comportem confiável e honestamente, os membros do grupo acabarão confiando uns aos outros. A confiança é o lubrificante, levando qualquer grupo ou organização a funcionar com maior eficiência. (2001, p.155)

O autor acima citado acredita que os grupos de pessoas precisam falar a verdade e ter atitudes que promovam o bem comum, principalmente quando existe capital humano que possibilite as trocas por meio de relacionamentos de confiança e reciprocidade. Granovetter (1985) completa que a sociologia e a economia não conseguem decifrar, na totalidade, as ações dos indivíduos dentro de uma sociedade e mais especificamente no mercado de trocas. O capital social com o capital humano visam possibilitar um entendimento do indivíduo acerca das relações, destacando as redes sociais e outros grupos de pessoas, como associações e sindicatos, que possam ter laços fortes ou fracos.

No âmbito organizacional, a relação entre capital social e capital humano se faz presente, como no caso do artigo “Do capital humano ao capital social: a nova ciência das redes organizacionais da gestão de pessoas”. Garcia (2009) demonstra a interconectividade a que a sociedade está exposta e a importância do capital humano em rede, contribuindo na gestão das organizações. O autor escreve que o capital social pode beneficiar o capital humano, sendo uma

“amalgama”, criando o ativo intangível mais valioso das organizações: as redes humanas de trabalho.

O autor acima citado acredita que os executivos que fazem uso do capital social de qualidade, relacionando-se com grupos de pessoas importantes para sua rede de relacionamentos, conseguem conquistar patamares elevados na organização, recebendo promoção; suas avaliações são satisfatórias; estão propensos a aprender constantemente; melhoram a eficácia e eficiência das equipes das quais participam e coordenam; são colaboradores pró-ativos nas organizações.

Para Abu-El-Haj (1999), a relação entre capital humano e capital social está vinculada com a confiança que, segundo Francis Fukuyama (1996), é a característica principal do capital social para criação da prosperidade.

Por conseguinte, ABU-EL-HAJ mostra que o capital econômico também está relacionado, propondo que:

A otimização do capital físico-econômico e do capital humano é alcançada na medida em que as relações de confiança e reciprocidade aumentam na comunidade. Em outras palavras, em duas ou mais comunidades em que o nível educacional das pessoas e os recursos materiais oferecidos são constantes, o que distingue o desempenho de seus membros é a confiança estabelecida, que permite mobilização coletiva e maximização dos recursos individuais existentes. A capacidade de ação é ampliada em situações em que a confiança permeia uma coletividade (ou associação), facilitando a otimização do uso de recursos sócio-econômicos e humanos disponíveis. (1999, p. 68)

Para o autor, a relação entre capital social e capital humano é fundamentada na confiança e na reciprocidade, em que um grupo, de posse desses recursos, consegue aperfeiçoar os recursos econômicos da melhor maneira possível em prol da coletividade, pois haverá investimento nos recursos humanos, possibilitando a aquisição de conhecimento, habilidade e aptidões.

Realizando uma pesquisa rápida na base de dados no GOOGLE, verificou-se a importância referente à relação entre capital social e capital humano, conforme o quadro a seguir:

Quadro 03 – Frequência de publicação de artigos acerca do capital social e humano em periódicos nacionais, desde 1977

<i>Periódicos nacionais</i>	<i>Autores</i>
Do capital humano ao capital social. A nova ciência das redes organizacionais da gestão de pessoas	<i>Ignácio Garcia</i>
<i>Capital Humano e Capital Social como fatores chave de inovação na escola.</i>	Magda Pischetola
<i>O papel do capital humano, do capital social e das inovações tecnológicas na formação das redes territoriais, no crescimento endógeno e no desenvolvimento regional.</i>	Jorge Antonio Santos Silva
<i>Capital Social, Capital Humano e Educação: o ensino da sociologia e a construção da cidadania</i>	Afrânio de Oliveira Silva e Caroline Santos
<i>O binômio Capital Humano e Capital Social</i>	Odete F. Lodi

Fonte: Elaborado pela autora

Como pode ser observado no Quadro 03, o professor Ignácio Garcia, da Universidade de Buenos Aires, trata da relação entre o capital social e o capital humano dentro das organizações, que converge com o objetivo deste estudo, visto que foram entrevistados alunos do curso de Administração que trabalham em empresas e buscam o sucesso profissional. Conforme Garcia (2010), o profissional que souber fazer uso do capital social juntamente com o capital humano terá chances maiores de conseguir promoções no local de trabalho.

Para Pischetola (2012), o capital humano e o capital social geram transformações na escola, advindas do capital humano dos professores e suas respectivas redes de relacionamentos. A inclusão possibilita o crescimento dos dois capitais, pois o capital humano é concebido por meio do aprendizado e das competências adquiridas ao longo do tempo, e o capital social, para a autora, promove a dimensão comunitária, institucional e societária, em que é realizada a troca de conhecimento formal e informal e essas são realizadas por meio da educação.

O capital humano e o capital social, segundo Pischetola (2012), possibilitam a construção do conhecimento e a cooperação, tanto dos professores, alunos e a comunidade; entretanto é necessário valorizar o professor, para que ele continue sempre motivado e disposto a entender e participar das novas tecnologias da comunicação com ênfase nas redes sociais.

Silva (2005) acredita que o conhecimento é um bem público e relaciona-se com o capital humano quando inserido para promover a capacitação de potenciais no indivíduo e é capital social quando esse conhecimento promove crescimento e desenvolvimento para a sociedade resultando em avanço da tecnologia, da competitividade e o crescimento sustentável. O autor cita Durston, (2000), acerca do conceito do capital social, o qual mostra que as relações estáveis de confiança e reciprocidade beneficiam a redução dos custos de transação, produzem bens públicos e facilitam a consolidação de instituições e sociedades civis saudáveis, explicando que:

Capital social é o conteúdo de certas relações e estruturas sociais, aquelas caracterizadas por atitudes de confiança e comportamentos de reciprocidade e cooperação. (DURSTON, 2000, apud SILVA, 2005, p. 2)

O artigo *Capital Social, Capital Humano e Educação: o ensino da sociologia e a construção da cidadania* pretende promover um debate, de forma reduzida, mas contextual, sobre a relação existente entre capital humano e o

capital social. Os autores Silva e Santos (2014), elencaram duas hipóteses: a primeira é a de que não há relação entre capital humano e capital social, conforme afirmam alguns trabalhos. A segunda hipótese defende que o ensino da sociologia é um indutor de capital social com a finalidade de promover um ambiente crítico, cooperativo e também verificar a ligação entre capital humano e o capital social como complemento.

Os autores mencionam os trabalhos de Marcelo Neri¹⁸ (2000) e Carlos Hansenbalg¹⁹ (2000), fazendo uma crítica, pois acreditam que os trabalhos não contemplam a causalidade existente entre capital humano e capital social, e que, segundo Silva Santos, (2014), no Brasil não há um debate claro, explicando como o capital humano interfere no capital social, ou ao contrário.

No entanto, os autores mostram que Neri (2000) faz referências significativas da relação entre capital social e capital humano, entendendo que:

O autor deixa claro que não é que o capital social não tenha influência na composição dos ativos humanos, mas, chega-se à conclusão de que o capital humano (reduzido à educação formal) é o ativo mais importante a ser estudado no desenvolvimento socioeconômico e na diminuição das desigualdades. Além disso, o autor observou que nos níveis mais elevados de capital humano encontram-se os níveis mais elevados de capital social, ou seja, capital humano gera capital social e, portanto, investimentos em capital humano são importantes para garantir uma sociedade rica em capital social. (SILVA SANTOS, 2014, p. 8)

Verifica-se que Neri (2000) mostra que o capital social e o capital humano têm relações significativas, principalmente no tocante à educação, conforme mostrou Bourdieu, Coleman e Fukuyama, pois quanto maior investimento para a aquisição do conhecimento, habilidade e atitude, maior será o resultado com a obtenção de pessoas competentes para realizar o trabalho que lhes compete e, assim, conforme Fukuyama (1999) haverá a garantia de desenvolvimento

¹⁸ NERI, Marcelo. Políticas estruturais de combate à pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, Ricardo (coord.) **Desigualdade e Pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

¹⁹ HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson Do Valle. **Tendências da desigualdade educacional no Brasil**. Revista Dados, vol. 43, nº. 3, p. 423-445, 2000.

socioeconômico, com sociedade rica em capital social, ou seja, haverá cidadania, confiança e reciprocidade entre os membros.

O binômio Capital Humano – Capital Social foi o tema da palestra proferida no III Seminário do Centro de Ciências Sociais Aplicadas em Cascavel em 21 de outubro de 2004, A seguir, será elucidado um trecho da palestra, relacionado a este trabalho:

[...] para que isto ocorra é necessário capital social. Na área de desenvolvimento, a vontade de agir a respeito dos problemas humanos é chamada de capital social. Capital social é o acúmulo de experiências participativas e organizacionais que ocorrem num determinado grupo, comunidade, reforçando seus laços de solidariedade, cooperação, confiança dessas pessoas. São os níveis de participação e organização que um grupo ou comunidade possui. Se a comunidade não tiver organização, participação social, solidariedade social, iniciativa, cooperação entre si e confiança, não há capital social, desenvolvimento nem crescimento. Esses fatores constituem a base para um desenvolvimento sustentável, porém para alcançar este desenvolvimento é preciso capital humano. Capital humano é o investimento nas pessoas para que fortaleça suas competências, conhecimentos, habilidades e atitudes, tornando-as capazes de gerar idéias, gerenciar seus próprios empreendimentos, formando assim redes sociais e produtivas.

Verifica-se que Odete F. Lodi (2004) conceitua capital social com a finalidade de conseguir um desenvolvimento e crescimento socioeconômico na sociedade, ratificando o que Fukuyama (1999) acredita ser possível. Enfatiza a importância dos laços de solidariedade que se entende por reciprocidade e confiança, características essas pesquisadas neste estudo com os alunos do curso de Administração. Também relata a importância do capital humano para o desenvolvimento sustentado, que deverá ter investimento nas pessoas, para que haja mão de obra qualificada para suprir as necessidades advindas de um contexto de desenvolvimento e crescimento econômico.

Enfim, depois de expostas às relações entre capital social e capital humano, acredita-se, para este estudo, que o capital social deve ser conceituado

nas redes de relacionamentos presenciais e virtuais que os alunos constroem, baseados nas características de confiança e reciprocidade. Entende-se que, para o estudante obter sua empregabilidade, é necessário ter uma rede de relacionamentos, entretanto este aluno deverá ser possuidor de capital humano para que a empregabilidade aconteça. Esse capital humano será expresso pela experiência de trabalho e acadêmica que será adquirida por meio da educação, sendo esta concebida na família, na escola e no trabalho. Outro medidor de capital humano será a renda, que dependendo do grau de valorização do profissional, poderá ser adequada ou não às expectativas dos alunos. O capital humano notório no aluno poderá ser, resumidamente, o que o aluno souber fazer.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Perfil dos alunos

Decidiu-se levantar o perfil dos alunos do curso de Administração porque se acredita que tanto o capital social como o capital humano têm características complexas e determinantes de acordo com o perfil da população, conforme relatado por Putnam, Coleman, Bourdieu e Schultz. Putnam (2001), realizando sua pesquisa em regiões diferentes na Itália, percebeu características desiguais no perfil da população, destacando-se o norte da Itália, onde havia prosperidade e qualidade de vida, situação muito melhor do que o sul da Itália. Assim, questões como regiões e bairros da residência dos alunos, se possuem automóveis, casa própria e o montante de sua renda têm objetivo de verificar a relação entre o capital social e o capital humano, para melhor analisar e interpretar os resultados.

Coleman (1990) acredita que o perfil da população determinará o capital social advindo das trocas que podem se estabelecer. Essas permutas são realizadas no âmbito da cooperação e também da reciprocidade. Dependendo do ambiente e região, estabelece um capital social de maior ou menor intensidade, de acordo com o grau de cooperação e reciprocidade que as pessoas terão entre si. Destacam-se as trocas realizadas no âmbito familiar devido aos aspectos de afetividade.

Bourdieu (1998) acredita que o capital social recebe influência direta do capital cultural, pois, dependendo da região que os indivíduos habitam, o capital social será mais ou menos determinante. Segundo o autor, a cultura promove a civilidade e a educação advinda de ações culturais determinadas pela oferta, como por exemplo, escolas, cinemas, teatros, exposições, esporte e lazer. Todos esses influenciarão diretamente no capital social e no capital humano e

por esse motivo, neste estudo, foram elaboradas questões para se averiguar as regiões onde os alunos residem, o grau de instrução dos pais e a religião a que pertencem.

O perfil da população, segundo Schultz (1971), também é importante quando se estuda um tipo de região, principalmente as regiões localizadas na Europa, onde o autor realizou suas pesquisas. Esses locais têm diferenças significativas; cada região tem um perfil de povos, que é influenciado pelo clima e pela cultura, e tem um capital humano distinto, resultando em hábitos, costumes e intelectualidades que contribuirão com a formação do capital humano.

Para buscar compreender o perfil dos alunos, é importante destacar a relação dos estudantes com a instituição de ensino, devido o curso de Administração ter um PPC - Projeto Pedagógico do Curso, contendo o Perfil profissiográfico para os egressos, com os objetivos e a missão²⁰. Também conforme anunciado por autores citados anteriormente, foi realizado um estudo quantitativo e qualitativo, do qual participaram oitenta e três alunos trabalhadores, estudantes do último período do curso de Administração, com idade média entre dezenove e trinta e cinco anos, sendo a maioria do sexo feminino, solteira e empregada. Os dados não totalizaram cem por cento em virtude do programa descartar as respostas rasuradas (sendo 10%), conforme a figura a seguir quantificando em gênero:

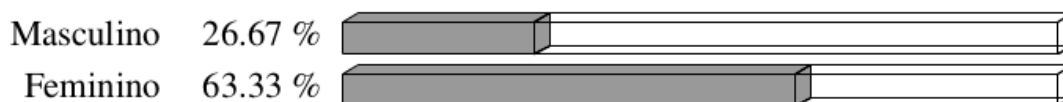


Figura 04 - Gráfico mostrando os percentuais de gênero.

²⁰ De acordo com a missão do Curso de Administração da IES, o conjunto de disciplinas visa a formação de profissionais para gerenciar diversas áreas como: Marketing, Produção, Finanças, Recursos Humanos, Logísticas e Serviços. Deverão, também, ser capazes de discutir as questões sociais e ambientais com responsabilidade social, como cidadãos críticos, aptos a contribuir para a elevação das condições de vida da sociedade sustentável.

No Brasil, a população feminina é maior que a população masculina, conforme dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), 2014, divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Também é visível o avanço da mulher no mercado de trabalho, sobretudo no setor de serviços, conforme relatório do SEBRAE (2015) referente ao microempreendedor individual; a presença feminina é de 50,80% e da masculina é de 49,20%. Na instituição de ensino, no curso de Administração, as mulheres são a maioria: 63,33%, enquanto os homens totalizaram 26,67% e 10% não foi possível quantificar. Esse resultado mostra que mais da metade dos estudantes que frequenta o curso são mulheres. Outro dado que mostra o perfil dos alunos pesquisados é o estado civil.

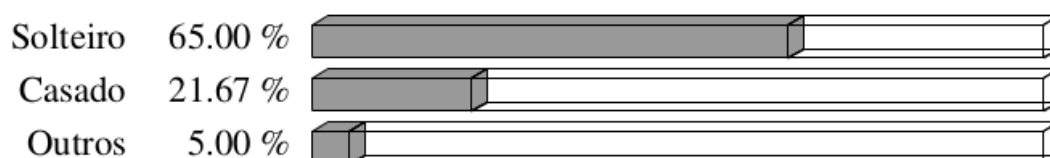


Figura 05 - Gráfico mostrando o estado civil.

A maioria dos alunos, 65%, é de solteiros devido à sua faixa etária, na média entre 21 e 35 anos. Verificou-se, conforme a pesquisa qualitativa, que os alunos casados estão na faixa de 31 e 40 anos e 8,33% não foram possíveis quantificar. Os alunos que assinaram o item “outros” estão divorciados ou separados. É importante salientar que esses são alunos concluintes que estão na faixa de idade entre 20 e 40 anos; apenas 6,67% estão acima dos 40 anos, , conforme a figura a seguir:

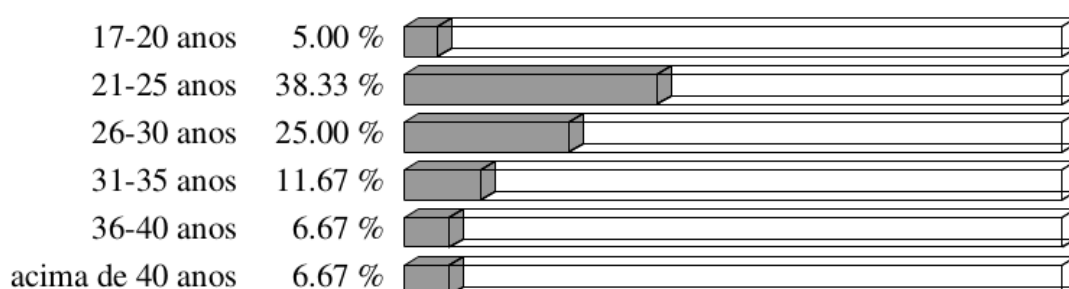


Figura 06 - Gráfico mostrando os intervalos em percentuais relacionados à faixa etária.

Conforme o gráfico verifica-se que 80% dos alunos estão na faixa entre 17 e 35 anos. Os que têm mais de 35 anos totalizam 13,34% e 6,66% não foram possíveis quantificar. Esse resultado demonstra que indivíduos com mais de 35 anos estão em busca de atualização, por meio de um curso superior, para compor o seu capital humano.

Outro dado importante, que a pesquisa apurou, foi como o aluno classifica a sua raça. Os resultados foram os seguintes:

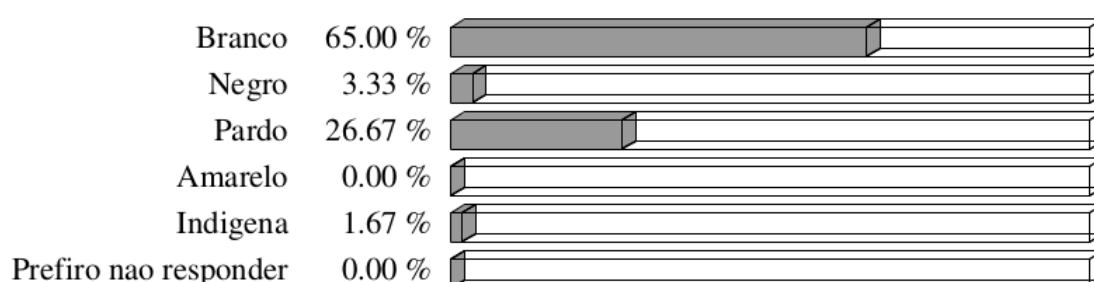


Figura 07 - Gráficos mostrando os percentuais das questões relacionadas à raça/cor:

Verifica-se que 65% dos discentes se consideraram brancos e somente 3,33% negros, 1,67% indígena, 26,67% pardo e 3,33% não foram possíveis quantificar. Os resultados mostram que no curso pesquisado a predominância é da raça branca e parda, no entanto merece ser destacado que quase todos os alunos responderam essa questão e que somente 3,33% assinalaram-na inadequadamente. Esse resultado é ratificado de acordo com as entrevistas, porque dentre os 10 alunos entrevistados, somente uma aluna é considerada afrodescendente, que na pesquisa foi classificada como negra.

Outro dado importante para se verificar o perfil do aluno é a sua situação econômica e financeira, que se acredita ter relação na formação do capital social e capital humano dos indivíduos. Para tanto, foram construídas três questões que auxiliaram na busca de compreender a classe econômica na qual o aluno estava inserido, como se possuía casa própria, automóvel, região em que

morava. E, por último, neste quesito o fator renda. A primeira figura mostra a quantidade de alunos que têm casa própria:



Figura 08 - Gráfico mostrando os percentuais de alunos que possuem casa própria.

No quesito classe social, é preciso verificar o seu significado, isto é, os diferentes conceitos sociológicos que alimentam as análises desta área do conhecimento. No entanto, neste estudo limitou-se a considerar apenas o recorte econômico e social. TOMAZI (1993) mostra que existem diferenças entre os conjuntos de pessoas detentoras de capital social e capital humano que refletem as desigualdades do sistema capitalista. Conforme Bourdieu (1998^a), a classe dominante tem acesso à educação e cultura que intensificam as desigualdades provindas também das relações sociais, políticas e econômicas, gerando pobreza e acentuando ainda mais as desigualdades sociais.

No contexto econômico, o IBGE classifica a classe social pela renda familiar, calculada pela quantidade de salários mínimos que as pessoas recebem. Neste estudo procurou-se verificar a quantidade de salários mínimos que os alunos recebem, mas também os bens de consumo que detinham quando foi efetuada a pesquisa. E, assim, obtiveram-se os seguintes resultados: 48,33% possuem casa própria, 46,67% não e 5% não responderam. É notório que os financiamentos da casa própria cresceram no período de dez anos, possibilitando à classe social menos privilegiada condições de adquirir sua casa própria, mas ainda quase metade dos alunos não a possui e se entende que por meio do ensino superior, em um futuro próximo, os alunos estarão concluindo o seu curso e poderão adquirir o seu imóvel. Outro indicador de classe econômica é a aquisição de um veículo, conforme figura a seguir que

mostra os percentuais de estudantes que declararam possuir um veículo para sua locomoção e esses dados ajudarão no fator renda que auxilia verificar a classe econômica que o aluno está inserido:

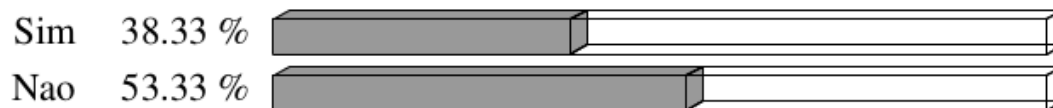


Figura 09 - Gráfico mostrando os percentuais de alunos que possuem automóvel.

Um pouco mais que a metade (53,33%) não possui automóvel, 38,33% possuem e 8,34% não foram possíveis quantificar. Esse resultado mostra como os alunos estão inseridos na classe média, pois quando o governo pretende acelerar a economia, buscando o crescimento econômico, promove financiamento de casas, veículos e eletrodomésticos. Há uma expansão nas políticas fiscais e monetárias, em virtude de o governo diminuir tributos (política fiscal expansionista) e aumentar as linhas de crédito (política monetária expansionista), resultando assim no aumento do consumo na promoção do crescimento e do emprego.

Outro contexto que auxilia saber qual a classe social a que os alunos pertencem é a região onde residem, as quais estão demonstradas a seguir:

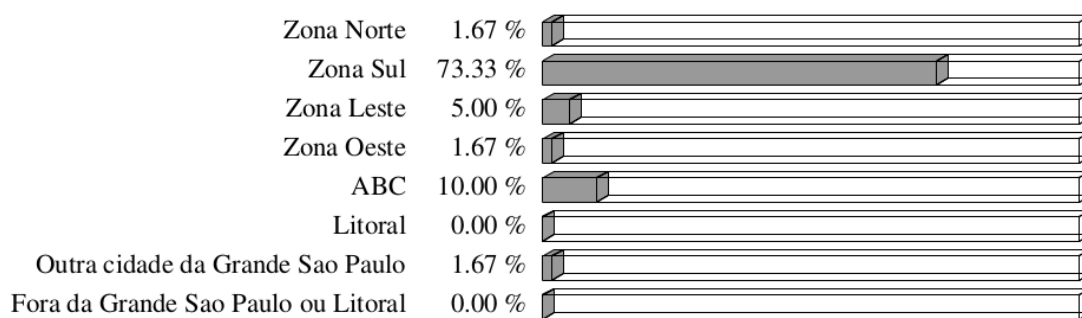


Figura 10 - Gráfico mostrando os percentuais de alunos que moram nas regiões de São Paulo.

Apesar de a pesquisa ser realizada em uma instituição de ensino localizada na região da Vila Mariana, considerada de classe média alta, 73.33% dos alunos do curso de Administração informaram que residem na zona sul da cidade de São Paulo, em virtude do local ser o trajeto entre a residência e o local

de trabalho, pois a maioria trabalha nas proximidades da instituição de ensino. Em segundo lugar, 10% dos alunos afirmaram residir no ABC que, apesar de ser outro município, é de fácil acesso para a Vila Mariana, visto que existe transporte acessível e, quando o aluno tem automóvel, o trajeto é curto. Tanto a Zona Norte como a Zona Leste e outra cidade da Grande São Paulo ficaram em terceiro lugar com 1,67% cada, mostrando que 5% dos alunos moram em regiões afastadas da instituição de ensino e 6,66% não responderam.

A zona sul da cidade de São Paulo é formada por bairros nobres, dentre os quais se destacam: Aclimação, Moema, Itaim, Vila Mariana, Ipiranga, Morumbi, Vila Nova Conceição e Vila Olímpia. No entanto, existem os bairros da periferia, onde residem oito alunos entrevistados, como por exemplo regiões do Cursino, Grajaú, Heliópolis, Parelheiros, Sacomã, Santo Amaro e Socorro.

Outro fator importante que auxilia na classificação da classe social é o fator investimento e renda, que é expresso pela quantidade de estágios que o aluno realizou e também pela faixa salarial composta pelo salário mínimo, conforme demonstrado na figura a seguir:

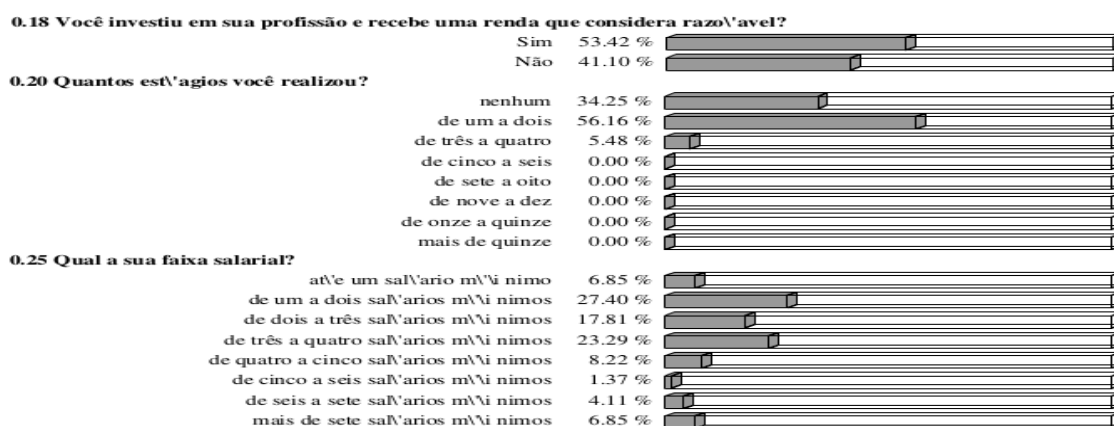


Figura 11 - Gráfico mostrando os percentuais de alunos que investiram na profissão, fizeram estágio e que recebem renda.

Perguntou-se ao aluno se ele investiu na profissão e recebe uma renda razoável; 53,42%, mais da metade dos alunos pesquisados, acreditam que recebem uma renda considerada razoável. No entanto, 41,10% dos alunos não recebem uma renda compatível com o esperado, 5,48% não foi possível

quantificar. Esse resultado possibilita o entendimento acerca da aquisição do capital humano, no tocante, a saber, fazer algo que tenha em troca uma renda.

Para completar o quesito renda, perguntou-se qual a faixa salarial que a renda do aluno se enquadra; 53,42% responderam que recebem um rendimento razoável, na faixa entre um a quatro salários mínimos e 4,1% não foram possíveis quantificar. Essa resposta ratifica que mais da metade dos alunos responderam que estão satisfeitos com o ganho que recebem e o investimento em capital humano está adequado.

Um fato importante é que, tanto na pesquisa como nas entrevistas, não foram detectados alunos desempregados, e sim um número reduzido de estudantes realizando funções incompatíveis com a profissão pertinente ao estudo realizado na instituição de ensino.

Uma maneira de treinamento e preparação para aquisição do capital humano dos alunos é o estágio. Os resultados mostram que 53,16% dos alunos realizaram de um a dois estágios, mas 34,25% dos alunos não realizaram nenhum estágio e 3,67% não foram possíveis quantificar. Verificou-se, nas entrevistas e conversando informalmente com os alunos, que os estágios são realizados para a faixa etária de 17 a 25 anos e também para os solteiros, com destaque para uma aluna que tem 21 anos, é casada e foi efetivada.

Para entender e compreender o perfil dos alunos foi realizada outra pergunta referente ao grau de instrução dos pais, que, segundo Coleman (1988), é um indicativo de capital social e capital humano que tende a influenciar as próximas gerações na família.

A seguir, o gráfico mostra o grau de instrução dos pais, que revelou que a maioria tem ensino médio completo, conforme se observa:

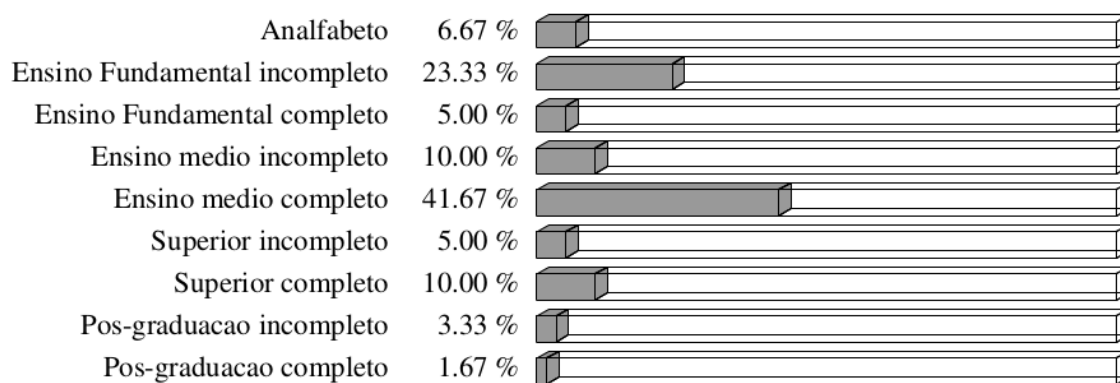


Figura 12 - Gráfico mostrando os percentuais de grau de instrução dos pais dos alunos

Apesar de o relatório da Fundação Dom Cabral mostrar que o Brasil está perdendo competitividade no mercado internacional em função de diversos fatores estruturais, com destaque para a incapacidade de inovar devido ao baixo nível da educação básica da população, que dificulta o crescimento do capital humano e social, Coleman (1990) e Bourdieu (1998) mostram que os pais têm uma probabilidade maior de inserir o capital humano e social na vida dos filhos e até ajudá-los no quesito superação. Por isso, considerou-se o grau de instrução dos pais dos alunos do curso de Administração, sendo que apenas 6,67% são analfabetos, 10% têm superior completo e 1,67% tem pós-graduação completo. A maioria tem ensino médio, sendo 41,67% completo e 10% têm ensino médio incompleto. Em número menor estão os alunos cujos pais têm apenas o ensino fundamental, com 5% completo e 23,33% incompleto.

Segundo Coleman (1990) e Bourdieu (1998), o capital humano dos pais tem grande possibilidade de repercutir nos filhos, porém os alunos concluintes do curso de Administração desejam o diploma do ensino superior pois, por meio desse aprendizado, eles poderão obter um capital humano diferente de seus pais. Existem relatos, conforme entrevista, em que o aluno é o primeiro membro da família a conseguir um diploma do ensino superior, o que eleva a motivação para adquirir capital humano e social diferentes de seus pais e até servir como referência para os demais membros da família.

Apesar de a instituição pesquisada ser confessional, não há resistência em aceitar alunos participantes de diversas religiões, conforme a figura:

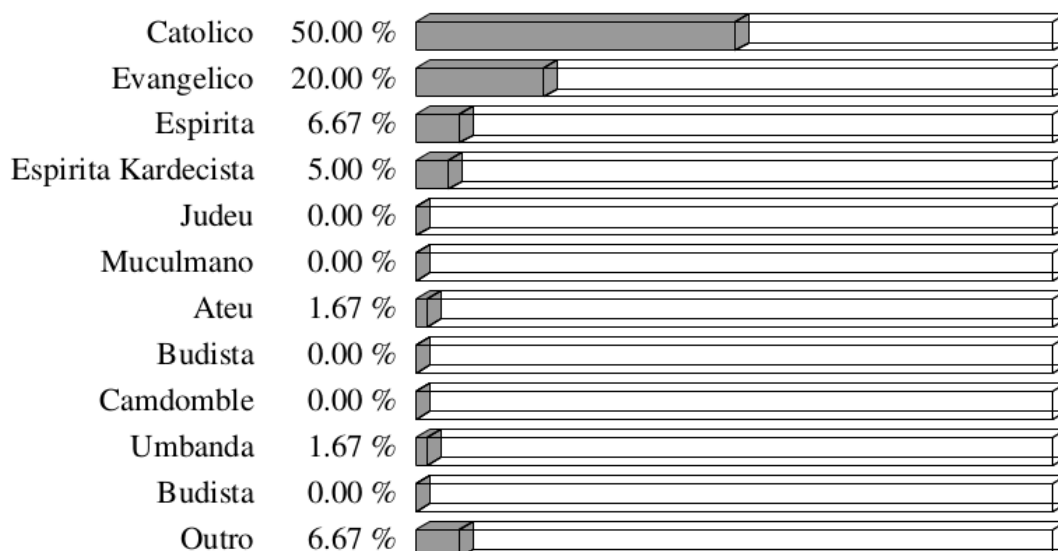


Figura 13 - Gráfico mostrando os percentuais das religiões dos alunos.

A metade dos alunos pesquisados assinalou que é da religião católica e 20% evangélico, fato que se deve destacar, apesar de ter tentado relacionar todas as religiões, ainda houve 6,67% que assinalaram “outro”, ou seja, outra religião que não estava na relação para escolha. Em terceiro lugar, 11,67% se intitularam ‘espírita’, 5% Kardecista e 6,67% espírita. Alunos que se consideram ateus totalizaram 1,67% e que participam da Umbanda, 1,67%. A importância dessas questões, no tocante à religião, contribui para mostrar o perfil do aluno, pois Putnam (1988), em suas pesquisas, verificou que a religião promove grupos de pessoas que têm propósitos em comum, mas se destaca a confiança nesse quesito para a formação de capital social. Existem trabalhos que evidenciam fatores positivos, derivando da religião, para que o indivíduo tenha um capital humano, resultando em uma carreira profissional promissora. (ANUATTI-NETO, NARITA, 2004).

4.2 Pesquisa Quantitativa

Para buscar uma relação significativa entre capital social e capital humano, conforme Coleman (1990), Putnam (1998) e Bourdieu (1998), referenciais teóricos deste estudo, com o objetivo de verificar a relação dos capitais, particularmente com os alunos concluintes do curso de Administração, realizou-se uma pesquisa quantitativa e qualitativa. Na pesquisa quantitativa, participaram oitenta e três trabalhadores, estudantes do último período do curso de Administração, com idade intervalar entre dezenove e trinta e cinco anos, sendo a maioria do sexo feminino, solteira e empregada. Os dados para o estudo foram coletados em salas de aulas de um centro universitário particular, situado na cidade de São Paulo, no segundo semestre de 2015, por meio de um instrumento autoaplicável, contendo uma medida intervalar de capital social com dezesseis itens, conforme a escala de *Likert*²¹, a qual foi escolhida para fazer parte deste estudo, devido à necessidade do nível de concordância dos alunos trabalhadores do curso de Administração acerca do capital social e do capital humano.

Essa escala é indicada para medir atitudes ou comportamentos de pessoas e muito utilizada no século XXI nas áreas de Ciências Sociais e comportamentais como psicologia e sociologia. Como o estudo não deseja dar ênfase a dados quantitativos, e sim promover interpretações e análise das pesquisas bibliográficas, quantitativas e qualitativas, respeitando o nível de complexidade que as Ciências Sociais requerem, será utilizada uma ferramenta intitulada SDAPS, que consiste em gerar questionário de avaliação e seus respectivos resultados, de uma maneira prática e objetiva, que se acredita ser pertinente a esse estudo.

O cuidado para escolha da escala e do programa de software é necessário para uma pesquisa dessa magnitude, pois como se trata de capitais

²¹ Desenvolvida por Rensis Likert em 1932, americano, professor de Sociologia e Psicologia. Diretor do Instituto de Pesquisas Sociais de Michigan.

intangíveis, no primeiro momento sendo considerado abstrato, porque visa a medir atitudes, relacionamentos, segurança, confiança, reciprocidade, ou seja, saber se relacionar e saber fazer, conforme Putnam (1998) e Schultz (1973), é pertinente que haja uma escala que seja compatível com o objeto de pesquisa, em que Silva Junior e Costa elucidam que as escalas no universo das Ciências Sociais e comportamentais, assim como em todas as outras ciências são alicerçadas em pressupostos particulares e desenvolvidas por modelos específicos. (2011, p. 04)

Segundo Costa (2011), apesar de existirem críticas a respeito da escala de *Likert*, no tocante à responsabilidade do pesquisado em responder de maneira correta, interpretando e analisando a questão antes de responder, a escala de *Likert* de fácil entendimento e manuseio, colabora com o pesquisador e pesquisado, por isso tem um diferencial que promove certa vantagem em detrimento a outras escalas e é pertinente a este tipo de pesquisa. Entretanto, são necessários certos cuidados quanto à aplicação do instrumento, pois o autor sugere que sejam questões condensadas e diretas, de forma que o respondente não fique exausto e não consiga ler atentamente. Por esses motivos, recomenda-se que as questões e as respostas estejam em apenas em uma folha. Apesar dos cuidados necessários, somente oitenta e três questionários foram validados dos noventa aplicados, pois sete formulários foram invalidados, devido ao preenchimento incorreto, por isso os valores numéricos não chegaram a cem por cento na sua totalidade.

O formulário está composto com questões, contendo uma medida intervalar de capital social com dezesseis itens, conforme a escala de *Likert*, uma de capital humano com nove questões, sendo duas para medir a dimensão experiência, cinco para aferir educação e duas para medir a renda. A coleta e a análise dos dados foram feitas com o uso da ferramenta SDAPS (BERG, 2015). A ferramenta consiste num software, que gera questionários de avaliação. A Figura 14 mostra um dos itens presentes no questionário.

0.1 Sinto-me seguro ao confiar na maioria das pessoas.

☐ Discordo totalmente
☐ Concordo

☐ Discordo
☐ Concordo totalmente

☐ Nem concordo, nem discordo

Figura 14 – Recorte do questionário utilizado na coleta dos dados, mostrando uma das questões de capital social.

Esses questionários foram impressos, entregues aos participantes para serem respondidos; posteriormente foram digitalizados com uso de um *scanner*. O quadro 4 mostra algumas das questões presentes no instrumento, bem como algumas possibilidades de resposta para o participante da pesquisa. O questionário completo é mostrado nos anexos do trabalho. As imagens dos questionários digitalizados foram submetidas ao software, que fez a leitura das respostas, gerando as estatísticas e percentuais dos dados.

Quadro 4

– Lista das questões e possibilidades de respostas presentes no questionário utilizado na pesquisa

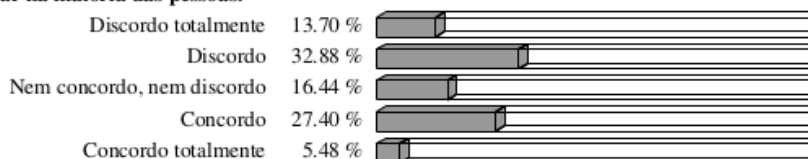
Questão	Respostas possíveis
Sinto-me seguro ao confiar na maioria das pessoas. Sinto-me seguro ao não confiar nas pessoas, pois todo cuidado é pouco. Sinto-me seguro ao confiar nas instituições privadas como sindicatos, ONG e igrejas. Sinto-me seguro ao confiar no governo.	Discordo totalmente Discordo Nem concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
Quanto tempo você tem de experiência de trabalho em setores administrativos de empresas públicas ou privadas?	Menos de um ano de um a dois anos
Você já concluiu algum curso de graduação?	Sim/Não

4.2.1 Resultados da pesquisa quantitativa

Os resultados revelaram que o capital social dos alunos daquela amostra do curso de Administração foi bem diversificado, possibilitando diversas interpretações e debates. Entretanto serão analisadas as redes de relacionamentos pautadas na confiança e reciprocidade da escala de capital social. Com relação ao capital humano, serão apresentados e interpretados os indicadores como experiência, educação e renda. A conclusão foi verificada, por exemplo, em relação às perguntas mostradas na Figura15: “Sinto-me seguro ao confiar na maioria das pessoas”; as respostas foram distribuídas, com destaque para discordo (32,88%) e concordo (27,40%), verificando assim a evidência de

um capital social significativo entre os alunos, apesar de se constatar que, quando somado, o percentual de discordo totalmente (13,70%) ao de discordo (32,88%), o resultado apresentado é maior que o percentual de concordo totalmente (12,33) somado ao de concordo (27,40%). No entanto, a segunda questão não ratifica a primeira questão. Na segunda questão, foi perguntado: “Sinto-me seguro ao não confiar nas pessoas, pois todo cuidado é pouco”, metade dos estudantes (50,68%) concordou com a afirmação.

0.1 Sinto-me seguro ao confiar na maioria das pessoas.



0.2 Sinto-me seguro ao não confiar nas pessoas, pois todo cuidado ainda é pouco.

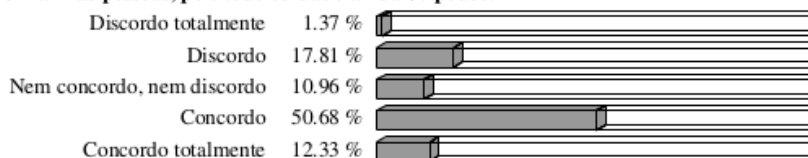


Figura 15 – Gráficos mostrando as duas primeiras perguntas do questionário.

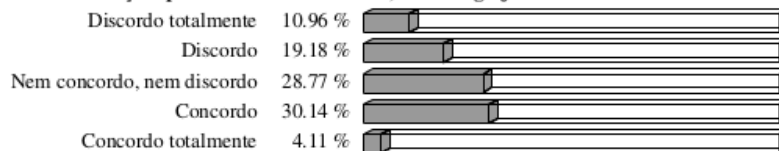
Verificando a totalidade das respostas da primeira questão, se somarmos os resultados dos alunos que discordam totalmente (13,70%) e discordo (32,88%), o resultado mostra que 46,58% dos alunos não confiam nas pessoas; ao passo que 32,88% (quando somado o percentual dos alunos que concordam—27,40%— aos alunos que concordam totalmente —5,48%) sentem-se seguros ao confiar nas pessoas.

Para Putnam (1995), a confiança é uma das características básicas para compor o capital social, visto que sua pesquisa, na região da Itália, mais precisamente nas regiões norte e sul, apresentou índices de confiança diferentes, impactando no capital social. Completando, Fukuyama (1996) acredita que a confiança é o fator primordial para que a prosperidade se concretize em uma sociedade, ela promove a cooperação e a partilha, mas, devido às circunstâncias econômicas e sociais que enaltecem o individualismo,

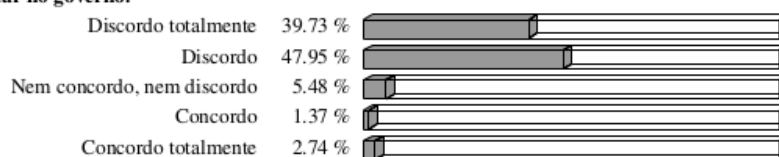
percebe-se, nesta pesquisa, que essas características estão escassas,—ao analisar as questões um e dois, porém, como foi visto ainda na questão dois, 19,18% (quando somado percentual discordo – 17,81% - ao percentual de discordo totalmente –1,37%) discordam da assertiva: sinto-me seguro ao não confiar nas pessoas, pois todo cuidado ainda é pouco.

As próximas três perguntas, mostradas na Figura 16, também buscam ratificar a confiança do participante. Na primeira delas, 34,25% (quando somados o percentual daqueles que concordam –30,14%—ao dos que concordam totalmente –4,11%) confiam nas instituições privadas como sindicatos, ONGs e igrejas. Já, na segunda pergunta a maioria, 87,68% (quando somado o percentual daqueles que discordam – 47,95% – ao dos que discordam totalmente – 39,73%) afirma que não confia no governo, mas 65,76% (quando o percentual daqueles que discordam – 35,62% – com o percentual dos que discordam totalmente – 30,14%) não concordam em não pagar impostos.

0.3 Sinto-me seguro ao confiar nas instituições privadas como sindicatos, ONG e igrejas.



0.4 Sinto-me seguro ao confiar no governo.



0.5 Sinto-me seguro a não pagar impostos.

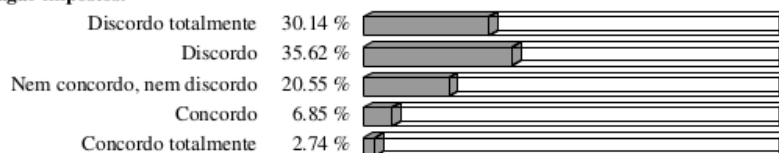


Figura 16 – Gráficos mostrando os percentuais das questões relacionadas à confiança em instituições e governo.

Ainda no segmento confiança, 76,72% não concordam em pegar o automóvel de um familiar sem pedir permissão (Figura 17). Isso diverge da

questão mostrada na Figura 15: “Sinto-me seguro ao confiar na maioria das pessoas”, uma vez que nela as respostas foram distribuídas, com destaque para discordo (32,88%) e concordo (27,40%).

0.7 Sinto-me seguro ao pegar o automóvel do meu familiar sem pedir autorização.

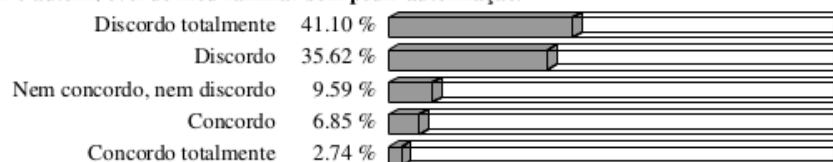


Figura 17 – Gráficos mostrando os percentuais de questão relacionada à confiança.

Outra divergência acontece com a segunda questão contida na Figura 15, em que há uma diferença de 13,71%, quando comparados o percentual da questão “Sinto-me seguro ao não confiar nas pessoas, pois todo cuidado é pouco” com a questão sobre o uso do automóvel: (76,72% - 63,01%), em que 46,58% concordaram com a afirmação. Entende-se, dessa forma, que quase a metade dos participantes da pesquisa não confia nas pessoas, refutando a segunda hipótese que é: o aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e pessoais que lhe concede um conhecimento para o trabalho e tem atitudes de confiança e reciprocidade.

Verifica-se que, nas questões observadas até o momento, a característica confiança foi destacada de diversas maneiras para se obter um resultado nesse quesito em relação aos alunos trabalhadores do curso de Administração, pois, segundo ABU-EL-HAJ (1999), para se conseguir a prosperidade, conforme sugere Fukuyama (1996), é necessário que o capital econômico e o capital humano sejam correspondentes no quesito investimento em educação e recursos materiais, mas é necessário o capital social para que um grupo tenha um desempenho satisfatório.

Com relação à reciprocidade que, segundo Putnam (1998), é outra característica importante para a composição do capital social, 45,21% concordam em devolver em dobro o que receberam, ou seja, relações de trocas; 24,66% nem concordam e nem discordam. Conforme Mauus (1974), a questão, a saber, é o que move as pessoas a dar, receber e retribuir, entretanto, observa-se que 21,92% dos alunos do curso de Administração discordam, ou seja, não têm atitudes de reciprocidade. (Figura 18). Essa resposta confirma, em parte, a segunda hipótese da pesquisa: o aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais que lhe concede um conhecimento para o trabalho e tem atitudes de confiança e reciprocidade;

0.8 Sinto-me seguro nas relações de troca. Quando recebo algo, sempre devolvo em dobro.

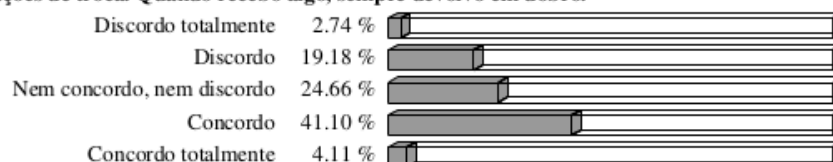


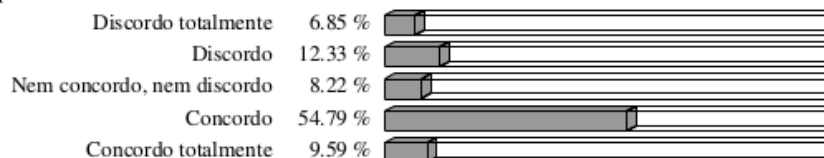
Figura 18 – Gráficos mostrando os percentuais de questão relacionada à reciprocidade.

Estabelecendo-se um paralelo com as respostas da figura 18 acerca da reciprocidade e, para tentar responder a questão de Mauus (1974), na entrevista, ao ser perguntado: “Quando você recebe algo positivo, procura devolver na mesma proporção, ou acredita que o universo irá devolver?”, seis alunos responderam que sim, procuram devolver na mesma proporção, pois é uma preocupação pessoal; outro disse que “o que foi bom para gente tem que desejar para o próximo”. Os quatro demais alunos disseram que depende e varia muito e nem sempre, “mas quando o assunto é negócio é preciso devolver na mesma proporção”.

Como mostrado na Figura 19, no tocante às relações de amizade, 64,38% (quando somado o percentual daqueles que concordam – 54,79% – ao dos que concordam totalmente – 9,59%) informam que suas amizades são presenciais e confiáveis; 38,36% discordam em ter mais amizades virtuais e não confiáveis e 24,66% concordam em ter mais amizades virtuais e não confiáveis. Esses resultados confirmam, em parte, as segunda e terceira hipótese deste estudo: o

aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e pessoais que lhe concede um conhecimento para o trabalho e tem atitudes de confiança e reciprocidade; o aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e pessoais que lhe proporciona mostrar o seu capital humano.

0.9 Tenho muitas amigas presenciais e confiáveis.



0.10 Tenho muitas amigas virtuais e não confiáveis.

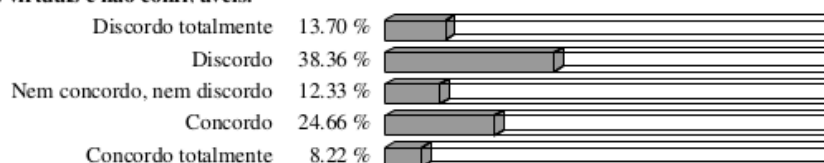


Figura 19- Gráficos mostrando os percentuais das questões relacionadas à amizade dos participantes da pesquisa.

Diante desses resultados, quando se procura identificar o nível de amizade para verificar a confiabilidade, verifica-se que os resultados diferem das questões um e dois, contidas na figura 15, em que a maioria – 46,58% (discordo totalmente– 13,70% e discordo– 32,88%) não confia, ao passo que 64,38% (concordo– 54,79% e concordo totalmente – 9,59%) têm muitas amigas presenciais e confiáveis. Neste estudo, foi perguntado sobre a amizade para verificar a confiabilidade, pois, para ABU-EL-HAJ (1999), a cooperação e partilha definem o grau de confiança. Sendo verificado pela questão “*tenho muitas amigas presenciais e confiáveis*”, para autores como Coleman (1990) e Fukuyama (1996) é a característica principal do capital social. Cunha²², no seu artigo, relata:

Dessa forma, Francis FUKUYAMA (1996), inspirado em James COLEMAN (1990), o pioneiro na utilização do conceito de capital social, define este tipo de capital, como sendo (...) a capacidade de as pessoas trabalharem em conjunto, em grupos e organizações que constituem a sociedade civil, para a persecução de causas comuns

²²CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. Confiança, capital social e desenvolvimento territorial. Revista RA'EGA, Curitiba, n. 4, pp. 49-60. 2000. Editora da UFPR 53.

(FUKUYAMA, 1996, p. 21-22). A questão central é a capacidade de associação dos membros das diversas sociedades e comunidades, algo que (...) depende do grau de partilha de normas e valores no seio de comunidades e da capacidade destas para subordinarem os interesses individuais aos interesses mais latos dos grupos. (FUKUYAMA, 1996, p. 22). Ou seja, depende fundamentalmente do grau de confiança dos membros de uma comunidade entre si. Nesses termos, pode-se afirmar que a confiança nasce desta partilha de valores e tem como veremos um vasto e mensurável valor econômico (CUNHA, 2000, p 54).

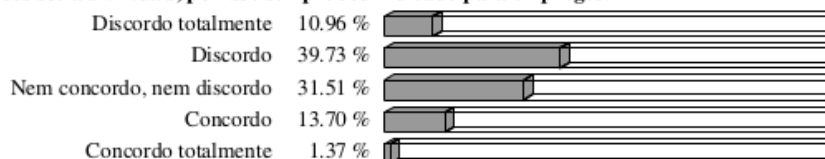
Observa-se que o autor retrata etapas em que Coleman (1990) e Fukuyama (1996) convergem na capacidade de grupos de pessoas para conseguir o capital social, por meio de associações que têm o mesmo propósito em beneficiar o grupo. A confiança é um atributo importante para que esse grupo tenha também reciprocidade e essas características podem ser mensuráveis em valor econômico.

Continuando com a análise, as questões 11 e 12, contida na figura 20, mostra que apenas 15,07% (quando somado o percentual daqueles que concordam – 13,70% – aos dos que concordam totalmente – 1,37%) concordam que participam das redes sociais virtuais e por isso são indicados para empregos. Porém, 57,54% (quando somado o percentual daqueles que discordam – 41,10% – ao dos que discordam totalmente – 16,44%) discordam quando a pergunta foi: participo de todas as redes sociais virtuais, porém não consigo um emprego adequado. Esses resultados mostram uma disparidade entre as respostas às duas questões, sugerindo um entendimento equivocado de alguma delas e/ou a ideia de que o fato de conseguirem um emprego adequado não decorre de indicações provenientes de amigos virtuais. (Figura 20).

Esse fato ratifica que, para haver o capital social, os fatores amizades e confiança são imprescindíveis para adquirir o capital humano que, segundo Schultz (1973), os indivíduos detêm conhecimento, habilidade e atitude para realizar as suas tarefas e receber uma determinada renda, que o mantém. Entretanto, é necessário ter capital social para divulgar o que o indivíduo sabe

fazer e este, segundo Putnam (1988), forma grupos com propósitos semelhantes. Com esse resultado, a terceira hipótese do estudo está confirmada, pois o aluno pode mostrar o seu capital humano por meio do trabalho. O aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e pessoais que lhe proporciona mostrar o seu capital humano.

0.11 Participo de todas as redes sociais virtuais, por isso sempre sou indicado para empregos.



0.12 Participo de todas as redes sociais virtuais, por'ém, não consigo um emprego adequado.

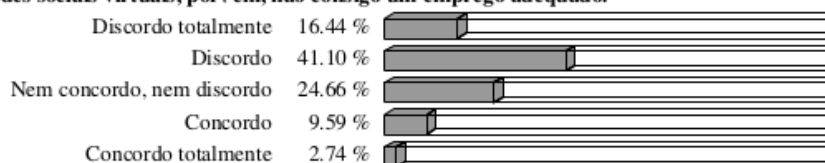


Figura 20- Gráficos mostrando os percentuais das questões relacionadas à participação em redes virtuais e desdobramentos relacionados a emprego dos participantes da pesquisa.

As questões 11 e 12 auxiliam a concretizar o objetivo, visando a relacionar o capital social com o capital humano, pois se acredita que a participação em redes sociais contribui para conseguir um emprego, desde que o indivíduo seja detentor de capital humano. Apesar de na primeira questão a maioria dos alunos discordarem da assertiva, na questão posterior (12), eles discordam também da assertiva negativa em proporção maior, promovendo o entendimento de que as redes sociais virtuais auxiliam na busca de um emprego adequado.

A Figura 21 também tem o intuito de indicar a relação do capital social com o capital humano. Ela mostra que 52,05% concordam e 12,33% concordam plenamente que gostam do trabalho e por isso têm muitos colegas e amigos. Esse resultado confirma, quando Coleman (1988) acredita que o capital social e o capital humano são complementares, devido às pessoas habitarem em um contexto social em que existem normas, confiança interpessoal, redes sociais e

organizações sociais que são importantes para o funcionamento da sociedade e da economia. Putnam (2002), no mapa da Itália, relata a importância da civilidade para a formação do capital social, neste sentido a próxima questão.

0.13 Gosto do meu trabalho, por isso tenho muitos colegas e amigos.

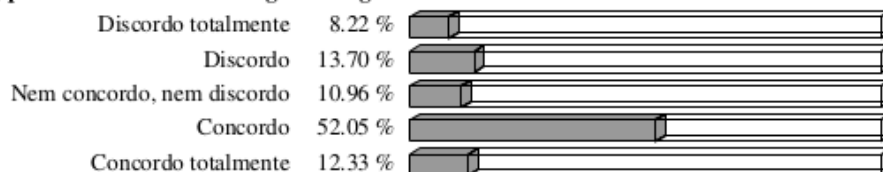
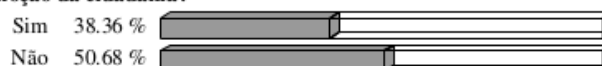


Figura 21 - Gráficos mostrando os percentuais da questão que relaciona o capital social com o capital humano.

Putnam (2002) também identifica a relação entre capital social e capital humano principalmente quando se refere às associações e mostrou, por meio do mapa da Itália, nas regiões que têm civilidade, as associações são pró-ativas, alicerçadas na confiança e na reciprocidade, evidenciando aspectos éticos. Por esse motivo, foi elaborada a questão sobre ética em que, 84,93% dos alunos responderam que têm atitudes de cidadania e se preocupam com a coletividade. No entanto, apenas 38,36% já realizaram atividades referentes à promoção da cidadania. Putnam (2002) verificou que uma das diferenças entre as regiões norte e sul da Itália é a cidadania, em que uma região que tem civilidade tem um capital mais acentuado do que a região que não tem (Figura 22).

0.19 Você já realizou atividades referentes à promoção da cidadania?



0.6 Tenho atitudes de cidadania, pois me preocupo com a coletividade.

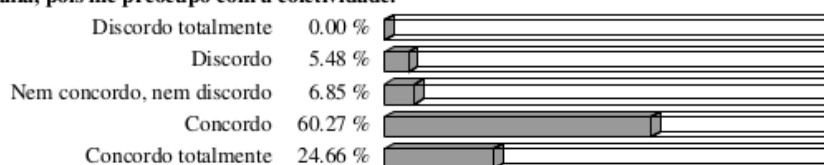


Figura 22 - Gráficos mostrando os percentuais das perguntas relacionadas à questão ética.

A questão contemplando aspectos de cidadania se faz presente, pois é uma característica importante do capital social, a preocupação com o coletivo, conforme elucida Matos (2009), quando mostra nas condições e contexto de

emergência para a criação do capital social positivo, as condições para o fortalecimento político dos cidadãos são ratificadas. Entretanto, neste estudo não foi explorada, devido às limitações.

Conforme figura 23, em relação ao capital humano, os resultados mostraram que os alunos detinham, na maioria, de três a seis anos de experiência de trabalho. Apenas 17,81% deles tinham nove ou mais anos de experiência em empresas. De acordo com Coleman (1988), na década de 70 e 80, em geral as pessoas que apresentam uma estabilidade de anos em apenas uma empresa. Esse contexto é diferente no século XXI, em que as empresas, segundo Rifkin (1995) e Chiavenatto (2008), preferem profissionais com experiência em várias organizações e atividades.

0.14 Quanto tempo você tem de experiência de trabalho em setores administrativos de empresas p'ublicas ou privadas?

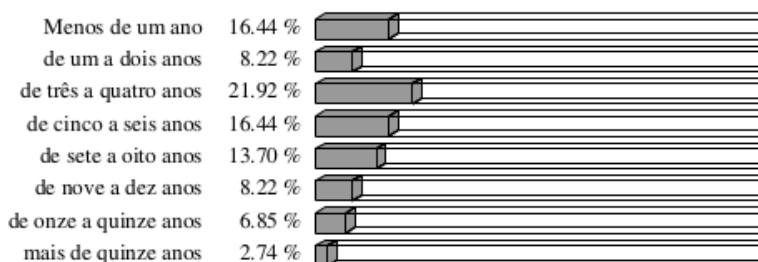


Figura 23- Gráficos mostrando os percentuais da experiência de trabalho dos participantes da pesquisa.

Três a quatro anos de experiências foram assinalados pelos alunos- 21,92% que trabalharam em setores administrativos. No entanto, segundo Chiavenatto (2008), quando o tempo de trabalho é maior que um ano, a probabilidade de aquisição no tocante ao conhecimento, habilidade e atitude é maior.

Quanto à dimensão “educação” do capital humano, a maioria (83,56%) não havia concluído nenhum curso de graduação, mas 60,28% se dedicam aos estudos há mais de treze anos, apesar de uma parcela significativa de alunos não entenderam a questão, devido ter mínimo 12 anos de estudos. Entretanto 34,25% revelaram que não conseguem escrever um texto na mesma proporção em que se comunicam. Neri (2000) mostra, por meio dos estudos do IPEA, que

o fator “anos de estudos” é a variável mais importante, quando busca explicar a pobreza, principalmente na tentativa de conseguir programar políticas públicas e sociais, ao analisar a composição do capital social e do capital humano.

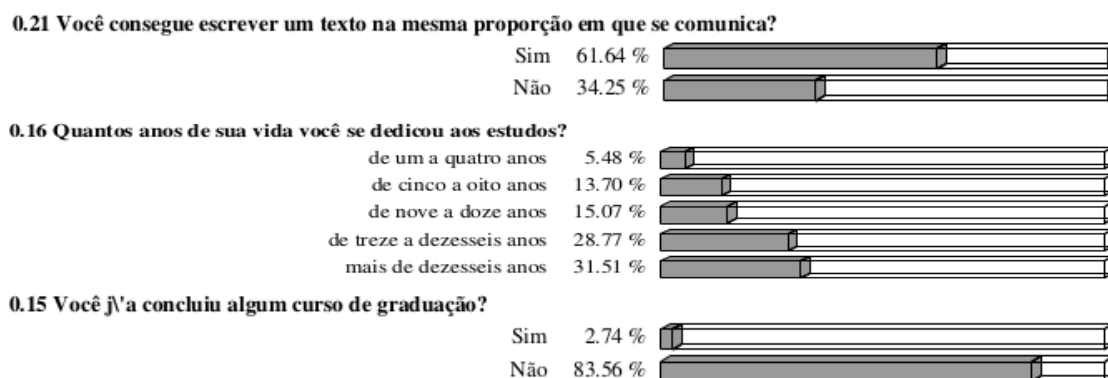


Figura 24 - Gráficos mostrando os percentuais das perguntas relacionadas à educação dos participantes da pesquisa.

Na dimensão investimento na profissão (capital humano), a maioria, 53,42%, investiu na profissão e recebe uma renda razoável e 56,16% realizaram de um a dois estágios. No entanto, 27,40% informaram que sua faixa de renda está localizada de um a dois salários mínimos e 23,29%, de três a quatro salários mínimos.

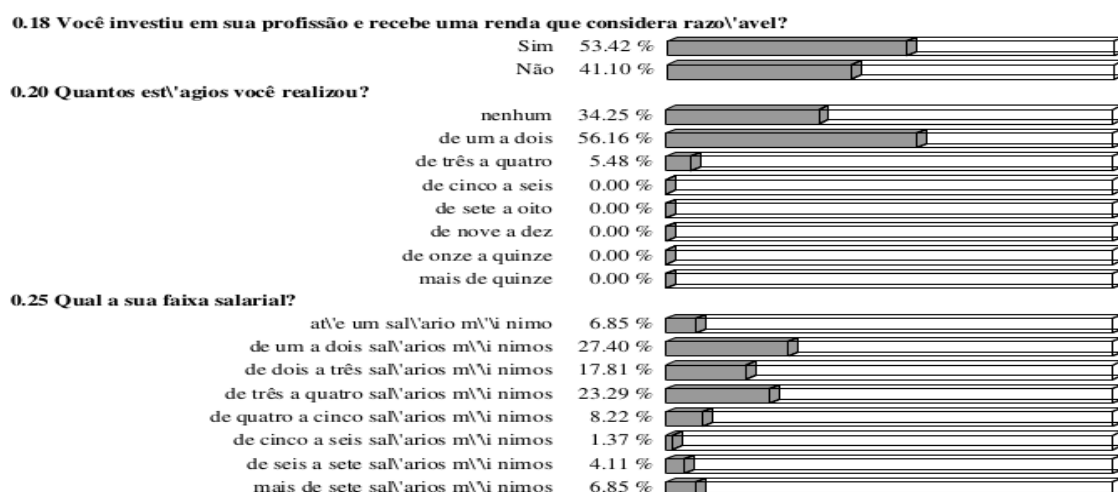


Figura 25- Gráficos mostrando os percentuais das perguntas relacionadas ao investimento na profissão dos participantes da pesquisa.

Para obtenção do conhecimento, habilidade e aptidão é necessário investir e o resultado mostra que mais da metade dos alunos estão investindo e se dizem satisfeitos, quando a resposta é que estão recebendo uma renda razoável, mas como são alunos concluintes do curso de Administração, o investimento ainda continua, podendo receber uma renda até maior.

4.3 Pesquisa Qualitativa - Entrevistas

Para completar a pesquisa, utilizou-se a entrevista semiestruturada, cujas questões foram elaboradas para dar conta da pesquisa quantitativa. A entrevista é uma técnica que visa a coletar e interpretar dados diretamente com um indivíduo que faz parte do objeto do estudo. Optou-se por uma entrevista informal, para possibilitar descontração do aluno. Gil (2008) a recomenda como instrumento para trabalhos exploratórios, cujo objetivo é descrever realidades, como, no caso, a relação entre o capital social e o capital humano, pois, segundo o autor, pode promover uma aproximação do problema a ser pesquisado; no entanto, é preciso que o pesquisador tenha a capacidade de fazer uma boa análise das respostas.

A entrevista, para Yin (2005), serve para obter informações do entrevistado e obter resultados eficientes, não tendo influências interpessoais. Para o autor, o pesquisador precisa ter um protocolo para fazer suas perguntas que consideram importantes, pois essas questões se voltam para o lado humano e podem sofrer más consequências com suas elaborações inadequadas e com análises imprecisas; essas recomendações são pertinentes às questões referentes à relação entre o capital social e o capital humano.

A entrevista semiestruturada deste trabalho foi realizada com 10 alunos trabalhadores do curso de Administração e tem como objetivo responder o problema de pesquisa e confirmar ou refutar as hipóteses elaboradas. Para tanto, houve um cuidado minucioso para que ocorresse uma relação e

complementação das questões elaboradas na pesquisa quantitativa, conforme será possível observar:

Quadro 5 - Lista das questões para entrevista da pesquisa

- 1) Você já ouviu falar em capital social? Se sim, o que significa?
- 2) Você tem uma rede de relacionamentos de contatos mais presenciais (materiais) ou virtuais?
- 3) Você confia nas redes de relacionamentos? Por quê?
- 4) A rede de relacionamentos lhe proporcionou conseguir um emprego ou trabalho?
- 5) Quando você recebe algo positivo procura devolver na mesma proporção, ou acredita que o universo irá devolver?
- 6) Você já ouviu falar em Capital Humano? Caso positivo explique.
- 7) Você acredita que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano?

Fonte: Elaborada pela autora

Aluna A

A faixa etária da aluna A é entre 26 e 30 anos, solteira, cor da pele é branca, não tem casa própria, mas tem veículo. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda adequada. Não realizou estágio e sua faixa salarial é de três a quatro salários mínimos. O grau de instrução dos seus pais é ensino fundamental incompleto. Sua religião é católica. A primeira questão consiste em saber, se a aluna conhece o termo capital social; ela respondeu que se refere a relacionamentos sociais. Em seguida, apresentou-se o conceito para continuar a entrevista e realizar a próxima pergunta. Por se tratar da escolha profissional e pessoal, a aluna tem uma rede de relacionamentos materiais, pois somente na instituição de ensino ela teve mais acesso à rede de relacionamentos virtuais. Ela confia nas redes de relacionamentos, em virtude de

serem formadas por pessoas restritas e idôneas. No caso das redes de relacionamentos virtuais, tem contatos com alunos e amigos do trabalho, portanto ela confia devido às amizades serem selecionadas. Em seguida, perguntou-se se a rede de relacionamentos lhe proporcionou conseguir um emprego ou trabalho. Informou que são méritos dela, no entanto *“se sabemos nos relacionar com os semelhantes fica mais fácil”*. Quando você recebe algo positivo procura devolver na mesma proporção, ou acredita que o universo irá devolver? *“Acredito que Deus vai prover, pois não existe salvação sem a caridade e a solidariedade”*. Em seguida, foi feita a seguinte questão: “Você já ouviu falar em capital humano? Caso positivo, explique”. A aluna disse que sim, afirmando que é o conhecimento da pessoa. Foi apresentado o conceito de acordo com a matéria Gestão do Conhecimento, ministrada na disciplina Teoria da Administração Contemporânea II, acerca do significado do conhecimento, habilidade e atitude. Para realizar a última pergunta, que consiste em saber se os relacionamentos ajudaram na composição do seu capital humano, ela disse que sim, pois as experiências vividas são aprendizados que constroem o capital humano.

Aluna B

O perfil da aluna B difere da aluna A com relação à faixa etária, que está entre 21 e 25 anos, solteira, sua cor de pele é parda, não tem casa própria e nem automóvel. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda razoável. Realizou um estágio e sua faixa salarial está em torno de dois a três salários mínimos. O grau de instrução de seus pais é ensino médio incompleto. Disse que pratica a religião católica. A aluna ouviu falar em capital social e disse que se refere à sociedade; ficou um pouco insegura em conceituar. Quando foi perguntado sobre se a sua rede de relacionamentos de contatos era mais presencial ou virtual, a aluna respondeu que *“infelizmente”* era mais virtual; foi indagado o porquê do *“infelizmente”* e a aluna informou que a impessoalidade dificulta a confiança. A próxima pergunta que se trata de verificar a confiança, a qual foi complementada com a segunda questão, mostrou que a discente não confia nas redes de contatos virtuais, mas quando se trata de rede de relacionamentos materiais *“podemos nos conectar olho a olho, verificar a reação*

das pessoas”. Com relação à questão sobre se a rede de relacionamentos lhe proporcionou conseguir um emprego ou trabalho, a aluna B disse que sim, pois foi por meio de um site de empregos (Catho) que ela conseguiu estar atualmente trabalhando. Na quinta questão, que se refere à reciprocidade, a aluna disse que quando recebe algo positivo procura retribuir na mesma proporção. Na sexta questão, quando foi perguntado se conhecia o conceito de capital humano, ela disse que sim, mas não lembrava o conceito. Na última questão, quando se perguntou se a rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano, em que o entrevistador falou sobre o conceito, a aluna disse que sim, pois recebeu muitos conhecimentos e experiências que ajudaram na formação do capital humano.

Aluna C

A aluna C ouviu falar em capital social, mas não se lembra do conceito. Sua faixa etária está entre 26 e 30 anos, casada, raça negra, não tem casa própria e nem automóvel. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda razoável. Não realizou estágio e sua faixa salarial está em torno de dois a três salários mínimos. Seus pais são analfabetos, religião católica. Ela tem uma rede de relacionamentos metade virtual e metade física. Disse que nem todas as redes são confiáveis. *“Tem pessoas que não demonstram ser confiáveis e então eu não confio”*. Ela disse que o local de trabalho em que atua foi conseguido por meio de uma indicação de conhecido. Foi formulada a seguinte questão: *“Quando você recebe algo positivo procura devolver na mesma proporção, ou acredita que o universo irá devolver?”*. *“Nem sempre, somente quando a pessoa necessita, pois podemos dar a mão e a pessoa ficar dependente, precisamos ter cuidado”*. A aluna ouviu falar em capital humano, mas no momento não lembrava o conceito. Ela acredita que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano, *“porque a cada dia nós vamos aprendendo, as pessoas passam experiências”*.

Aluna D

A aluna D já ouviu falar em capital social, mas não conseguiu conceituar corretamente, dizendo que se refere à renda pública. Sua faixa etária, que está entre 31 e 35 anos, casada, sua cor de pele é parda, tem casa própria, mas não tem automóvel. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda razoável. Realizou um estágio e sua faixa salarial está em torno de dois a três salários mínimos. Sua religião é evangélica. O grau de instrução de seus pais é ensino médio incompleto. Ela tem uma rede de relacionamentos físicos e disse confiar nela, porque existe reciprocidade de uma boa parte. Também informou que a rede de relacionamentos lhe proporcionou conseguir um emprego, pois foi por indicação de colegas de turmas na graduação que ela conseguiu os dois últimos empregos. No quesito reciprocidade, quando a aluna recebe algo positivo procura devolver na mesma proporção, é uma preocupação pessoal. O conceito de capital humano é conhecido, pois a aluna conseguiu falar sobre ele. Declarou que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano, porque por meio das vivências e experiências trocadas com essas pessoas, ela aprendeu atividades que contribuíram para o seu capital humano.

Aluno E

A idade do aluno E está na faixa entre 36 e 40 anos, que corresponde a 6,67% dos alunos pesquisados; solteiro. A cor de pele é branca tem casa própria e automóvel. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda razoável. Realizou um estágio e sua faixa salarial está em torno de quatro a cinco salários mínimos. O grau de instrução de seus pais é ensino médio incompleto. A religião é católica. O aluno já ouviu falar em capital social e disse que o capital social rege a sociedade. Foi perguntado se ele tem uma rede de relacionamentos de contatos mais presenciais (materiais) ou virtuais. O aluno disse que tem as duas redes de relacionamentos. O aluno confia nas redes de relacionamentos, quando têm o mesmo propósito, pois nem todas as pessoas têm o espírito de equipe. Disse que, em 99% das pessoas, ele não confia. *“A rede de relacionamentos me proporcionou conseguir um emprego, pois o meu*

trabalho atual foi indicação devido ao relacionamento". Quando você recebe algo positivo procura devolver na mesma proporção, ou acredita que o universo irá devolver? *"Depende, referente a negócio sim, procuro devolver na mesma proporção. No entanto, caridade e ajuda não procura receber recompensa. Deus conspira e no momento certo vai acontecer"*. O aluno ouviu falar em capital humano e disse que são recursos do ser humano que podem oferecer mão de obra. Disse não acreditar que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano, pois o esforço é dele, ou seja, 99%. *"As pessoas não querem estar por baixo"*.

Aluna F

A aluna F nunca ouviu falar em capital social. Sua faixa etária está entre 26 e 30 anos, é solteira, sua cor de pele é branca, não tem casa própria, mas tem automóvel. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda razoável. Realizou um estágio e sua faixa salarial está em torno de quatro a seis salários mínimos. O grau de instrução de seus pais é ensino médio completo. Participa da religião evangélica. Ela tem uma rede de relacionamentos com grupos de estudos internacionais e outros contatos físicos mais informais com diversos assuntos. Confia em vários tipos de relacionamentos. Como exemplo, citou os relacionamentos profissionais, pois as pessoas não trabalham sozinhas, precisam delegar tarefas; sem confiança, não é possível realizar este trabalho. A rede de relacionamentos lhe proporcionou conseguir um emprego, pois o emprego atual veio por meio de uma indicação devido a amizades que conquistou, enquanto frequentava um determinado local, e está no trabalho desde então. Quando recebe algo positivo procura devolver na mesma proporção, ou acredita que o Universo irá devolver? Ela respondeu que varia muito para cada pessoa. Tem gente que pratica reciprocidade de todo o coração, outras pessoas, mesmo tendo condições de praticar a reciprocidade, colocam obstáculos para não fazer. A aluna ouviu falar em capital humano e disse que é a capacidade de conhecimento e competência que favorece a realização do trabalho. Ela acredita que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano; citou o grupo de estudo de

que faz parte e com o qual se reúne constantemente para estudar, trocar ideias, acrescentar e compartilhar experiências.

Aluno G

O aluno G já ouviu falar em capital social e disse que é o capital da sociedade e trabalhos realizados, também informou que tem as duas redes de relacionamentos, ou seja, virtual e material. Com relação à confiança nos relacionamentos, disse que depende na rede de relacionamentos; a de colegas ele não confia. Na rede de relacionamentos de amigos ele confia apenas em 20% e que estes lhe proporcionaram conseguir um emprego, pois, quando prestou serviços na Nestlé, foi indicado para prestar serviços em Ribeirão Preto e depois em São Paulo. A resposta da quinta questão foi: *“Quando o assunto é negócio é preciso devolver na mesma proporção. No entanto, caridade e ajuda não procuram receber recompensa.”* Ele ajuda em uma associação espírita e, antes de conhecer o kardecismo, tinha outra visão da doutrina espírita. O aluno ouviu falar em capital humano e fez confusão com o capital social, pois disse que se refere aos relacionamentos, em seguida informou que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano, pois a instituição de ensino na qual ele estuda, foi indicação; o resto foi esforço dele. A faixa etária do aluno está entre 21 e 25 anos, casado, sua cor de pele é parda, não tem casa própria e nem automóvel. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda razoável. Realizou um estágio e sua faixa salarial está em torno de três a quatro salários mínimos. O grau de instrução de seus pais é ensino médio completo.

Aluna H

Sua faixa etária que está entre 26 e 30 anos, solteira, sua cor de pele é branca, tem casa própria e não tem automóvel. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda razoável. Realizou um estágio e sua faixa salarial está em torno de dois a três salários mínimos. O grau de instrução de seus pais é ensino médio completo, sua religião é católica. A aluna H ouviu falar em capital social e disse que é a composição do salário da sociedade. A aluna disse que, no mundo de hoje, é necessário ter os dois relacionamentos, pois, às vezes, mesmo sendo vizinho ou estando próximo das pessoas como famílias, vizinhos, é preciso manter contatos, mesmo sendo virtuais (mandar um oi). Com relação à confiança nos relacionamentos, a aluna disse que depende, justificou dizendo *“se você tem um laço forte com a pessoa, sim, pois você confia na pessoa. Você conquistou a amizade durante um tempo”*. A rede de relacionamentos lhe proporcionou conseguir um emprego, *“porque quando estamos disponíveis devemos informar a todos, nem que seja por meio de um grupo como o do WhatsApp”*. Quando a aluna recebe algo positivo procura retribuir na mesma proporção, principalmente no trabalho. Quando recebe uma vaga de emprego procura socializar. Relatou sobre um tratamento de que o pai necessitava e que, por meio de um cadastro que indicaram, ela conseguiu os medicamentos. A aluna nunca ouviu falar em capital humano. Depois que foi explicado o conceito de capital humano, a aluna disse não acreditar que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano; justificou dizendo que o que conseguiu foi por meio do trabalho e do ensino superior, pois adquiriu conhecimento que ninguém pode tirar.

Aluna I

A aluna já ouviu falar em capital social, mas não conseguiu conceituar corretamente; disse que se refere à contabilidade. Ela informou que tem uma rede de relacionamentos materiais, no entanto não confia na maioria dos relacionamentos, apenas 10%, pois se declarou *“cismada”*, pois não tem confiança nas pessoas. Uma vez que a pessoa *“pisou na bola”*, não há outra

chance de relacionamentos de confiança. Tem um certo bloqueio. Por outro lado, a rede de relacionamentos lhe proporcionou conseguir um emprego, pois foi por indicação. No contexto reciprocidade, quando a aluna recebe algo positivo procura devolver na mesma proporção, pois *“o que foi bom para a gente tem que desejar para o próximo”*. A aluna ouviu falar em capital humano, mas não se lembrado conceito. Informei que no 8º semestre do curso, na disciplina Administração Contemporânea, é abordado na gestão do conhecimento. Ela acredita que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano, porque, por meio deles, conseguiu alcançar os objetivos e tem até uma renda extra devido ao capital social. A faixa etária da aluna é acima de 40 anos, casada, católica, raça branca. A aluna tem casa própria e automóvel. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda razoável. Não realizou estágio e sua faixa salarial está em torno de seis a sete salários mínimos. O grau de instrução de seus pais é ensino médio completo.

Aluno J

A faixa etária do aluno J está entre 21 e 25 anos, solteiro, sua cor de pele é branca, seus pais estão em processo de separação, por esse motivo está indefinido se possui ou não casa própria; tem uma moto. Reside na zona sul, investiu na profissão e recebe uma renda razoável. Realizou um estágio e sua faixa salarial está em torno de três a quatro salários mínimos. O grau de instrução de seus pais é ensino superior completo. O aluno já ouviu falar em capital social, mas disse que é igual à capital humano. A rede de relacionamentos do aluno é material, porém ele confia nos relacionamentos em parte, desconfiando, talvez por decepções e experiências passadas, mas a rede de relacionamentos lhe proporcionou conseguir ser efetivado no atual emprego. Com relação à reciprocidade, o aluno acredita que deve devolver na mesma proporção. O aluno ouviu falar em capital humano e disse que são as pessoas, empresas, ou seja, seus funcionários. Ele acredita que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano, pois *“tudo que vivemos é um aprendizado. As pessoas que nós conhecemos acabam nos ensinando alguma coisa, mesmo sem querer”*.

4.3.1 Resultados da Pesquisa Qualitativa

Com relação ao perfil levantado dos alunos, a pesquisa converge para a abordagem quantitativa, devido à maioria dos alunos estar na faixa etária entre 21 a 35 anos. Três alunas e um aluno são casados, os demais são solteiros. Na pesquisa quantitativa, 65% dos alunos são solteiros; 21,67%, casados e 5%, outros. A maioria da raça branca e parda e somente uma aluna da raça negra.

As respostas da primeira questão, referentes ao conhecimento sobre o conceito de capital social, revelaram que nove dos entrevistados conheciam o termo, quatro conceituaram incorretamente e somente uma aluna não conhecia o termo. Com relação à segunda questão: “Você tem uma rede de relacionamentos de contatos mais física ou virtual?”. Cinco alunos disseram que têm um círculo de amizade mais presencial, e não virtual, e outros quatro enfatizaram que é necessário ter as duas redes de relacionamentos. Somente um aluno informou que tem uma rede de amizades mais virtual. Na terceira questão, em que foi perguntado aos alunos do curso de Administração sobre a confiança nos relacionamentos e por que, as respostas foram diversas, mas a maioria afirmou dependem do tipo de relacionamento; se for virtual, uma aluna foi enfática ao dizer que não confia. Nos relacionamentos presenciais, em que existe o chamado “olho no olho”, a maioria (oito) confia, mas existem ressalvas como: confia desconfiando, confia em parte, depende do laço forte, ou seja, se é amigo sim, confia; se é colega, é preciso ter cuidado; as pessoas precisam demonstrar sinceridade para haver confiança. Os demais alunos alegaram que é preciso ter o mesmo propósito e espírito de equipe; no entanto, não confiam em 99% das pessoas, e outra aluna, no mesmo sentido, confia somente em 10% das pessoas, pois se declarou cismada e com bloqueios para acreditar nas pessoas.

A questão quatro tem a finalidade de relacionar o capital social com o capital humano, pois questiona se a rede de relacionamentos ao entrevistado

conseguir um emprego ou trabalho. Todos confirmaram que o emprego em que estão atualmente foi obtido devido a indicações de amigos, colegas, ou seja, das redes de relacionamentos. Esse resultado confirma, em parte, a segunda hipótese da pesquisa em que o aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais que lhe concede um conhecimento para o trabalho e a maioria tem atitudes de confiança e reciprocidade.

A próxima questão visa a verificar se o aluno tem característica de reciprocidade, em que foi perguntado “Quando recebe algo positivo procura devolver na mesma proporção ou acredita que o universo irá devolver?”. A maioria, seis alunos, disse que procura devolver na mesma proporção. Os demais falaram que nem sempre, somente quando a pessoa necessita ou na dependência, devolvem na mesma proporção se estiver em um negócio ou trabalho profissional. Entretanto, ressaltaram que, se for caridade, procuram dar sem pensar em recompensa. Essas respostas também confirmam a segunda hipótese do trabalho, em que os alunos do curso de Administração têm atitudes de reciprocidade.

Quando foi perguntado se conheciam o termo capital humano, cinco alunos informaram que conheciam o termo, mas não lembravam o conceito, dois conceituaram erroneamente, um aluno confundiu com o conceito do capital social. Somente uma aluna não conhece o termo capital humano, quatro alunos conhecem o termo e o conceituaram. Outra questão, que tem a finalidade de relacionar o capital social com o capital humano, foi feita aos alunos: “Você acredita que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano?” A maioria, oito alunos, disse que sim, pois adquiriu conhecimentos, experiências, vivências e aprendizado por meio dos relacionamentos. Somente dois alunos disseram que não, informando que o seu capital humano foi concebido por méritos próprios e por trabalho. A resposta dos entrevistados confirma a terceira hipótese da pesquisa: “O aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e pessoais que lhe proporciona mostrar o seu capital humano”, visto que maioria afirmou que a rede de relacionamentos contribuiu para a composição do capital humano, porque a convivência com

outras pessoas promove o conhecimento e experiências, as quais irão se multiplicando e sendo transmitidas a outras pessoas, pois sempre é tempo de aprender e tempo de ensinar. E nesta intersecção de relacionamentos, ensinamentos, aprendizagens, trabalhos é que reside a relação entre capital social e capital humano.

5 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os procedimentos metodológicos possibilitaram, por meio da revisão de literatura do capital social e capital humano, conhecer os principais conceitos delimitados por este estudo. A revisão da literatura propiciou a apresentação das possíveis relações entre o capital social e capital humano, por meio dos autores que se debruçam a pesquisar o assunto. E para fazer ligação com a pesquisa bibliográfica, as pesquisas quantitativas e qualitativas realizaram a sua função, trazendo aspectos inovadores na busca de confirmar ou refutar o que foi marcado como hipóteses deste estudo.

Os resultados mostraram inicialmente que a apresentação foi inédita e deu conta de comprovar os principais conceitos de capital social e de capital humano, tanto na vertente individual, com Bourdieu (1998) e Granovetter (1983), como coletiva, com os autores Coleman (1988), Fukuyama (1999) e Putnam (1998). Também foram exibidas as relações entre esses dois capitais que, segundo Coleman (1988), se completaram, visto que a primeira rede de relacionamentos é com a família e existe uma grande probabilidade de os pais passarem para os seus filhos uma profissão de acordo com o capital humano adquirido. No entanto, para Putnam (1993, p.17), “Capital social aumenta os benefícios de investimento em capital físico e capital humano”. Para Bourdieu (1998), o capital social e o capital humano se complementam devido às primeiras redes de relacionamentos que são a família, porém a cultura e a educação são características determinantes para haver a relação, ou melhor, a complementação entre capital social e capital humano, pois, segundo o autor, o acesso à educação está ligado diretamente com a cultura e a classe social, em que os mais favorecidos têm chance de ter acesso às melhores escolas e de adquirir um conhecimento acerca da cultura muito maior do que indivíduos de classe social desfavorecida. A pesquisa realizada mostra que o perfil dos alunos trabalhadores do curso de Administração descende de classe social, medida economicamente, pobre, e seus familiares tiveram acesso aos ensinos primário

(fundamental) e médio, sendo completo e incompleto. Por esse motivo, os indicadores experiência e educação trarão uma identificação das relações entre capital social e capital humano.

A educação, segundo Schultz (1973), é determinante para o desenvolvimento econômico de um país, pois os ganhos de produtividade são resultados dos esforços intelectual e braçal dos trabalhadores, que possuem, de certa maneira, uma qualificação que é concebida por meio da educação, -Após a aquisição da educação, conforme Moreto (1997) e Souza (2007), e, em seguida, por meio da pesquisa realizada com os alunos, verificou-se a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes – CHA, que proporciona uma qualificação para o trabalho e a possibilidade de receber uma renda adequada.

Os alunos trabalhadores do curso de Administração, apesar de não terem concluído um curso de graduação até 2015, dedicaram-se aos estudos por mais de treze anos, no entanto 34,25% revelaram que não conseguem escrever um texto na mesma proporção que se comunicam. Esse panorama ratifica que existe uma deficiência na educação e a necessidade de um estudo que contemple conhecimento, habilidade e atitude – CHA para os estudantes terem um desempenho profissional que considere, na totalidade, as competências que o mercado profissional exige. Por outro lado, a maioria, 64,38%, gosta do trabalho que realiza no momento da pesquisa, 53,42% investem na profissão e recebem uma renda razoável. Esse resultado possibilitou a interpretação de que 61,64% que revelaram conseguir escrever como se comunicam, investem nos estudos e na profissão, realizam de um a dois estágios (56,16%) e recebem renda em torno de um a quatro salários mínimos. No tocante a entrevistas, todos os entrevistados estavam trabalhando e responderam que a rede de relacionamentos proporcionou conseguir um emprego e também ajudou na construção do capital humano.

Outro fato curioso é, que apesar de 50,68% não terem realizado atividades referentes à promoção da cidadania, 84,93% (quando somado o percentual daqueles que concordam – 60,27% - ao dos que concordam totalmente – 24,66%) têm atitudes de cidadania, pois se importam com a coletividade. Tanto para Putnam, Coleman e Fukuyama, a preocupação com o grupo, ou seja, coletividade é um indicativo importante para a composição do capital social. Não foram realizadas, nas entrevistas, perguntas contemplando aspectos éticos e de cidadania, pois não é o foco deste estudo, mas é importante se averiguar, e fica a indicação para futuros trabalhos, em que Matos (2009) destaca a importância dos aspectos éticos e de civilidade para a composição do capital social e também do capital humano, pois profissionais éticos e preocupados com o desenvolvimento econômico e social de determinada comunidade, conforme atesta (Fukuyama (1999), têm grande probabilidade de adquirir competência e aptidão para o trabalho, ajudando a sociedade, a ser mais harmônica, ou seja, mais gentil.

O perfil dos entrevistados comprova a pesquisa quantitativa, visto que o grupo de alunos tanto da pesquisa quantitativa como qualitativa são os alunos concluintes do curso de Administração e mostra que uma parcela pequena, mas significativa dos alunos têm confiança e reciprocidade, mas outra parte não, conforme relatado posteriormente. As entrevistas foram descontraídas, conforme sugere Gil (2010), na busca de tentar ratificar os dados coletados na pesquisa quantitativa, e ajudaram a confirmar as hipóteses e mostrar a relação entre o capital social e capital humano.

No quesito confiança, 32,88% dos alunos da pesquisa quantitativa concordam, quando foi realizada a pergunta: “Sinto-me seguro ao confiar nas pessoas” e 46,58% discordam, mostrando que não confiam nas pessoas. Nas entrevistas, a maioria não confia nas pessoas e somente dois alunos disseram confiar em parte. A maioria deles também ouviu falar em capital social e capital humano, mas nem todos conseguiram conceituar corretamente. Na pesquisa quantitativa, quando perguntado: “Tenho muitas amizades presenciais e

confiáveis”, 54,79% concordam e 9,59% concordam totalmente. Esse resultado reflete a entrevista em que três alunos disseram confiar nos relacionamentos presenciais, mas os demais informaram não confiar e quando confiam, é com certo cuidado. Outra questão que merece atenção neste quesito quando foi perguntado: “Tenho muitas amizades virtuais e não confiáveis”, 38,76% discordam e 13,70% discordam totalmente, mostrando assim um grau de confiança diferente entre os alunos entrevistados, em que somente dois alunos confiavam nos relacionamentos virtuais, os demais não confiavam. Com relação à questão que procura verificar a reciprocidade, com exceção de um aluno, todos os demais procuraram devolver na mesma proporção quando receberam algo positivo; 45,21% – (quando somado 41,10% concordo com 4,11% concordo totalmente) quando recebem algo sempre devolvem em dobro. Fato que merece atenção foi o número de alunos que assinalaram nem concordo e nem discordo – 24,66% – quase igual aos que discordam 21,92% - (quando somado discordo – 19,18% com discordo totalmente – 2,74%). Esse resultado possibilitou a interpretação que metade dos alunos não pratica a reciprocidade, podendo ser porque são jovens e não tiveram a necessidade e maturidade para fazer parte das relações de troca.

A rede de relacionamentos possibilitou a aquisição de emprego segundo os alunos entrevistados. Fato diferente aconteceu com os alunos que responderam à pesquisa quantitativa, em que apenas 15,07% afirmam participar das redes sociais virtuais e por isso são indicados para emprego, mas é preciso levar em consideração que 31,51% nem concordam e nem discordam, possibilitando a interpretação de que esse resultado mostra certo não reconhecimento dos relacionamentos de trocas e de reciprocidade, pois 50,69% (quando somado o percentual daqueles que discordam – 39,73% - ao dos que discordam totalmente 10,96%) ratificaram essa interpretação. A próxima questão, que visa confirmar a informação, quando perguntado: “Participo de todas as redes sociais virtuais, porém não consigo um emprego adequado” mais que a metade dos alunos 57,54% (quando somado o percentual daqueles que discordam – 41,10% – ao dos que discordam totalmente – 16,44% – fica evidente que houve interpretação equivocada das duas questões, portanto se

entende que as redes sociais auxiliam na busca de um emprego, conforme foi revelado na entrevista.

Acredita-se que a pesquisa com os alunos trabalhadores concluintes do curso de Administração traz especificidades que merecem ser discutidas em virtude de propor um debate no campo das Ciências Sociais, pois o resultado esperado, em virtude da literatura adotada neste estudo mostrar que, tanto o capital social como o capital humano faz parte de um contexto econômico e social na vida cotidiana da população, em particular de um grupo de pessoas. Os alunos mostraram na questão: “Gosto do meu trabalho por isso tenho muitos colegas e amigos”, em que mais que a metade concordou com a assertiva, as relações entre o capital social e o capital humano. Nas entrevistas, com exceção de dois alunos, os demais acreditaram que a rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano, resultando novamente as relações entre o capital social e o capital humano.

Em outro quesito, o grupo de alunos apontou esse entendimento, visto que os relacionamentos tanto materiais como virtuais estão passando por transformações que merecem destaque em estudos acadêmicos. Mas, é verificado que existe desconfiança, quando o assunto é relacionamento, apesar de a maioria declarar que obteve um emprego por meio dos relacionamentos. Para ter uma sociedade cívica, conforme Putnam (1988) menciona, o quesito confiança precisa estar presente nas relações de troca. Percebe-se que essa característica do capital social não faz parte da rotina de todos os alunos concluintes do curso de Administração e nem a reciprocidade, pois ficou evidente que ela não é praticada na totalidade pelos alunos, devido fazer parte das relações de troca. No quesito educação, em que se faz presente o capital humano, verificou-se que todos estão investindo nos estudos e na profissão e recebem renda adequada, portanto a busca de conhecimento, habilidade e atitude faz parte do ideal dos alunos que buscam uma qualificação no mercado de trabalho e existe grande probabilidade de a conseguirem e com capital social essa afirmação poderá ser verdadeira.

As revelações obtidas, em parte, não foram como o esperado, pois se pretendia provar, além da relação entre os dois capitais considerados subjetivos no primeiro momento e depois objetivos, quando se afasta da abstração, que os alunos concluintes tinham características de confiança e reciprocidade. Fica, porém, o aprendizado, pois quando se realiza a comparação com o referencial teórico utilizado neste estudo, permanece a imagem de duas categorias que são o capital social positivo e o capital social negativo, mas, quando há um instrumento que visa a buscar uma métrica de um grupo conhecido, a visão é totalmente diferente. Saber que um grupo de 83 alunos não tem a confiança necessária e a reciprocidade reconhecida na busca de conseguir um capital humano que promova conhecimento, habilidade e atitude, é um aprendizado ímpar.

Generalizando, as relações entre o capital social e o capital humano foram encontradas na literatura, com destaque para Coleman e Bourdieu, e por meio das pesquisas quantitativas e qualitativas, que mostraram os aspectos de confiança e reciprocidade relacionados ao capital social e anos de estudo e experiência para adquirir conhecimento, habilidade e atitude referentes ao capital humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese procurou demonstrar que a empregabilidade nos dias de hoje, ou seja, em 2016, não depende apenas do capital humano, mas também e fundamentalmente do capital social, pois as relações sociais se consolidam, sobretudo a partir das características e potenciais do indivíduo, para trocar com outros indivíduos, seja no âmbito imaterial como simpatia, empatia, atenção, inteligência, sabedoria, felicidade, serviços diversos que não têm uma quantificação tangível. A pessoa dotada de potenciais não expressos na sociedade de acordo com as relações de trocas, não consegue desenvolver relações de amizade e tampouco contribuir para um mundo bem melhor.

O compromisso aqui assumido foi o de mostrar a importância das competências profissionais e, ao mesmo tempo, das relações sociais, isto é, do que se convencionou denominar *networking*: relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos em diversas oportunidades sejam na escola, na família, na religião, na academia, nas associações de moradores de um bairro, nos condomínios, no lazer, enfim, em todos os relacionamentos sociais. Essa inquietação surgiu no desempenho de minha profissão como docente e coordenadora de curso, percebendo que os alunos não aproveitam o ambiente para fazer *networking*, estando apenas preocupados em ser aprovados nas disciplinas, sem aproveitar o aprendizado à disposição a ser comprovado na prática no mercado de trabalho.

Buscando outra maneira de ensinar e fazer com que o aluno realmente aprenda na instituição em que atuo, juntamente com outros docentes, realizamos mudanças significativas no PPC – Projeto Pedagógico do Curso, incluindo atividades práticas que permitam aos alunos realizarem, de forma lúdica, o aprendizado oferecido em sala de aula.

O curso de Administração tem como objetivo principal preparar os alunos para gerenciar qualquer tipo de empresa, desempenhando as funções do administrador: comandar, liderar, coordenar, planejar, controlar. Por isso, tivemos a preocupação de planejar variados eventos para permitir-lhes a prática da administração. Assim, a organização das bancas de TCC contou com o trabalho dos alunos na elaboração das planilhas, escolhendo as datas, professores, salas de aulas e todos os procedimentos com o setor de eventos para realizar a logística, como aprenderam nas disciplinas, além de fazer a recepção, controlar a entrada e saída de alunos e professores e também fornecer as declarações de presença que valem como horas de atividades complementares, parte da tarefa.

Outro evento muito importante é a organização da festa junina da instituição. Os alunos precisam conseguir valores monetários, brindes e contribuições para a festa, oportunidade para a construção de seu capital social. Para este evento existe a divisão de comissões que são: financeiro, marketing, divulgação, infraestrutura, recursos humanos, atendimento, projetos, negociação, decoração e outros. Neste ano, 2016, os alunos conseguiram persuadir todos os cursos para montarem barracas e participarem com seus familiares.

A Feira de Recrutamento e Carreira organizada por alunos que fazem parte da Empresa Júnior é outro evento anual coordenado pelos discentes. Eles entram em contato com as empresas, fazendo o convite conforme um planejamento elaborado com quatro meses de antecedência. A logística, *briefing* (*carta apresentando o evento*), divulgação, organização e atendimento são realizados pelos alunos, tendo um professor acompanhando.

A Jornada Administrativa, um evento que ocorreria durante uma semana, mas em 2016 aconteceu em dois dias da semana, visa realizar a confraternização do curso, pois é feito no mês de setembro, dia 09, que é

comemorado o dia do administrador. Os alunos precisam escolher um tema, depois uma logomarca para o evento. Fazer o *briefing* e contatar palestrantes ou empresas. Existe a divisão em setores, em que o setor financeiro precisa captar recursos para fazer o evento. Os alunos buscam doações, fazem rifas, vendem doces e salgados, ações de responsabilidade do setor de divulgação e marketing. Esse evento tem uma característica diferente, é preciso criatividade, pois a jornada precisa superar o evento anterior, ou seja, a jornada do ano anterior.

Todos esses eventos ajudam os alunos a trabalhar em equipe, porém é necessário administrar os conflitos que é o mais trabalhoso e na maioria das vezes, os professores e a coordenação precisam se fazer presentes para buscar o equilíbrio. Também existe a participação, em reuniões de colegiados de representantes e também de professores.

As visitas técnicas são atividades extra sala de aula, mas, na maioria das vezes, são organizadas pelos professores. Já aconteceu de um aluno solicitar uma visita técnica e a coordenação aceitar e organizar. Outro caso que merece ser destacado: uma aluna que trabalha no Metrô conseguiu diversas visitas monitoradas, em vários setores do Metrô de que não tínhamos conhecimento da possibilidade de visitas, o que na realidade tornou-se um aprendizado sobre a cidade de São Paulo, com relação ao transporte público e à cultura que o Metrô conseguiu implantar.

Todas essas atividades têm, como objetivo, ampliar o conhecimento do mundo por meio da academia. Assim, possibilita-se que o aluno tenha o conhecimento, habilidade e atitude – CHA, porém como é proposto insistentemente, em várias disciplinas do curso, com destaque para recursos humanos e administração contemporânea, os discentes precisam fazer os relacionamentos intra e extra instituição de ensino.

Esse relacionamento é importante, pois abrirá expectativas para que o aluno possa ser indicado para uma vaga de emprego, não apenas para entrevista e sim pelos seus potenciais e suas características positivas, como honestidade, inteligência, resiliência, simpatia, empatia, entre outras.

Ratificando, essas relações sociais contribuem uma parcela significativa na formação pessoal do indivíduo, pois a todo o momento estará relacionando-se com pessoas, grupos, empresas, associações, família, com e sem fins lucrativos, religiões e escolas, como no caso dos alunos que estão concluindo um curso de graduação, pois, na construção do eu e do conhecimento, existem habilidades e atitudes que acontecerão no âmbito social, decorrentes das relações e interações dentro de um contexto em que as pessoas vivem.

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi concretizado, mostrando as relações entre o capital social e o capital humano, pois na questão 13, apresentado na figura 21, em que a maioria (64,38%) concorde com a questão: “Gosto do meu trabalho, por isso tenho muitos colegas e amigos”, observa-se que, trabalhar em um local que proporciona bem estar, é um ponto positivo para que o ambiente seja composto por pessoas amigas, formando grupos de relacionamentos. Para Coleman (1998), a amizade é um elemento chave para se conseguir a confiabilidade e a reciprocidade, característica essencial para a composição do capital social e, nesta fase de conclusão de curso dos alunos trabalhadores do curso de Administração, é importante conhecer pessoas e fazer amizades, que poderão ser úteis em um futuro profissional.

No entanto, verifica-se que o conhecimento da formação social e sua importância não é incorporado por uma parte significativa dos alunos, conforme os resultados demonstrados na questão que abrange a confiabilidade. Apesar de aproximadamente 15% dos estudantes não optarem (nem concordaram, nem discordaram), a maioria (64,6%) não confia, conforme apurado nas primeiras cinco questões. Entretanto, quando foi perguntado “Sinto-me seguro ao pegar o automóvel do meu familiar sem pedir autorização”, – 76,72% – (quando

somados aos percentuais discordo – 35,62% e discordo totalmente 41,10%) mostram que os alunos não concordam em pegar um automóvel sem pedir autorização, apontando assim aspectos de confiança. Esse resultado provavelmente evidencia que, nessa fase da vida, os alunos precisam estar atentos aos quesitos segurança e confiança visto que, para Putnam (1988), esses atributos possibilitam as trocas e promovem a dinâmica de atividades em uma sociedade, inclusive em questões econômicas como a geração de empregos para as futuras gerações, confirmando assim, em parte, a primeira hipótese deste estudo, resultando que o aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e não tem atitude de confiança, mas, visto pela questão seguinte, 76,72% têm atitudes de confiança, confirmando também, em parte, a segunda hipótese.

Na formação social, os alunos precisam praticar o que se acredita que eles saibam, o princípio de que o homem é um ser social desde que nasce e que necessita de outras pessoas para viver, ou seja, para realizar as suas potencialidades. Portanto, é necessário interagir, trocar, participar do contexto social, situação esta que foi representada no quesito reciprocidade, quando a maioria dos alunos (45,21%), afirma que, quando recebem algo em troca, procuram devolver em dobro. Curiosamente, nesta questão, 24,66% não opinaram. Para Putnam (1998), o aumento do grau de cooperação, reciprocidade e confiança são consequências e condições de retroalimentação do capital social positivo. Portanto, pode-se entender que, no quesito reciprocidade, os alunos entrevistados buscam retribuir algo quando recebem. Conforme Mauss (1974), a reciprocidade multiplica as trocas, devido ao tripé dar, receber e retribuir, mostrando que, no campo da reciprocidade, a primeira hipótese, em parte, foi refutada, quando se trata desse quesito. E confirma, em parte, a segunda hipótese, apontando que o aluno tem uma rede de relacionamentos virtuais e tem atitudes de reciprocidade.

Em relação ao capital humano, no quesito experiência, a maioria dos alunos possui experiência em setores administrativos, que varia de três a seis

anos, resultando a concepção e a busca do conhecimento, habilidade e atitude. Schultz (1973) mostra a importância do trabalho como parte do indivíduo e da mão de obra que é conquistada, por meio da educação e experiência, e que, nesta pesquisa, se deu em setores administrativos que possibilitam o crescimento da produção e satisfação das necessidades das pessoas no presente e também no futuro. No entanto, poderia ser mensurada a produtividade dos alunos trabalhadores do curso de Administração, conforme o processo produtivo, por meio de investimento em qualificação, produtividade, habilidade e competência, resultando em renda, que na concepção dos alunos, o investimento na profissão foi realizado por meio da educação e, até o momento, foi adequado, visto que esses estudantes estão concluindo um curso de graduação pela primeira vez e se dedicam aos estudos há mais de treze anos. Os resultados da pesquisa mostram que a maioria investiu na profissão e recebe uma renda considerada razoável, portanto o investimento em educação e na profissão está sendo favorável. Assim, verifica-se que os alunos têm o conhecimento para o trabalho demonstrado pelo capital humano.

Acredita-se que, apesar de os alunos trabalhadores estarem concluindo o curso de Administração, uma parcela significativa não conseguiu vislumbrar a importância de se posicionar diante do capital social e do capital humano, visto que, nas questões 01, 03, 05, 08, 11, 12, uma parte significativa dos alunos nem concordou e nem discordou, refletindo assim uma posição neutra. Entretanto, a maioria dos entrevistados conseguiu visualizar o capital social e o capital humano com suas respectivas características, em virtude da sua complementação, como preconiza Coleman (1998). Fica evidente que nas questões “Gosto do meu trabalho, por isso tenho muitos colegas e amigos” e “Você acredita que a rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano?” em que a maioria dos alunos concordou, confirmando assim a terceira hipótese do estudo e mostrando a relação entre o capital social e o capital humano.

O assunto sobre capital social e capital humano é extenso e não há intenção de esgotá-lo. Questões como ética, urbanidade e políticas públicas são temas para o capital social e o humano, porém fica a indicação para futuras pesquisas fundamentadas no quesito ética e cidadania, que são outras características do capital social e do capital humano e que foram tratadas superficialmente neste estudo, sem a fundamentação que o tema sugere, mas é importante destacar que 38,36% dos alunos informaram que realizaram atividades referentes à promoção da cidadania, e que 84,93% dos estudantes declararam que têm atitudes de cidadania, pois se preocupam com a coletividade. Nesse sentido, autores como Putnam, Coleman, Schultz, Santos e Silva (2014) elucidam que o capital social e o capital humano devem ser prioridade e atenção tanto do Estado como da sociedade, com o objetivo de educar o cidadão para atingir uma consciência sobre seus direitos e obrigações e gerar uma postura preocupada com o bem coletivo. Também destacam a importância da inserção da disciplina Sociologia com a finalidade de ligação entre o capital social e o capital humano.

REFERÊNCIAS

ABU-EL-HAJ. Jawdat. **O debate em torno do capital social: uma revisão crítica.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB, n. 47, pp. 65-79, 1º. sem. 1999.

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia. **Capital social e empreendedorismo local: proposição de políticas para a promoção de sistemas produtivos locais de micro, pequenas e médias empresas.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2002

ANUATTI-NETO, Francisco; NARITA, Renata Del Tedesco. **A influência da opção religiosa na acumulação do capital humano: um estudo exploratório.** Revista Estudos Econômicos. São Paulo, v 34, Nº 3, pp. 453-486, julho-setembro, 2004.

ARANHA, Maria. Lúcia. de e MARTINS, M. H. P. **Filosofando - Introdução à Filosofia,** São Paulo: Moderna, 1986.

ARAUJO, Maria Celina Soares D'. **Capital social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ASSIS, José Carlos de. **Trabalho como direito: fundamentos para uma política de promoção do pleno emprego no Brasil.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

BALASSIANO, Moises. SEABRA, Alexandre Alves; LEMOS Ana Heloisa. **Escolaridade, salários e empregabilidade: tem razão a teoria do Capital Humano?** Revista de Administração Contemporânea. São Paulo, v. 9, mbb: ANPAD, 2004.

BANCO MUNDIAL, **Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 1992.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993.

BAQUERO, Marcelo; CREMONESE, Dejalma (orgs.). **Capital social: teoria e prática.** Ijuí: Unijuí, 2006.

BAUDELOT, Christian; ESTABLET, Roger. **L'école capitaliste en France**. Paris: François Maspero, 1971.

BAUMAN, Zygmunt. **La cultura como praxis**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. **Ensaaios sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BBC portuguese/noticias. 08/05/14. **Brasil se distancia de média mundial em ranking de educação**. Acesso em 21/01/2015 as 17h20.

BECKER, Gary Stanley. **El capital humano**. Madrid: Alianza Universidad Textos, 1983.

_____. **Human Capital: A Theoretical and Empirical Analysis, with Special Reference to Education**, New York: Columbia University Press, 1964.

BOEIRA, Sergio Luís. BORBA, Julian. **Fundamentos do capital social**. Revista Ambiente e Sociedade. vol.9, nº. 1, Campinas, Jan./June, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **La distinción. Criterio y bases sociales Del gusto**. Madrid: Taurus, 1998.a

BOURDIEU, Pierre. **Le trois états du capital culturel**. Les Éditions de Minuit, Paris, 1979, p. 140-141.

_____. **O capital social – notas provisórias**. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOWLES, Samuel e GINTIS, Herbert. **Promessas quebradas. Reforma da escola em retrospectiva**. In: BROOKE, Niguel e SOARES, José Francisco (orgs.) **Pesquisa em eficácia escolar. Origem e trajetórias**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BRANDÃO, C. **O que é educação**, Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Educação profissional: um projeto para o desenvolvimento sustentado**, Brasília, 1995.

BROOKOVER, Wilbur. B. **Sociologia de La Educacion**, Pensilvânia: Universidade Nacional de San Marcos, 1964. In: FORACCHI, Marialice; PEREIRA, Luís. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1974.

CANTILLON, Richard. *Essai sur la nature du commerce en general: Civilisations, Année*, 1955. Volume 10 Número 4 pp. 598-600.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura)**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Cláudio de Moura, **Educação, educabilidade e desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileira, 1972.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

COLEMAN, James Samuel. **Foundations of social theory**. Harvard University: Press, 1990.

_____. **"Normas como o capital social"**. In: RADNITSKY, et al. **Imperialismo econômico : o método econômico aplicado fora do campo da economia**. New York: Paragon, 1987.

_____, **Social Capital in the Creation of Human Capital**. Chicago: University of Chicago, 1988.

COMPANS, Rose. **Empreendedorismo urbano**. São Paulo: UNESP, 2005.

CORAGGIO, José Luiz. **Desenvolvimento Humano e Educação: o papel das ONGs latino-americanas na iniciativa da Educação para todos**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

COSTA, F. J. **Mensuração e desenvolvimento de escalas: aplicações em administração**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. **Confiança, capital social e desenvolvimento territorial**. Revista RA'EGA, Curitiba: Editora da UFPR, n. 4, pp. 49-60. 2000.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

DORNELAS, José C. Assis. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. 1º Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Economia da família**. In: ACOSTA, A.R. & VITALE, M.A.F. (Orgs.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. 2º. Ed, São Paulo: Cortez Editora, 2005.

DUBAR, C. **A sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência**. In: Educação & Sociedade. Ano XIX, setembro, 1998.

DURKHEIM, Émile (1964). **A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora**. In: **Educação e sociedade**. Orgs. PEREIRA, Luiz & FORACCHI, Marialice. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1974.

_____. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Atlas, 1969.

_____. **Sociologia**. Organizador: José Albertino Rodrigues. São Paulo: Ática, 1999.

DURSTON, John. **Evalutando capital social en comunidades campesinas en Chile**. Presentación realizada a La Fundación Ford. Santiago, dezembro, 2001. Disponível em http://www.asesoriasparaeldesarrollo.cl/files/evaluando_capital_social.pdf. Acesso em 6 mar. 2014.

DUTRA, Joel de Souza. **Gestão de Competências**. São Paulo: Ed. Gente, 2001

DRUCKER, Peter. **Inovação e Espírito Empreendedor Prática e Princípios**. São Paulo: Cengage Learning, 1986.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

EBOLI, Marisa. **Educação Corporativa no Brasil: mitos e verdades**. São Paulo: Gente, 2004.

EDVISSON, L.; MALONE, M. S. **Capital intelectual, descobrindo o valor real de sua empresa pela identificação de seus valores internos**. Tradução: Roberto Galman. São Paulo: Makron Books, 1998.

FALCHI, Susana. **Baixa qualificação do trabalhador brasileiro e o crescimento da massa salarial**. Jornal do Brasil. 20/10/2014.

FDC – **Fundação Dom Cabral**. Disponível em https://www.fdc.org.br/blogespacodialogo/Documents/2015/relatorio_global_competitividade2015.pdf. Acesso em: 15 mai. 2016.

FERNANDES, Antonio Sergio Araujo. **O capital social e a análise institucional e de políticas públicas**. RAP - Rio de Janeiro 36(3): 375-98, Maio/ Jun. 2002.

FERRAGINA, E. **Social Capital and Equality: Tocqueville's Legacy**. "The Tocqueville Review, vol. XXXI: 73-98" http://www.emanueleferragina.com/attachments/002_Ferragina%20Tocqueville%20review.2010.Pdf.

FERREIRA, A. B. H. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 11. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 1301p.

FORACCHI, Marialice. e PEREIRA, Luís. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1974.

FREIRE, Paulo. **O papel da educação na humanização**. São Paulo: Revista Paz e Terra, 1969.

FREY, Klaus. **Capital social, comunidade e democracia**. Ensaio bibliográfico. Política & Sociedade, nº 02, abril de 2003. In: PUTMAN, Robert. D. Bowling Alone. **The collapse and Revial of American Community**. New York: Simon & Schuster. 2000. (Citações conforme First Touchstone Editon, 2000. 541p.) Disponível> <https://periodicos.ufsc.br//Index.php/politica/article/view/4958>. Acesso: 13/09/2014.

FUKUYAMA, Francis. **Capital social e sociedade civil**. Instituto de Políticas Públicas George Mason University, 01 de outubro de 1999.

_____. **Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GARCIA, Ignácio. Do **Capital Humano ao Capital Social. A nova ciência das redes organizacionais na Gestão de Pessoas**. HSM online, 21/09/2009, acesso dia 26/01/16 às 15h22.

GASTALDI, J.Petrelli. **Elementos de economia política**, 19º ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Granovetter, Mark. **The strength of weak ties: a network theory revisited**. In: Sociological Theory. Ed. Randall Collins. San Francisco, Califórnia, série Jossey-Bass, v.1. p.2001-2233. Disponível em <http://www.soc.ucsb.edu/faculty/friedkin/Syllabi/Soc148/Granovetter%201983.pdf>. Acesso em 16/11/ 2014.

HANIFAN, Lyda Judson. **The Rural School Community in rev. Annales of The American Academy of Polica and social. Sciences**, nr. 67/1916.

HIGGIS, Silvio Salej. **Precisamos de capital social? Sim, mas socializando o capital**. Revista Eletrônica de Pós Graduando em Sociologia Política da UFSC, nº 1 (3), vol. 2, janeiro – julho, 2005, pp. 1-21.

_____. **Os Fundamentos Teóricos do Capital Social**. Chapecó, Argos: Universitária, 2005.

HIRSHMAN, Albert. **Against parsimony: three cases way of complicating some categories of economic discourse**. American Economic Review 74, 1984.

IANNI, Octavio. (org.) **Karl Marx: sociologia**. 2a. ed. São Paulo: Editora Ática, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE, PNAD 2014. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/trabalhorendimento/pnad2014>, Acesso em 15/10/2016.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Wmf Martins, 1990.

JAEGER, Werner. **Quando a escola é a aldeia**. IN: BRANDÃO, C. **O que é educação**, Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KAPLAN Robert S. ; NORTON, David P. **The Balanced Scorecard—Measures that Drive Performance**. HARVARD BUSINES SREVIEW January–February 1992.

Keynes, John Maynard. **Teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Atlas, 1982.

LAZZARESCHI, Noêmia. **Sociologia do trabalho**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

LIBÂNEO, J. L. (1985). **Democratização da Escola Pública – A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

LINTON, Ralph. **O homem: uma introdução à antropologia**, São Paulo: Martins Fontes, 1967..

LODI, Odete F. **O binômio do capital humano – capital social**. [on line] In: Seminário de Centro Ciências Sociais Aplicadas, Cascavel, 2004. Referencia obtida via base de dados da UNIOESTE, 13/10/2015.

MACHADO FILHO, Cláudio Antônio Pinheiro, ZYLBERSZTAJN, Décio. **Capital Reputacional e responsabilidade social: considerações teóricas**. Cadernos de Pesquisas em Administração, São Paulo: vol. 11, nº 2, pp. 87-98, abril/junho, 2004.

MACKE, Janaina. **Programas de Responsabilidade Social Corporativa e Capital Social: contribuições para o desenvolvimento local?** 2006. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MANNHEIN, Karl. **A educação como técnica social**. In: **Educação e sociedade**. Orgs. PEREIRA, Luiz & FORACCHI, Marialice. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1964, pp.88-90.

MANFREDI, Silvia Maria. **Trabalho, qualificação e educação – das dimensões conceituais e políticas**. VIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, Brasília, 1997.

MARX, Karl. **O capital: o processo de produção do capital**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. Livro 1.

_____. **O capital: crítica da economia política**. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os economistas).

_____. ENGELS, Friedrich. **La ideologia Alemã**. Montevideo: Pueblos Unidos; Barcelona: Grijalbo, 1974.

MATOS, Heloiza. **Capital social e comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MAXIMIANO, Antonio C. Amaru. **Introdução à Administração – Compacta**. 1. Ed. 4. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MENDES, Cinthia da Cunha. **A gestão do conhecimento no universo dos intangíveis**. T&C Amazônia, Ano 1, nº 1, Fev de 2003.

MENDES, *Cinthia da Cunha*. **A gestão do conhecimento no universo dos intangíveis**. T&C Amazônia, Ano 1, no 1, Fev de 2003

MINTZBERG, Henry. Five por strategy. In: MINTZBERG, Henry.; QUINN, James Brian. **The strategy process: concepts, contexts, and cases**. 3. ed. New Jersey: Prentice-Hall, 1996.

MONTESQUIEU, C.L. **O Espírito das leis**: Martins Fontes, 1996.

MORGAN, G. Paradigmas, **Metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações**. In: CALDAS, M.: BERTERO, C.O. (Org.) Teoria das organizações. São Paulo: Atlas, 2007, pp.12-33.

MORETTO, Cleide Fátima, **O capital humano e a ciência econômica: algumas considerações**. Teor. Evid. Econ., Passo Fundo, v. 5, n. 9, p. 67-80, maio 1997.

NERI, Marcelo. Políticas estruturais de combate à pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, Ricardo (coord.) **Desigualdade e Pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

PISCHETOLA, Magda. **Capital humano e capital social como fatores chave de inovação na escola**. Entrever, Florianópolis, v.2, n.3, pp. 236-250, jul./dez. 2012.

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2015. O trabalho como motor do desenvolvimento humano**. 2015, New York, USA, 2015.

PINTO, A. Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1982.

PORTER, Michael E. **Competitive advantage**. New York: Free Press. Disponível na biblioteca da FEA/USP), 1985.

Programa de Governo: **Coligação Lula Presidente**, 2002 disponível em <http://www1.uol.com.br/fernandorodrigues/arquivos/eleicoes02/plano2002lula.pdf>. > Acesso em 08/05/2015.

PUTNAM, Robert. **Bowling alone: America's declining social capital**. Journal of Democracy, v. 6, n. 1. 1995, pp. 65-78.

Bowling alone: the collapse and revival of American community. Nova York: Simon & Schuster, 2000.

Comunidade e democracia: A experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna. 3º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

RICARDO, David. **Princípios de Economia Política e Tributação.** São Paulo: Nova Cultural, 1982.

RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global do trabalho.** São Paulo: Makron Books, 1995.

RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano. **Educação e Economia nos anos 1990: a resignificação da teoria do capital humano.** 2º SEMINÁRIO NACIONAL ESTADO E POLÍTICAS SOCIAIS NO BRASIL. Outubro, 2005.

ROSSI, Wagner Gonçalves. **Capitalismo e Educação.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1975.

RUIZ, Osvaldo López. **A técnica como capital e o capital humano genético.** Pós-Doutorado no Programa de Formação de Quadros do CEBRAP, São Paulo, 2007.

O consumo como investimento: a teoria do capital humano e o capital humano como *ethos*. III Encontro Nacional de Estudos do Consumo no Rio de Janeiro, Dezembro, 2009.

SAY, Jean Baptiste. **Tratado de economia política.** São Paulo: Nova Cultural, 1986.

SANTOS, Laymert Garcia dos. "Apresentação". In: López-Ruiz, Osvaldo. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: capital humano e empreendedorismo como valores sociais.** Rio de Janeiro: Azougue, pp. 16-18, 2007.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**, São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1983.

SEVERINO, A. J. **Filosofia da Educação – Construindo a cidadania**. FTD, São Paulo. (Coleção Aprender e Ensinar), 1994.

SCHUDSON, Michael. "What IF civic life didn't die?", March-April, 1996: 17-20
Disponível: (<http://epn.org/prospect/25/25> - cntl. Em <http://xroads.virginia.edu/hyper/deloc/assoc/25-cnt1html>). Acesso: 14/10/2015.

SCHULTZ, Theodore W. **O capital humano: Investimentos em educação e pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

_____. **O valor econômico da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SCHUMPETER, J. **The theory of economic development**. Harvard University Press, 1949.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Manual Do Perfil do Microempreendedor Individual**. 2015. Disponível em: <<http://gestaoportal.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/temas-estrategicos/perfil-dos-pequenos-negocios/microempreendedor-individual>> Acesso em 01/05/2015.

SILVA, Ivanilda, **Teorias do emprego segundo o enfoque do capital humano, da segmentação e dos mercados internos**. Revista da Fapese v. 2. Nº 2, pp.129-140, jul./dez. 2006.

SILVA, Afrânio de Oliveira; SANTOS, Caroline. **CAPITAL SOCIAL, CAPITAL HUMANO E EDUCAÇÃO: o ensino da sociologia e a construção da cidadania**. 2014. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/UAs/se/departamentos/sociologia/pespectiva_sociologica/Numero2/Artigo > Acesso em 01/03/2016.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu**. INFORMARE – Caderno do Programa Pós-Graduação em Ciências da Informação, v.I, n.º 2, p.24-36, jul./dez.1995.

SILVA, Jorge Antonio Santos. **“O papel do capital humano, do capital social e das inovações tecnológicas na formação de redes territoriais, no crescimento endógeno e no desenvolvimento regional.”** Santa Cruz do Sul: Redes, v. 10, n.2, pp. 129-152, 2005.

SILVA JUNIOR, Severino Domingos; COSTA, Francisco José. **Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e PhraseCompletion.** Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia. São Paulo, Brasil, V. 15, p. 1 16, outubro, 2014.

SILVA,^a Marcos Fernandes Gonçalves da. **Cooperation, social capital and economic performance.** Brazilian Journal of Political Economy, v. 26, n. 3, pp. 345-363, julho-setembro, 2006.

SIMMEL, Georg. **Problemas Fundamentais da Filosofia.** Coimbra, Atlântida, 1967.

SMITH, Adam. **A riqueza das Nações.** São Paulo: Nova Cultural. 1988.

SOUZA, José. dos Santos. **O recrudescimento da teoria do capital humano.** Caderno Cemarx: Centro de Estudos Marxistas. Unicamp. n.03, 2006.

SPANBAUER, Stanely. **Um sistema de qualidade para Educação.** São Paulo: Qualitymark, 2003.

STEWART, Tomas A. **Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SVEIBY, Karl Erik. **O valor do intangível.** Dossiê HSM Management, v. 4, n. 22, pp. 66-69, set./out. 2000.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Iniciação a Sociologia.** SP, atual; 1993.

USLANER, Eric M. **Trust, civic engagement, and the internet.** *Political communication*, v. 21, abr. – jun. 2004, pp. 223-242.

UNESCO. Planejamento da Educação. **Um levantamento mundial de problemas e perspectivas.** Tradução de Paulo Rogério Guimarães Esmanhoto. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano.** 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

XAVIER, Maria do Carmo (Org). **Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

WEINBERG, Mônica. **O ensino médio vai mudar, 2014.** Disponível em: <http://www.profemarli.com/mudancas-no-ensino-medio>> Acesso em 01/03/2016.

ZARIFIAN, Philippe. **Objetivo e competência.** São Paulo: Atlas, 2001. 197 p.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário sobre Capital Social e Capital Humano

Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE

Prezado (a) Aluno (a)

Você está sendo convidado (a) a participar espontaneamente do estudo intitulado: As relações entre capital social e capital humano. Ele tem como objetivo geral verificar as relações entre capital humano e capital social dos alunos do curso de Administração.

O procedimento adotado é a aplicação de um questionário autoadministrável, a ser respondido por 90 alunos. Alternativa ao questionário, como técnica de coleta de dados, também será realizada uma entrevista, escolhendo aleatoriamente os alunos que desejarem participar.

A sua participação no estudo é espontânea e não acarretará nenhum desconforto ou riscos para a vida do aluno, nem represálias por parte do professor e coordenador.

Haverá total sigilo acerca das suas respostas, contidas no questionário, visto que os dados da pesquisa serão analisados coletivamente, de forma a reunir todos os participantes que responderem ao questionário.

Como a participação dos alunos na pesquisa não implica custos, despesas, danos ou represálias, não estão previstas formas de ressarcimento nem de indenização. Como o estudo não inclui em seus procedimentos nenhum tipo de tratamento, não estão igualmente previstos acompanhamentos e assistência.

A pesquisadora se coloca à sua disposição para maiores esclarecimentos sobre sua participação. Haverá total liberdade para se recusar a participar da pesquisa, bastando que não responda ao questionário.

Eu, Edineide Maria de Oliveira, pesquisadora responsável pelo estudo, zelarei para que todos os procedimentos aqui descritos sejam cumpridos integralmente.

Edineide Maria de Oliveira

Doutoranda do Programa de Estudos de Pós-Graduados em
Ciências Sociais da PUC- SP

hedineide@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8483302151892240>

*obrigatório

Declaro que li, compreendi e aceito os termos da
pesquisa *

Ciente

Nome do aluno ²³

**FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS
PARA ESTUDO SOBRE CAPITAL SOCIAL E CAPITAL HUMANO**

Este questionário será lido automaticamente por um programa de computador. Por favor, NÃO AMASSE e UTILIZE CANETA AZUL OU PRETA para responder.

Preencha a escolha desejada dessa forma: ☒

Este questionário pretende coletar dados para um estudo sobre o capital humano e o capital social, no tocante à rede de relacionamentos envolvendo confiança e reciprocidade, impactando nas relações de trabalho, tendo como amostra de pesquisa, os alunos do Curso de Administração do UNIFAI-Centro Universitário Assunção. Desejo contar com a sua colaboração espontânea, respondendo ao questionário abaixo. VOCÊ NÃO PRECISA SE IDENTIFICAR, PORTANTO, NÃO ESCREVA SEU NOME NEM O DA EMPRESA ONDE TRABALHA. Por favor, forneça as suas respostas de acordo com as instruções, não deixando NENHUMA questão em branco. Cordialmente, profa. Edineide Maria de Oliveira/prof. Cleber Cicero Magnagnago.

0.1 Sinto-me seguro ao confiar na maioria das pessoas.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.2 Sinto-me seguro ao não confiar nas pessoas, pois todo cuidado ainda é pouco.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.3 Sinto-me seguro ao confiar nas instituições privadas como sindicatos, ONG e igrejas.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.4 Sinto-me seguro ao confiar no governo.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.5 Sinto-me seguro a não pagar impostos.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.6 Tenho atitudes de cidadania, pois me preocupo com a coletividade.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.7 Sinto-me seguro ao pegar o automóvel do meu familiar sem pedir autorização.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.8 Sinto-me seguro nas relações de troca. Quando recebo algo, sempre devolvo em dobro.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.9 Tenho muitas amizades presenciais e confiáveis.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.10 Tenho muitas amizades virtuais e não confiáveis.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

0.11 Participo de todas as redes sociais virtuais, por isso sempre sou indicado para empregos.

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Discordo totalmente | <input type="checkbox"/> Discordo | <input type="checkbox"/> Nem concordo, nem discordo |
| <input type="checkbox"/> Concordo | <input type="checkbox"/> Concordo totalmente | |

²³ O preenchimento deste campo não é obrigatório.

FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS
PARA ESTUDO SOBRE CAPITAL SOCIAL E CAPITAL HUMANO

0.12 Participo de todas as redes sociais virtuais, porém, não consigo um emprego adequado.

- ☐ Discordo totalmente ☐ Discordo ☐ Nem concordo, nem discordo
☐ Concordo ☐ Concordo totalmente

0.13 Gosto do meu trabalho, por isso tenho muitos colegas e amigos.

- ☐ Discordo totalmente ☐ Discordo ☐ Nem concordo, nem discordo
☐ Concordo ☐ Concordo totalmente

0.14 Quanto tempo você tem de experiência de trabalho em setores administrativos de empresas públicas ou privadas?

- ☐ Menos de um ano ☐ de um a dois anos ☐ de três a quatro anos ☐ de cinco a seis anos
☐ de sete a oito anos ☐ de nove a dez anos ☐ de onze a quinze anos ☐ mais de quinze anos

0.15 Você já concluiu algum curso de graduação?

- ☐ Sim ☐ Não

0.16 Quantos anos de sua vida você se dedicou aos estudos?

- ☐ de um a quatro anos ☐ de cinco a oito anos ☐ de nove a doze anos
☐ de treze a dezesseis anos ☐ mais de dezesseis anos

0.17 Você já fez intercâmbio de estudo em outros países?

- ☐ Sim ☐ Não

0.18 Você investiu em sua profissão e recebe uma renda que considera razoável?

- ☐ Sim ☐ Não

0.19 Você já realizou atividades referentes à promoção da cidadania?

- ☐ Sim ☐ Não

0.20 Quantos estágios você realizou?

- ☐ nenhum ☐ de um a dois ☐ de três a quatro ☐ de cinco a seis
☐ de sete a oito ☐ de nove a dez ☐ de onze a quinze ☐ mais de quinze

0.21 Você consegue escrever um texto na mesma proporção em que se comunica?

- ☐ Sim ☐ Não

0.22 Sexo?

- ☐ Masculino ☐ Feminino

0.23 Idade?

- ☐ 18 anos ☐ de 19 a 24 anos ☐ de 25 a 30 anos
☐ de 31 a 35 anos ☐ de 36 a 40 anos ☐ de 41 a 45 anos
☐ de 46 a 50 anos ☐ de 51 a 55 anos ☐ de 56 a 60 anos
☐ mais de 60 anos

0.24 Estado Civil?

- ☐ Solteiro ☐ Casado ☐ Outros

0.25 Qual a sua faixa salarial?

- ☐ até um salário mínimo ☐ de um a dois salários mínimos ☐ de dois a três salários mínimos
☐ de três a quatro salários mínimos ☐ de quatro a cinco salários mínimos ☐ de cinco a seis salários mínimos
☐ de seis a sete salários mínimos ☐ mais de sete salários mínimos



2975475569 0002

APÊNDICE B - PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS DE PESQUISA PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO - UNIFAI

Este questionário será lido automaticamente por um programa de computador. Por favor, NÃO AMASSE e UTILIZE CANETA AZUL OU PRETA para responder.

Preencha a escolha desejada dessa forma: ☒

O questionário é individual e ANÔNIMO. Trata-se de um levantamento de dados visando identificar o perfil dos alunos do Curso de Administração do Centro Universitário Assunção - UNIFAI, para atualização do PPC - Projeto Pedagógico do Curso. As informações serão utilizadas COM TOTAL SIGILO e EXCLUSIVAMENTE PARA FINS ACADÊMICOS. Obrigado!

0.1 Sexo?

☐ Masculino

☐ Feminino

0.2 Estado Civil?

☐ Solteiro

☐ Casado

☐ Outros

0.3 Faixa etária?

☐ 17-20 anos

☐ 21-25 anos

☐ 26-30 anos

☐ 31-35 anos

☐ 36-40 anos

☐ acima de 40 anos

0.4 Como voce se classifica em relacao a raca/cor?

☐ Branco

☐ Negro

☐ Pardo

☐ Amarelo

☐ Indigena

☐ Prefiro nao responder

0.5 Possui casa propria?

☐ Sim

☐ Nao

0.6 Possui automovel?

☐ Sim

☐ Nao

0.7 Em que regioao voce mora?

☐ Zona Norte

☐ Zona Sul

☐ Zona Leste

☐ Zona Oeste

☐ ABC

☐ Litoral

☐ Outra cidade da Grande Sao Paulo

☐ Fora da Grande Sao Paulo ou Litoral

0.8 Qual o grau de instrucao dos seus pais?

☐ Analfabeto

☐ Ensino Fundamental incompleto

☐ Ensino Fundamental completo

☐ Ensino medio incompleto

☐ Ensino medio completo

☐ Superior incompleto

☐ Superior completo

☐ Pos-graduacao incompleto

☐ Pos-graduacao completo

0.9 Qual a sua religiao?

☐ Catolico

☐ Evangelico

☐ Espirita

☐ Espirita Kardecista

☐ Judeu

☐ Muculmano

☐ Ateu

☐ Budista

☐ Camdomble

☐ Umbanda

☐ Budista

☐ Outro



310551170 0001

APÊNDICE C - ENTREVISTA COM ALUNOS CONCLUINTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Prezado Aluno (a)

Novamente convido-o (a) a participar do estudo “As relações entre Capital Social e Capital Humano” junto a Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP dos alunos concluintes do curso de Administração, mas agora por meio de uma entrevista semiestruturada com a finalidade de ratificar os dados colhidos na pesquisa quantitativa.

A entrevista tem a finalidade acadêmica e a participação do aluno (a) é voluntária e os (as) entrevistados (as) não serão gravados, filmados ou identificados por nenhum documento que não tenha o caráter acadêmico.

Edineide Maria de Oliveira

Doutoranda do Programa de Estudos de Pós-Graduados em
Ciências Sociais da PUC- SP

hedineide@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8483302151892240>

Entrevista

Com a finalidade de completar os dados da pesquisa quantitativa realizada no período de novembro de 2015, a entrevista deste trabalho tem como objetivo de responder o problema de pesquisa e confirmar ou refutar as hipóteses elaboradas. Para tanto houve um cuidado minucioso para que ocorresse uma relação e complementação das questões elaboradas na pesquisa quantitativa, conforme segue:

- 1) Você já ouviu falar em capital social? Se sim, o que significa?
- 2) Você tem uma rede de relacionamentos de contatos mais físicos ou virtuais?
- 3) Você confia nos relacionamentos? Por quê?
- 4) A rede de relacionamentos lhe proporcionou conseguir um emprego ou trabalho?
- 5) Quando você recebe algo positivo procura devolver na mesma proporção, ou acredita que o universo irá devolver?
- 6) Você já ouviu falar em Capital Humano? Caso positivo explique.
- 7) Você acredita que a sua rede de relacionamentos contribuiu para a composição do seu capital humano?